



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
NÚCLEO DE MEIO AMBIENTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE RECURSOS NATURAIS E
DESENVOLVIMENTO LOCAL NA AMAZÔNIA - PPGEDAM

CELINA LEILA CHAGAS DE OLIVEIRA COELHO

**BANCOS COMUNITÁRIOS DE DESENVOLVIMENTO:
O PAPEL DA COMUNICAÇÃO NA ECONOMIA SOLIDÁRIA**

Belém-PA
2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
NÚCLEO DE MEIO AMBIENTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE RECURSOS NATURAIS E
DESENVOLVIMENTO LOCAL NA AMAZÔNIA - PPGEDAM

CELINA LEILA CHAGAS DE OLIVEIRA COELHO

**BANCOS COMUNITÁRIOS DE DESENVOLVIMENTO:
O PAPEL DA COMUNICAÇÃO NA ECONOMIA SOLIDÁRIA**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Gestão de Recursos Naturais e Desenvolvimento Local da Amazônia, Mestrado Profissional UFPA, como requisito para obtenção do título de Mestre em Gestão de Recursos Naturais e Desenvolvimento Local da Amazônia.

Orientador: Prof. Dr. Sergio Cardoso de Moraes

Belém-PA
2014

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) –
Biblioteca do Núcleo de Meio Ambiente da UFPA**

Coelho, Celina Leila Chagas de Oliveira.

Bancos comunitários de desenvolvimento: o papel da comunicação na economia solidária / Celina Leila Chagas de Oliveira Coelho. - 2014
137 f. , 30 cm

Orientador: Prof.Dr. Sérgio Cardoso de Moraes

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Pará, Núcleo de Meio Ambiente, Programa de Pós-Graduação em Gestão de Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia, Belém, 2014.

1. Economia Social. 2. Comunidades - Desenvolvimento. 3. Desenvolvimento sustentável. I. Moraes, Sérgio Cardoso de, *orient.* II. Título.

CDD: 23. ed. 334



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
NÚCLEO DE MEIO AMBIENTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE RECURSOS NATURAIS E
DESENVOLVIMENTO LOCAL NA AMAZÔNIA - PPGEDAM

**BANCOS COMUNITÁRIOS DE DESENVOLVIMENTO:
O PAPEL DA COMUNICAÇÃO NA ECONOMIA SOLIDÁRIA**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Gestão de Recursos Naturais e Desenvolvimento Local da Amazônia, Mestrado Profissional UFPA, como requisito para obtenção do título de Mestre em Gestão de Recursos Naturais e Desenvolvimento Local da Amazônia

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Sérgio Cardoso de Moraes – Orientador

Prof. Dr. Agenor Sarraf Pacheco - Membro da Banca

Prof. Dr. Dirk Oesselmann - Membro da Banca

Apresentado em : ____/____/____

Conceito: _____

Este trabalho é dedicado ao fundador do Banco Palmas João Joaquim de Melo Neto e a todos os coordenadores de Bancos Comunitários de Desenvolvimento no Brasil, cujo trabalho inspirador transforma vidas em suas comunidades, em especial a Marivaldo Vale e Ivoneide Vale, fundadores do Banco Tupinambá.

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar à minha mãe, Celia Chagas, que esteve comigo em todos os altos e baixos da pesquisa;

Aos anjos da guarda que encontrei no caminho, que sem as suas contribuições esse trabalho não teria a mesma qualidade: Liziane Brito, Alisson Carvalho, Breno Valentini, Ricardo Bezerra, Manoela Costa, Suzane Moreira e Dahra Quintella;

Aos amigos queridos que não me deixaram desistir: Fernando Martini e Aline Fonseca;

Às participantes do projeto CECI-Mulheres;

À AIESEC, que me deu oportunidade de conhecer o Banco Tupinambá e tantos outros projetos e pessoas incríveis.

Ao Prof. Dr. Gilberto de Miranda Rocha que fez contribuições importantíssimas na qualificação.

Aos membros da banca Prof Dr. Agenor Sarraf Pacheco e Prof. Dr. Dirk Oesselmann por aceitarem o convite e trazerem questionamentos de valor inestimável à este estudo.

E ao meu orientador, Prof Dr. Sérgio Cardoso de Moraes por ter confiado em mim e me dado liberdade de escolher meu caminho na dissertação.

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo analisar o papel da comunicação voltada para mobilização na economia solidária e no desenvolvimento local, especialmente em Bancos Comunitários de Desenvolvimento (BCDs). A forma de comunicação principal a ser discutida é a em decorrência do Capital Social e de mobilização social, pois a utilização de meios de comunicação de massa não consegue alcançar toda a comunidade em que o Banco atua. Para tanto, o aporte teórico teve como foco a economia solidária e o meio ambiente; comunicação; capital social; e mobilização social. Além disso foram realizadas visitas a dois BCDs em Manaus, o banco Palmas em Fortaleza e o Banco Tupinambá na Baía do Sol em Mosqueiro (Belém), onde uma pesquisa qualitativa com mães cadastradas no Bolsa Família, programa do Governo Federal de ajuda financeira direta a famílias em estado pobreza ou pobreza extrema, participantes do projeto CECI-Mulheres, cujo resultado mostrou que, apesar do projeto existir há um ano, as participantes não tem muito claro os conceitos básicos de Economia Solidária e BCDs – visto que as mulheres que fazem parte dele são agentes formadores de opinião, logo o posicionamento delas dá indícios sobre como a comunidade vê o banco. Como parte da conclusão do trabalho, o diagnóstico realizado sobre os canais de comunicação existentes do Banco Tupinambá ressalta que a comunicação para fora da comunidade é mais frequente e trabalhada do que dentro da comunidade. Dessa forma foram relacionadas sugestões de novos canais de comunicação com foco na mobilização e no crescimento do capital social dentro da comunidade da Baía do Sol.

Palavras-Chave: Bancos Comunitários de Desenvolvimento. Capital Social, Comunicação. Economia Solidária.

ABSTRACT

The present study aims to analyze the role of communication in solidarity economy and local development, especially in Community Development Banks (BCDs). The primary form of communication to be discussed as a result of the Social Capital and mobilization, because the use of mass communication is not enough to reach the entire community in which the bank operates. For this purpose the theoretical framework focused on the solidarity economy and the environment; communication; social capital; and social mobilization. Also, it was realized visits to a two BCDs in Manaus, in the Palmas Bank (Fortaleza) and in the Banco Tupinambá (Moqueiro), where a qualitative study of mothers enrolled in the Bolsa Família, Federal Government Program which funds assistance to families living in poverty or extreme poverty, who participate in the project CECI-Mulheres, whose results showed that although the project has been carry out for a year, the participants do not clearly have the basic concepts of Solidarity Economy and BCDs – as women who belong to it are opinion formers, then their position give clues about how the community sees the bank. As part of conclusion of the work, it was realized an assessment about communication channels of Tupinambá Bank emphasizes that the outside communication is more advanced than the inside communication, therefore were made suggestions for new channels focused on mobilization and growth of social capital in Baía do Sol community.

Keywords: Community Development Banks, Social Capital, Communication, Solidarity Economy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1– Sede do Banco Palmas, em Fortaleza (CE).....	43
Figura 2 – Moeda de circulação do Banco Palmas	44
Figura 3 – Banco Comunitário Tupinambá.....	45
Figura 4 – Moqueio, a moeda de circulação dentro da comunidade atendida pelo Banco Tupinambá	47
Figura 5 – Baía do Sol.....	50
Figura 6 – Comunidade da Baía do Sol	52
Figura 7 – Baía do Sol.....	54
Figura 8 – Logomarca do Projeto CECI-Mulheres.....	55
Figura 9 – Feirinha Comunitária promovida pelo Projeto CECI-Mulheres	56
Figura 10 – Exemplo de propaganda do Banco Tupinambá	56
Figura 11 – Exemplo de propaganda do Banco Tupinambá	70
Figura 12 – Exemplo de evento promovido pelo Instituto Tupinambá.....	71

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 ECONOMIA SOLIDÁRIA E MEIO AMBIENTE	15
1.1 HISTÓRIA	16
1.2 CARACTERÍSTICAS.....	17
1.3 TIPOS DE COOPERATIVISMO	18
1.3.1 Cooperativismo de consumo	18
1.3.2 Cooperativismo de crédito	19
1.4 MEIO AMBIENTE, SUSTENTABILIDADE E DESENVOLVIMENTO	20
1.4.1 Hábitos de consumo	20
1.4.2 Modo de Produção	21
2 COMUNICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL	22
2.1 COMUNICAÇÃO	24
2.1.1 Comunicação e direitos	24
2.1.2 Comunicação e Educação/Informação	25
3 CAPITAL SOCIAL	27
4 MOBILIZAÇÃO SOCIAL E A COMUNICAÇÃO	33
4.1 FUNÇÕES.....	33
4.2 CORRESPONSABILIDADE	35
4.3 CRITÉRIOS DE VINCULAÇÃO.....	35
4.4 FATORES DE IDENTIFICAÇÃO.....	37
5 BANCOS COMUNITÁRIO DE DESENVOLVIMENTO	39
5.1.BANCO PALMAS	43
5.2 BANCO TUPINAMBÁ.....	45
6 BAÍA DO SOL	50
7 PROJETO CECI MULHERES	55
8 METODOLOGIA	58
8.1 VISITA DE CAMPO	59
8.1.1 1ª Visita ao Banco Tupinambá – História do Banco	60
8.1.2 1ª Visita ao projeto CECI-mulheres	60
8.1.3 Visita ao Banco Palmas	61

8.1.4 Visita ao Banco Liberdade.....	61
8.1.5 Visita ao Banco Conquista	62
8.1.6 Imersão na Baía do Sol	63
9 A REALIDADE A PARTIR DA PERCEÇÃO DAS PARTICIPANTES DO PROJETO CECI-MULHERES	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	77
SÍTIOS CONSULTADOS	79
ANEXOS	80

INTRODUÇÃO

Para a maioria dos gestores que mergulham de corpo e alma na área social, geralmente o ciclo de conhecimento se desenvolve da seguinte maneira: primeiro o gestor se apaixona pela causa, então decide fazer algo a respeito, aprende com a experiência, vai atrás de conhecimento técnico e, só então, a adapta à sua realidade. O processo de escrita dessa dissertação não foi diferente.

Olhando para minha carreira acadêmica pude perceber como tudo se conectou para chegar ao resultado dessa dissertação. O início desse percurso se deu em 2008 na graduação, com o trabalho de conclusão de curso sobre Marketing Viral, que na época estava começando a ficar em evidência devido à internet e ao poder de influência das redes sociais (físicas ou virtuais) no comportamento entre grupos. Mais tarde, continuei o caminho com o trabalho de pós-graduação em Gestão Social e Sustentabilidade, onde foi possível ficar mais próxima das dificuldades de mobilização de uma Associação de Moradores da área periférica de Curitiba e presenciar as barreiras com as quais a Presidente da Associação se deparava para engajar os moradores e dar continuidade aos trabalhos na comunidade.

Em 2011, houve a oportunidade de fazer imersão em trabalho voluntário na Fundación Cine al Aire, localizada na Ciudad Bolívar (Bogotá - Colômbia), uma comunidade marcada por uma história forte e recente de guerrilha, corrupção e outros problemas sociais. Apesar de contextos relativamente distantes de Curitiba ou Belém, também tinham os mesmos problemas relacionados à mobilização social.

No decorrer da pesquisa para esse trabalho, também foram feitas entrevistas em dois Bancos Comunitário de Desenvolvimento (BCD) em Manaus; um com mais participação popular, devido a trabalhos de comunicação da própria associação de moradores que mobilizou a implementação do Banco; já o outro estava sofrendo repetidos assaltos e encontrando dificuldades para funcionar plenamente na comunidade.

Com relação ao objeto de estudo, o Banco de Desenvolvimento Comunitário Tupinambá, em 2013 tive meu primeiro contato com o Banco. Já nas primeiras visitas pude perceber o resultado do capital social que eles já possuem, materializado na produção de eventos para a comunidade da Baía do Sol, Mosqueiro-PA; tanto durante as férias de julho, como no Ano Novo. Muitas vezes, com pouquíssimos recursos financeiros, fizeram eventos ricos em cultura,

participação e significado. Além de todos os contatos nacionais que possuem e um uso frequente de redes como Facebook, Youtube, Blog e site próprio. Durante o ano de 2013 também tive a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre Economia Solidária visitando uma feira do gênero em Curitiba e algo que chamou minha atenção: a distância entre a teoria sobre o que se espera da Economia Solidária - em especial relacionado a empoderamento e acesso ao conhecimento - e a prática. Quando conversei com algumas vendedoras da Feira que não sabiam nada sobre a filosofia que perpassa o tema, com exceção das empreendedoras que participaram desde o início do projeto. Pude observar esse mesmo fenômeno em conversas informais com as mulheres participantes do projeto CECI do Banco Tupinambá, na Baía do Sol. Esse fato recorrente chamou minha atenção especialmente porque a palavra empoderamento está presente no discurso de vários autores e líderes ligados à economia solidária e de acordo com Schiavo (2005), termo foi criado por Paulo Freire, quer dizer: “processo pelo qual um indivíduo, um grupo social ou uma instituição adquire autonomia para realizar, por si, as ações e mudanças necessárias ao seu crescimento e desenvolvimento pessoal e social” (SCHIAVO, 2005, p. 59) o que quer dizer que é um poder conquistado pelo sujeito da ação. Entre outras coisas esse processo implica em ter consciência de suas ações, condição atual e organização voltada para mudanças.

Os coordenadores do Banco também relataram dificuldades em conseguir voluntários da comunidade para trabalhar em outros projetos. E, no processo de entrevista das participantes do projeto CECI (mães cadastradas no programa Bolsa Família), o grupo social mais próximo do Banco, todas as participantes afirmaram enxergar a importância e o que já foi mudado na comunidade em decorrência do Banco, porém nenhuma soube explicar com clareza os conceitos básicos que regem a filosofia por trás dos Bancos Comunitários de Desenvolvimento, como Economia Solidária, moeda social e desenvolvimento. Isso é preocupante. Especialmente quando se fala de gestão participativa, um dos princípios da Economia Solidária.

Então o objetivo deste trabalho foi o de analisar o papel da comunicação social para Economia Solidária e o Desenvolvimento Local, no sentido de instrumentalizar os gestores solidários com técnicas de comunicação, especialmente para Bancos Comunitários que tem por objetivo incentivar diretamente o Desenvolvimento Local e possuem a característica de ter um raio de atuação bem definido e por isso têm

dificuldades em ter canais de comunicação, de mão dupla, que abranja todo seu raio de atuação.

E, seguindo a lógica do conhecimento citada no início, partimos para a busca pelo conhecimento teórico, que neste estudo ficou dividido em 4 capítulos:

Economia Solidária e Meio Ambiente: apresentação de um breve histórico sobre a Economia Solidária, principais características e a relação com meio ambiente, em especial relacionados à perspectiva do modo de produção e à hábitos de consumo.

Comunicação e Desenvolvimento: com foco de apresentar uma discussão sobre o papel da comunicação para o desenvolvimento local e sua relação com a cidadania e o direito ao acesso à informação.

Capital Social: trata sobre as principais definições para Capital Social, suas características e a importância das relações humanas para a prosperidade das organizações.

Mobilização Social: no quarto capítulo desse estudo, são apresentadas as funções, características, fatores de vinculações e fatores de identificação da mobilização social que irão auxiliar nas considerações finais desse estudo, como base para as sugestões de comunicação propostas, a partir do diagnóstico feito com pesquisa de campo.

A pesquisa de campo envolveu: visita *in loco* ao Banco Palmas (Fortaleza-CE), 2 BCDs em Manaus-AM e ao Banco Tupinambá (Baía do Sol-PA). Mais adiante também está detalhado como funcionam os Bancos Comunitários de Desenvolvimento (Moeda Social, tipos de crédito e projetos sociais), como surgiram o primeiro BCD do Brasil (Palmas) e o primeiro Banco Comunitário da Região Norte (Tupinambá), assim como será apresentada uma breve visão sobre a Baía do Sol e um resumo do CECI-Mulheres (Projeto social do Banco Tupinambá)

A pesquisa qualitativa teve por objetivo fazer um paralelo entre o discurso propagado pelo Banco Tupinambá e a percepção das participantes do projeto CECI-Mulheres sobre o impacto das atividades do BCD Tupinambá na comunidade. O foco incidiu sobre as mulheres participantes do projeto, por serem elas o grupo social que está mais próximo das atividades do Banco, portanto formadoras de opinião em suas redes sociais.

E por fim, na parte de adaptar o conhecimento à prática, nas considerações finais do trabalho foi feito um diagnóstico sobre os pontos fortes e fracos da

comunicação que o Banco Tupinambá coloca em prática, além de terem sido feitas sugestões a curto, médio e longo prazo, com foco em mídias alternativas e criação de espaços de diálogos para que o público da Baía do Sol – que tem acesso limitado à internet, e considerando as próprias limitações financeiras do Banco para veicular conteúdo nas mídias de massa, como rádio e televisão – tenha acesso às informações geradas pelo Banco e possam participar ativamente das tomadas de decisão, criando um capital social que inclua as várias redes sociais já existentes na Baía do Sol.

Nos anexos será possível ter acesso a transcrição das entrevistas realizadas e ao diagnóstico feito pelo próprio Banco Tupinambá sobre o CECI onde é apontado a falta de canais de comunicação com a comunidade da Baía do Sol.

1 ECONOMIA SOLIDÁRIA E MEIO AMBIENTE

1.1 HISTÓRIA

De acordo com Singer (2002), a economia solidária nasce logo após a revolução industrial como uma resposta ao rápido empobrecimento da população, sobretudo dos artesões, que ficaram à margem do processo fabril e do acesso ao maquinário de produção em larga escala. Com a exploração sem limites dos trabalhadores, começaram a surgir questionamentos sobre leis que regulamentassem o trabalho nas fábricas. Nesse contexto, Robert Owen, dono de um vasto complexo têxtil na Grã-Bretanha, decidiu por conta própria limitar as horas de trabalho e proibir o emprego de crianças. Essa nova organização de trabalho, com uma incipiente proposta de pensar o bem-estar do trabalhador, começou a gerar produtividade e resultados que se sobrepujam aos gastos investidos na qualidade de vida destes trabalhadores.

Em 1817, Owen apresentou ao Governo Britânico uma estratégia inovadora para mudar a forma de lidar com a pobreza – que, após os longos períodos de guerra, aumentava de forma alarmante – a de que os fundos de sustento aos pobres fossem revertidos para a compra de terras e construção de Aldeias Cooperativas, com capacidade para 1200 residentes que, através de trabalho na terra em indústrias próprias, produziria sua própria subsistência e trocava o que sobrasse com outras aldeias.

Porém, o Governo Britânico, percebendo que as ideias de Owen tratavam de subverter o sistema capitalista e mudar completamente o sistema social, decidiu então não mais colocar em prática seu plano – o qual veio a ser implementado em 1930, por Keynes, tendo êxito durante 30 anos.

Assim, Owen viaja aos EUA e funda em New Harmony, 1825, a primeira Aldeia Cooperativa. Logo, cooperativas e outras iniciativas, com base na experiência de Owen, começaram a se espalhar pelos Estados Unidos, muitas vezes misturando-se a movimentos sindicalistas, onde os trabalhadores, através das cooperativas, ao invés de simplesmente lutarem por melhores condições de trabalho, tentavam substituir seus patrões no mercado de trabalho. Singer (2002) irá chamar essa fase histórica de “cooperativismo revolucionário”.

1.2 CARACTERÍSTICAS

A Economia Solidária, de acordo com o site do Ministério do Trabalho, tem 4 características-chave:

a. **Cooperação:** existência de interesses e objetivos comuns, a união dos esforços e capacidades, a propriedade coletiva de bens, a partilha dos resultados e a responsabilidade solidária. Envolve diversos tipos de organização coletiva: empresas autogestionárias ou recuperadas (assumida por trabalhadores); associações comunitárias de produção; redes de produção, comercialização e consumo; grupos informais produtivos de segmentos específicos (mulheres, jovens etc.); clubes de trocas etc. Na maioria dos casos, essas organizações coletivas agregam um conjunto grande de atividades individuais e familiares.

b. **Autogestão:** os/as participantes das organizações exercitam as práticas participativas de autogestão dos processos de trabalho, das definições estratégicas e cotidianas dos empreendimentos, da direção e coordenação das ações nos seus diversos graus e interesses, etc. Os apoios externos, de assistência técnica e gerencial, de capacitação e assessoria, não devem substituir nem impedir o protagonismo dos verdadeiros sujeitos da ação.

c. **Dimensão Econômica:** é uma das bases de motivação da agregação de esforços e recursos pessoais e de outras organizações para produção, beneficiamento, crédito, comercialização e consumo. Envolve o conjunto de elementos de viabilidade econômica, permeados por critérios de eficácia e efetividade, ao lado dos aspectos culturais, ambientais e sociais.

d. **Solidariedade:** O caráter de solidariedade nos empreendimentos é expresso em diferentes dimensões: na justa distribuição dos resultados alcançados; nas oportunidades que levam ao desenvolvimento de capacidades e da melhoria das condições de vida dos participantes; no compromisso com um meio ambiente saudável; nas relações que se estabelecem com a comunidade local; na participação ativa nos processos de desenvolvimento sustentável de base territorial, regional e nacional; nas relações com os outros movimentos sociais e populares de caráter emancipatório; na preocupação com o bem estar dos trabalhadores e consumidores; e no respeito aos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras (MINISTÉRIO DO TRABALHO).

Apesar do aspecto ambiental da Economia Solidária quase não ser citado, é um dos mais importantes aspectos a ser gerenciado pelos agentes de desenvolvimento, uma vez que para uma comunidade ser sustentável financeiramente é preciso que ela produza e se utilize de recursos naturais, especialmente na Amazônia. Porém essa gestão precisa ser ambientalmente sustentável, para garantir a permanência daquela comunidade no território, para as gerações futuras. A gestão ambiental é um dos pilares para o desenvolvimento territorial participativo.

E essa gestão dos recursos naturais tem como base o bem-estar social, em primeiro lugar, e depois o econômico com a sustentabilidade financeira. Porém esse

bem-estar não é visto como algo imediato e sim sustentável, por isso a importância de se estudar a relação da Economia Solidária com o meio ambiente.

Além disso, como os impactos das mudanças climáticas tendem a ser potencialmente devastadores em comunidades pobres, a economia solidária é uma nova forma de se pensar a produção e o desenvolvimento, onde a própria comunidade pode traçar seus caminhos e aonde quer chegar, uma vez que uma das características implícitas dessa economia é o empoderamento da comunidade, tanto financeiro como de conhecimento.

E por ser solidária, é essencial que haja confiança nos acordos feitos pela comunidade, como, a exemplo, a confiança que se observa em algumas comunidades pesqueiras, em seus acordos de pesca nos quais, para garantir bons resultados a todos, é necessário estabelecer e cumprir certas regras.

1.3 TIPOS DE COOPERATIVISMO

1.3.1 Cooperativismo de consumo

A primeira cooperativa de consumo surge em 1844, a Cooperativa dos Pioneiros de Rochdale, com 28 sócios e forte influência owenista. Ela nasceu com o propósito de ser auto-suficiente e suporte para outras sociedades que tinham o mesmo propósito.

É através dos princípios dessa primeira cooperativa que surge o que mais tarde será conhecido como “princípios universais do cooperativismo”:

1º) Que nas decisões a serem tomadas cada membro teria direito a um voto, independentemente de quanto investiu na cooperativa; 2º) o número de membros da cooperativa era aberto, sendo em princípio aceito quem desejasse aderir. Por isso esse princípio é conhecido como o da “porta aberta”; 3º) sobre capital emprestado a cooperativa pagaria uma taxa de juros fixa; 4º) as sobras seriam divididas entre os membros em proporção às compras de cada um na cooperativa; 5º) as vendas feitas pela cooperativa seriam sempre feitas à vista; 6º) os produtos vendidos pela cooperativa seriam sempre puros (isto é, não adulterados); 7º) a cooperativa se empenharia na educação cooperativa; 8º) a cooperativa manter-se-ia sempre neutra em questões religiosas e políticas. (SINGER, 2002, p. 39-40)

Vale ressaltar que o princípio da venda de produtos puros, na época, fazia sentido, uma vez que era muito comum a venda de produtos adulterados para a população pobre, os quais podiam inclusive fazer mal à saúde. Hoje, esse princípio diz respeito à venda de produtos que sejam social e ambientalmente sustentáveis.

Outro ponto a ser destacado é o da educação cooperativa: desde a gênese da Economia Solidária, a educação tem um papel fundamental, não só para esclarecer a lógica da Economia Solidária, mas para formar cidadãos conscientes de suas ações na comunidade e no mundo.

Outro movimento cooperativista importante para a formação da Economia Solidária foi o grupo KF, na Suécia, que chegou a ser o maior vendedor de alimentos saudáveis e ecológicos do mundo. Em 1993, existiam 102 cooperativas com mais de 2 milhões de membros ligados ao grupo.

O interessante desses movimentos é o foco no consumidor, que dentro da Economia Solidária também tem o papel de cidadão que participa do processo de decisões que lhe afetam.

1.3.2 Cooperativismo de crédito

Historicamente, a primeira cooperativa de crédito surge apenas 6 anos depois da cooperativa de Rochdale, e com o objetivo de suprir uma necessidade que as cooperativas de consumo não atendiam, uma vez que, além da distribuição de alimentos puros, outro serviço oferecido era o de guardar e aplicar o dinheiro investido pelos membros; porém elas não ofereciam o serviço complementar de crédito, o mais necessitado pelas pessoas pobres.

Essa modalidade de cooperativa teve duas representantes, ambas na Alemanha, uma urbana e outra rural. A urbana foi fundada por Hermann Schulze, em 1852, e ficou conhecida por “bancos do povo” (Moody; Fite, 1971, p. 4-6 *apud* SINGER, 2002) com os princípios de responsabilidade ilimitada e autogestionário, onde a autoridade máxima é a da Assembleia dos Sócios. A rural, em 1854, fundada por Friedrich Wilhelm Raiffeisen que, ao tomar conhecimento das cooperativas de Schulze, decide aplicar a metodologia em Weyerbusch, como alternativa para enfrentar os problemas relacionados às grandes perdas da produção de cereais e um longo inverno rigoroso que assolava a Alemanha, na época.

Foram feitas algumas mudanças na instalação do banco no meio rural, como forma de adaptá-lo às necessidades locais, que eram: a delimitação territorial de atuação menor, relacionado apenas a uma paróquia, e liberação do crédito a partir do aval de dois vizinhos que atestavam o bom caráter da pessoa a retirar o crédito, ou a garantia por terra, gado entre outros.

Ainda segundo Singer (2002), “Em sua origem, a cooperativa de crédito não é um intermediário financeiro(...), mas uma associação de pequenos poupadores que se unem para potencializar seu acesso a crédito, mediante o financiamento mútuo”.

1.4 MEIO AMBIENTE, SUSTENTABILIDADE E DESENVOLVIMENTO

1.4.1 Hábitos de consumo

A Economia Solidária muda radicalmente os hábitos de consumo das pessoas que dela fazem parte, seja através do empréstimo de consumo com a moeda social, onde as pessoas comprem na própria comunidade, fazendo com que a riqueza gerada no local seja reinvestida nos empreendedores locais e ainda diminuindo os impactos ambientais causados pelos deslocamentos, seja através da conscientização dos empreendimentos participantes da Economia Solidária, que por norma, devem ser ambientalmente sustentáveis.

Genauto França Filho fala especificamente da preocupação dos Bancos de Desenvolvimento Comunitário com o território, quando fazem investimentos na capacidade de produção, de geração de serviços e de consumo territorial, desenvolvendo-os ao mesmo tempo, e comenta sobre redes de prossumidores ou prossumatores.

Tais redes são também conhecidas como redes de prossumidores, pelo fato de associar produtores e consumidores locais através do estabelecimento de canais ou circuitos específicos de relação de troca, o que implica uma ruptura com a clássica dicotomia entre produção e consumo...Tais redes podem ser ainda chamadas de redes de prossumatores pelo fato dos sujeitos em seus respectivos territórios exercerem um efetivo papel de atores locais e assumir o protagonismo do seu próprio processo de desenvolvimento de forma endógena.(FRANÇA FILHO, 2013. p. 51-52)

Essa nova forma dos consumidores se relacionarem com o mercado, e com o desenvolvimento da comunidade, ressalta a importância dos moradores estarem preocupados com a forma sustentável com que os empreendimentos deverão utilizar os recursos naturais do lugar, uma vez que as externalidades da exploração dos recursos é sentida pela própria comunidade e pode ser controlada pelas mesmas pessoas que os consomem.

1.4.2 Modo de Produção

Segundo França Filho (2013), é necessário o acompanhamento dos empreendimentos produtivos que utilizam o serviço de crédito dos empreendimentos solidários, com o intuito de trabalhar a educação financeira e orientá-los na participação do processo de desenvolvimento local. Porém, esta é uma prática difícil de ser fortemente implementada, pois gera altos custos que BDCs, no início das atividades ainda não possuem, porque requer investir em capacitação local para consultores populares e em tecnologias sociais para otimizar a gestão e adaptação de inovações para a realidade das comunidades locais.

E quanto ao aspecto democrático e participativo dos Bancos de Desenvolvimento Comunitário, ele comenta que:

[...] tanto a ideia de democracia direta (MELO NETO SEGUNDO E MAGALHÃES, 2006), como de democracia local (FRANÇA FILHO, 2007), remete a uma das características fortes dos empreendimentos solidários que é a democratização dos processos decisórios (França Filho e Lavelle, 2004). Isso porque, devido ao seu caráter associativo, os BDCs estimulam o exercício de democracia nos territórios, na medida em que “os próprios moradores, planejam e decidem sobre a oferta de produtos e/ou serviços (ou seja, a criação de atividades sócio-econômicas) em função das demandas efetivas identificadas precedentemente por eles próprios (FRANÇA FILHO, 2013, p. 88)

No que tange ao aspecto da gestão de recursos naturais, é esse controle social que os BDCs fomentam que irá conscientizar a população local sobre o uso sustentável dos recursos e a uma diversificação dos produtos e serviços ofertados, aumentando o leque de opções de consumo no território, fortalecendo, assim, o desenvolvimento da economia local.

2 COMUNICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL

A expressão “desenvolvimento humano” tem a vantagem de situar o ser humano no centro do desenvolvimento. O conceito de desenvolvimento humano, cujos eixos centrais são “equidade” e “participação”, está ainda em evolução, e se opõe à concepção neoliberal de desenvolvimento. Concebe desenvolvida uma sociedade equitativa, possível somente pela participação das pessoas. (GADOTTI, 2009, p. 58)

O questionamento do papel da comunicação na gestão socioambiental e no desenvolvimento local impulsiona esse estudo a pensar a comunicação como uma ferramenta e uma característica inata do ser humano e das sociedades: só é possível as civilizações se organizarem porque se comunicam, pois há canais para transmitir a informação e, acima de tudo, porque é possível armazenar todo o conhecimento gerado durante milênios.

Mas o papel dos gestores deve incluir a análise de como a informação está chegando às sociedades impactadas pelo processo de desenvolvimento, saber utilizar o conhecimento que a comunicação social proporciona em fazer com que a informação chegue a todos e da forma mais clara possível. E mais: quando se fala de gestão socioambiental e desenvolvimento é preciso pensar de que forma aquele público alvo está refletindo a informação e modificando a sua realidade.

O grande desafio é desenvolver as localidades de forma justa e responsável. Nesse sentido, a comunicação pode ser uma ferramenta, quando trabalhada como um canal disponível a incitar o pensamento sobre a realidade e de interação entre os setores da sociedade, agindo na promoção da principal unidade da democracia: o cidadão.

Democracia e desenvolvimento local, para ser endógeno, são conceitos que deveriam andar lado a lado; para que o desenvolvimento local possa emergir faz-se necessário que todos os atores, direta ou indiretamente impactados pelas ações, tenham suas opiniões, anseios e ideias refletidas no DNA e nos resultados das ações desenvolvimentistas, especialmente porque o que para uma localidade significa desenvolvimento, para outra pode significar atraso.

Nesse contexto onde democracia e desenvolvimento estão intrinsecamente ligados Amartya Sen (2003) nos traz o conceito de Desenvolvimento Amigável, onde se mensura o sucesso de um projeto ou se uma sociedade é desenvolvida quando verificamos o crescimento das liberdades dos indivíduos em 4 esferas: acesso a oportunidades econômicas, liberdade política, acesso aos poderes sociais e acesso

a serviços básicos para manutenção da sobrevivência, como saúde, segurança e educação; ao ter acesso a esses elementos, o potencial de ação do indivíduo na sociedade aumenta, sendo assim, o principal indicador de sucesso.

O desenvolvimento pode ser encarado como um processo de alargamento das liberdades reais de que uma pessoa goza. A tônica nas liberdades humanas contrasta com perspectivas mais restritas de desenvolvimento, que o identificam como crescimento do produto interno bruto, com as receitas pessoais, com a industrialização, com o progresso tecnológico ou com a modernização social. (SEN, 2003, p. 3)

E a ação participativa nas tomadas de decisão é uma forma de garantir essas liberdades, além da transparência dos governos que irão gerar uma premissa básica para a formação de uma sociedade: relações de confiança. E a base para a formação de um ambiente propício para que essas relações ocorram é a comunicação objetiva e clara dos governos, com o real objetivo de informar a população.

Complementando essa visão, Abramovay (2000) apresenta o conceito de capital social, que nada mais é que conferir ao indivíduo o direito de agir em sociedade e produzir conhecimento. O produto dessa interação é o Capital Social, onde se vê nessas estruturas sociais um recurso para se atingir um fim coletivo.

Vale lembrar que a base para o Capital Social é a confiança mútua e apesar da palavra “capital” remeter à ideia de posse individual, o conhecimento gerado por essa relação é um bem coletivo. Abramovay (2000) ilustra a relação onde todos ganham quando se tem confiança no outro e como pensar apenas no ganho individual atrasa o desenvolvimento na alegoria onde Putnam cita David Hume:

Teu milho está maduro hoje; o meu estará amanhã. É vantajoso para nós dois que eu te ajude a colhê-lo hoje e que me ajudes amanhã. Não tenho amizade por ti e sei que também não tens por mim. Portanto não farei nenhum esforço em teu favor; e sei que se eu te ajudar, esperando alguma retribuição, certamente me decepcionarei, pois não poderei contar com tua gratidão. Então, deixo de ajudar-te; e tu me pagas na mesma moeda. As estações mudam; e nós dois perdemos nossas colheitas por falta de confiança mútua (ABRAMOVAY, 2000, p.4)

É possível conseguir um desenvolvimento amigável utilizando-se o capital social, mas para qualquer projeto ou ação que envolva um grupo de pessoas é preciso que a comunicação exista de forma eficiente, até mesmo porque o acesso à informação consta como um direito básico para qualquer cidadão, como veremos mais adiante, e o que garante que essas informações cheguem à sociedade é um sistema de comunicação social eficaz e participativo.

2.1 COMUNICAÇÃO

Nesta era da eletricidade, nós mesmos nos vemos traduzidos mais e mais em termos de informação rumo à extensão tecnológica da consciência. É justamente isto que queremos significar quando dizemos que a cada dia que passa, sabemos mais e mais sobre o homem. Queremos dizer que podemos traduzir a nós mesmos cada vez mais em outras formas de expressão que nos superam..., por que não poderia a tradução, ora em curso de nossas vidas como informação, resultar numa só consciência do globo inteiro e da família humana?"(MCLUHAN, 1964, p.77 - 81).

Vivemos a Era da Interatividade e da Informação e nesse contexto, para pensar desenvolvimento local, é imprescindível que se analise como fazer com que a informação, medida de poder em nossa sociedade, chegue a todas as camadas da sociedade e incitem ao desenvolvimento local.

2.1.1 Comunicação e direitos

Os direitos fundamentais dos homens surgiram para proteger os cidadãos do poder exercido pelo Estado, eles são formulados em quatro dimensões:

1ª Dimensão: Direitos relacionados à liberdade, inspirados na revolução iluminista

2ª Dimensão: Direitos relacionados à igualdade, que surgiram a partir da primeira revolução industrial

3ª Dimensão: Direitos relacionados à solidariedade, que surgiram a partir do Século XX, com a necessidade de se atender aos anseios da sociedade em entender os problemas mundiais.

4ª Dimensão: Esse relacionado ao direito à diversidade e à informação, sendo essa esfera bastante recente, ela surge em decorrência da globalização.

É na quarta dimensão dos direitos fundamentais do homem que entra a importância da comunicação em informar e dar acesso às informações disponíveis no mundo todo, porém respeitando a diversidade e riqueza cultural do receptor.

Como vimos anteriormente, a informação vai ser fonte de poder e de liberdade, que é a premissa básica para o desenvolvimento. Veremos agora que esse é um direito garantido por lei na Constituição Federal Brasileira, no artigo 5º parágrafo XIV: é assegurado a todos o acesso à informação e resguardado o sigilo da fonte, quando necessário ao exercício profissional. Porém, é preciso analisar como esse direito básico é realmente posto em prática nas políticas de governo, pois só com

posse de informação a sociedade pode controlar a ação de governos e empresas para manutenção da democracia.

E, nesse cenário de empoderamento da sociedade civil, Sales (2010) classifica o que seria o ideal de uma gestão participativa, enquanto ação educativa: ela deve ser orgânica, participativa, prazerosa, útil e possível. Orgânica por levar em consideração todas as dimensões do ser humano; participativa por se tratar de um processo em permanente construção, onde todos devem fazer parte ativamente; prazerosa para se ter cuidado especial com a experiência que todos os envolvidos estão tendo; útil por se tratar de soluções para questões reais; e possível para tornar atingível e visível o resultado das decisões tomadas.

Porém, é preciso ter em mente que a sociedade civil só vai ter voz se for organizada, daí a importância dos Conselhos e outras ferramentas de participação popular.

Participação, portanto, é a aprendizagem do exercício de poder em todos os momentos e lugares em que se esteja vivendo e atuando. E é, fundamentalmente, uma postura para qual não estão preparadas as pessoas submissas a pais, chefes, maridos, mulheres, filhos, partidos políticos, ou seja, que suportam todas as imposições cujo enfrentamento pareceria incômodo, difícil, impossível ou até claustrofóbico. Não é adequado, portanto, identificar participação com a fala ou presença em reuniões,..., ao contrário, na verdadeira participação essas ocasiões se convertem em oportunidades para desenvolver uma metodologia da participação propriamente dita, e se transformam num genuíno aprendizado do exercício de poder. (SALES, 2010, p. 126)

E a prática desse exercício é feita com base na comunicação, entre os cidadãos, cidadão e governo, e entre os setores da sociedade. Garantir a participação da população, nada mais é do que dar espaço e incentivar que ela se comunique antes de tudo, e depois legitimar as decisões tomadas de forma coletiva.

2.1.2 Comunicação e Educação/Informação

Morin (2002) afirma que o ser humano existe em 3 esferas: enquanto indivíduo, sociedade e espécie. Elas são indissociáveis para o surgimento da consciência que é base para a ética do futuro, voltada para cidadãos planetários e, para isso, é preciso se ensinar a democracia onde se faz necessário; canais e estruturas onde o cidadão possa exprimir seus desejos e atuar coletivamente em direção à satisfação de seus anseios, enquanto sociedade. Porém, é necessário ir além de apenas montar estruturas e canais de comunicação, é preciso fazer com que os indivíduos

tenham e entendam seus anseios, daí a importância de utilizar-se da comunicação como ferramenta para ensinar e ser espaço de prática para reflexão.

As culturas devem aprender umas com as outras, e a orgulhosa cultura ocidental, que se colocou como cultura-mestra, deve-se tornar também uma cultura aprendiz. Compreender é também aprender e reaprender incessantemente.

[...]

A compreensão é ao mesmo tempo meio e fim da comunicação humana. O planeta necessita, em todos os sentidos, de compreensões mútuas. Dada a importância da educação para a compreensão, em todos os níveis educativos e em todas as idades, o desenvolvimento da compreensão necessita da reforma planetária das mentalidades; esta deve ser a tarefa da educação do futuro (MORIN, 2002, p. 102).

É preciso expandir os limites das salas de aula, o espaço educacional, para onde o processo educativo é genuíno e constante, para o cotidiano, para o mundo. Yus (2002) fala em educação para a aldeia global onde, somente através do acesso à informação de forma reflexiva, é possível desenvolver o papel da cidadania em todas as camadas da sociedade e fazer com que a gestão dos recursos naturais, o pensar e o direcionamento de interesse da população para o desenvolvimento, seja reivindicado para cada indivíduo que compõe aquela sociedade.

3 CAPITAL SOCIAL

De acordo com Matos (2009), a primeira definição para Capital Social foi dada em 1916, por Hanifan. Para ele, trata-se de “um conjunto de relações sociais marcadas pela boa vontade, camaradagem e simpatia, atributos muito próximos do goodwill utilizado para definir as relações públicas em suas origens” (MATOS, 2009, p.. 34).

A outra definição relevante destacada por Matos para o tema foi feita em 1980, por Pierre Bourdier, onde ele relaciona o acionamento de redes sociais por indivíduos para o alcance de metas e benefícios individuais ou coletivos, sendo que o volume de Capital Social de um indivíduo pode ser “medido” através do volume mobilizado em redes cívicas de capital econômico, cultural e simbólico.

Já Coleman (*apud* MATOS, 2009, p. 36), com base em Granovetter, afirmou que o Capital Social tem 3 características: confiança, fluxo de informação e normas para que o processo funcione. Além disso, para ele o Capital Social é produtivo, uma vez que a sua presença é imprescindível para o alcance de certos objetivos, diferenciando-o de outras formas de capital.

Dessa maneira, o Capital Social pode assumir três formatos, correspondendo: 1) Às expectativas e obrigações recíprocas, que dependem do grau de confiança que permeia dada estrutura social; 2) às redes de comunicação nas quais circulam as informações, que facilitam a articulação das ações coletivas; 3) às normas que garantem a aplicação dos itens apontados anteriormente (Coleman *apud* MATOS, 2009, p. 38)

Outros teóricos que enriqueceram o estudo sobre Capital Social foram Fukuyama, em 1996, que colocou em destaque a confiança entre os membros das redes como sendo uma virtude reconhecida e elemento legitimador para que a cooperação aconteça. Woolcock e Narayan, em 2007, relacionaram o Capital Social e o desenvolvimento social e econômico através de 4 abordagens: comunitária (relacionada a associações e grupos cívicos), redes (relacionamentos intracomunitários e intercomunitários), institucional (relação entre o Estado e o poder mobilizador das redes sociais que compõem a sociedade) e a sinérgica (a complementariedade entre os 3 setores da sociedade: empresas, Estado e sociedade civil); Recuero, em 2005, afirma que, apesar dos laços sociais serem formados em sua maioria por interações sociais, podem ocorrer de outras formas, como é o caso em laços associativos onde o indivíduo tem o senso de pertencimento a determinado grupo, local, instituição etc. e não depende da vontade

ou investimento individual. Putnam (*apud* MATOS, 2009) infere que pessoas que fazem parte de grupos com forte engajamento cívico, desenvolvem e preferem mais o senso de benefício coletivo.

A seguir uma tabela relacionando os principais autores e seus enfoques:

Quadro 1 – Definições de Capital Social segundo diversos autores

Autor	Enfoque
Robert Putnam	Destaca aspectos das organizações sociais que facilitam a coordenação das ações coletivas e a cooperação entre elas: redes normas de confiança, bem comum, coesão social e participação. Perspectiva Microsociológica (relações intergrupais).
James Coleman	Função ou efeito do Capital Social e ênfase em redes densas e fechadas. O Capital Social é definido por sua função, sendo composto de uma variedade de aspectos ligados à estrutura social e que facilitam certas ações dos indivíduos que fazem parte dessa estrutura (relações intragrúps)
Pierre Bourdieu	O conjunto de recursos reais ou potenciais disponíveis aos integrantes de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas. Agregação de recursos mobilizados por meio das redes sociais
Alexis Tocqueville	A capacidade associativa e o aperfeiçoamento das instituições geram ampliação da vida democrática
Ronald Burt	Ressalta a importância das redes abertas e cheias de “lacunas estruturais”. O posicionamento estratégico de certos atores nas redes (amigos, colegas, conhecidos) os permite colocar pessoas em contato, sendo possível mediar a atuação dos participantes nas redes.
Francis Fukuyama	A habilidade das pessoas em trabalharem juntas com base em propósitos comuns em grupos e organizações. A existência de um conjunto de valores informais e normas compartilhadas que facilitam a cooperação.
Alejandro Portes	Destaca a habilidade dos atores de assegurar benefícios por meio de seu pertencimento a redes sociais ou outras

	estruturas cívicas. Ênfase nos efeitos negativos do Capital Social.
Margaret Levi	Busca mecanismos por meio dos quais o pertencimento a grupos possa conduzir a um maior nível de compromisso cívico, às políticas democráticas e à maior qualidade de ações do governo. Destaque para fontes e efeitos negativos do Capital Social.
Elinor Ostrom	Interações não são intrinsecamente benéficas, pois o capital social possui um lado obscuro.
Nan Lin	Distinções entre vínculos fortes e fracos. O Capital Social é propriedade do ator que o detém.
Mark Granovetter	Apesar de não abordar diretamente o conceito de Capital Social, o autor destaca a questão dos laços fortes e fracos nas redes sociais; atores que viabilizam pontes entre grupos e redes diferenciadas.
Michael Woolcock	Estudo das instituições, informações, normas de reciprocidade, relações, atitudes e valores que regem a interação entre as pessoas nas redes sociais, facilitando o desenvolvimento econômico e a democracia.

(fonte: MATOS, 2009, p. 42-43)

O estudo do Capital Social proporciona a análise dos elementos de mobilização, cooperação e o relacionamento entre redes, que muitas vezes são imprescindíveis para o sucesso de projetos sociais. No caso da Economia Solidária, entender como o Capital Social pode contribuir para que a comunidade sinta-se como integrada à necessidade de mudança e de proatividade nos seus destinos é essencial, não só para os gestores públicos, mas para os gestores locais terem ferramentas e conhecimento de como tornar um projeto social algo de fato coletivo.

Para que o capital social se desenvolva, um dos principais elementos é a conversação, especialmente voltada para o engajamento cívico:

Uma vez orientada para a busca de intercompreensão e do entendimento cooperativo acerca de um problema de interesse geral, a conversação pode politizar-se e, assim, proporcionar efeitos democráticos ligados à formação do cidadão. (MATOS, 2009, p.71)

Para Shudson (*apud* MATOS, 2009, p. 83) só é possível que a conversação traga resultados para a democracia quando ela é composta por indivíduos com diferentes valores e histórias de vida que se juntam para entrar em um acordo e tomar uma decisão uníssona. Ela pode ser dividida em dois tipos: a sociável e a voltada para solução de problemas.

A conversa sociável seria voltada apenas para a sociabilidade e troca de experiências e ela é, comumente, feita em grupos mais homogêneos, pois para os participantes é preferível fazer esse tipo de interação entre iguais no sentido de reforçar suas opiniões e ideias.

Já a conversa voltada para a solução de problemas é feita entre indivíduos de background diferentes, fazendo com que cada um formule bem seu ponto de vista e responda os questionamentos feitos à sua ideia.

Para que os debates na esfera pública aconteçam, as duas formas de conversação são importantes para o enriquecimento do debate e formação do capital social. A autora Heloiza Matos usa o termo conversação cívica para identificar as conversas feitas por indivíduos que queiram entender algum problema de cunho geral ou de interesse público. Esse diálogo, para gerar bons resultados, deve acontecer com base na cooperação e questionamento mútuo.

O conflito de ideias está no centro do debate quando se fala em conversação cívica e voltada para solução de problemas, pois faz com que os participantes da interação cooperem para entrar em um acordo, com o objetivo do bem comum. De acordo com Norris e Portes (*apud* MATOS, 2009), o Capital Social é gerado em situações como essa, pois se cria uma conexão entre pessoas e grupos diferentes e se desenvolve democraticamente a sociedade.

Mas o ambiente propício para que essas trocas aconteçam deve ser de escuta ativa, respeito mútuo e confiança. Escuta ativa no sentido de realmente ouvir o que o outro está falando sem pré-julgamentos, analisando verdadeiramente suas premissas; respeito mútuo para entender que cada indivíduo é único, e assim o são suas experiências e todas são importantes por igual; e confiança, que vem ser a base para o Capital Social. É a partir desse ambiente que o indivíduo se sente seguro para questionar e falar de suas ideias, além de ouvir e inferir os questionamentos revelados pelo grupo.

Os efeitos gerados pela conversação cívica no Capital Social são as seguintes: socializantes, formando redes sociais; integrativos, pois desenvolve as

habilidades de expressão e argumentação dos indivíduos; e ligados à troca de perspectivas e ideias, pois os atores trabalham de forma cooperativa para chegar a um ponto comum. (MATOS, 2009, p. 93)

Vários autores destacam como a conversação cívica pode contribuir para o engajamento cívico e, em consequência, para o Capital Social de Associações e ONGs. Por ser um espaço mais propício para conversações de interesse público e um ambiente em que há uma exposição maior a opiniões diversas, os indivíduos aprendem mais sobre lidar com conflitos e desenvolver o senso de bem-comum.

As habilidades que os indivíduos podem adquirir nas associações incluem a fala e a autoapresentação, a negociação e a barganha, o desenvolvimento de coalizões e a criação de soluções para problemas, aprender quando e como assumir compromissos assim como reconhecer quando alguém está sendo manipulado, pressionado ou ameaçado. Essas habilidades tendem a ser desenvolvidas em todas as associações que lidam com problemas de ação coletiva, não só por associações diretamente envolvidas com causas políticas (Warren *apud* MATOS, 2009, p. 97)

Putnam afirma que a informação aliada à confiança contribui para que os indivíduos ultrapassem obstáculos através da ação coletiva. Para ele, a participação em associações cívicas é um indicador de Capital Social e quanto mais cívica for uma região mais eficiente é o seu governo. Por outro lado, Norris fala de um círculo virtuoso, onde informações midiáticas podem reforçar o comportamento de pessoas que já são engajadas civicamente, porém pouco influenciam que mais pessoas façam parte de debates políticos. (MATOS, 2009)

No contexto da Economia Solidária, proporcionar que todos os participantes se envolvam cada vez mais na tomada de decisão dos empreendimentos e se envolvam em debates relacionados à esfera pública é fundamental para o bom gerenciamento e a vivência da filosofia. A grande questão está em capacitar os gestores no sentido de criar espaços de diálogo e confiança entre a comunidade e os empreendimentos solidários, e como a maioria começa com poucos recursos financeiros, o Capital Social é fundamental para que os objetivos sejam alcançados. E, no caso dos Bancos Comunitários de Desenvolvimento que tem atuação em um território delimitado, recorrer à mídia tradicional para se comunicar com a comunidade se torna inviável ou pelos altos custos ou pelo alcance limitado no público alvo; daí a importância de entender os mecanismos de interação da comunidade e aproveitá-los na hora de se comunicar; ou criar canais de

comunicação alternativos que cheguem às pessoas que são o foco para o empreendimento.

4 MOBILIZAÇÃO SOCIAL E A COMUNICAÇÃO

Hoje, com a crescente profissionalização do Terceiro Setor, é cada vez mais frequente o uso de ferramentas de administração de empresas, do marketing e da publicidade para a solução de problemas encontrados no Setor, porém nem sempre os resultados são os mesmos que se conseguem em organizações com fins lucrativos, pois existem variáveis como falta de recurso financeiro e humano e, para desafios tão específicos quanto os do Terceiro Setor, é necessário o uso e desenvolvimento de outras técnicas, como a Mobilização Social, conjunto de ferramentas que visa gerenciar algo que não está previsto nos livros de administração: o amor e o envolvimento por uma causa.

A comunicação no processo de mobilização é dialógica, na medida em que não é a transferência do saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores. A coparticipação no diálogo é que torna o homem capaz de transformar a realidade que o cerca, sem a invasão e a imposição unidirecional. (HENRIQUES, 2002, p.58)

As ferramentas de comunicação nesse contexto podem e devem ter o objetivo de ser um canal de diálogo e proporcionar crescimento educacional e, por consequência, ser libertador tanto para as pessoas que fazem parte do movimento quanto para o movimento em si. Uma vez que os integrantes do movimento ou da organização se sintam responsabilizados diretamente pelo sucesso do projeto (e note-se que o sujeito deve tomar a responsabilidade para si e não esta ser imposta a ele), a mobilização deu resultado.

De acordo com Henriques (2002) ao contrário do que se pode imaginar, para ter maior efetividade a comunicação deve ser em menor escala e dirigida a cada integrante do movimento. Observa-se que assim existe maior envolvimento e identificação das pessoas, se em comparação com uma comunicação mais genérica e direcionada para muitos.

4.1 FUNÇÕES

As estratégias de mobilização, ao almejarem a geração de vínculos deste tipo, buscam transcender as meras ações pontuais, circunstanciais. A condição para isso é o estabelecimento da coesão e da continuidade no projeto, que são a “ponte” entre a ação isolada e a ação corresponsável. (HENRIQUES, 2002, p.16)

Para Henriques (2002) as funções básicas da comunicação no processo de mobilização social é a de gerar e manter vínculos e promover a corresponsabilidade. Para que isso ocorra, existem basicamente quatro estratégias que são:

a) Difundir informações;

Esse é o primeiro passo para a criação de uma rede de pessoas em prol de uma causa. O público, as pessoas que se quer envolvidas com o projeto/causa, devem, no mínimo, estar informadas sobre o que é o movimento e as próximas ações que irão ocorrer para que possam se engajar; para que saibam que aquela iniciativa existe.

b) Promover a coletivização;

Mas não é possível esperar que um canal unidirecional faça tudo, é preciso promover o diálogo. Para que as pessoas se sintam parte de algo elas precisam ter voz sobre aquilo, é preciso ter certeza de que não se está sozinho na luta pela mudança. Nessa estratégia, a expectativa é a de que as pessoas se apropriem das informações que foram difundidas e possam pensar em cima, co-criar e serem também fontes de novas informações.

Para criar um ambiente propício para a corresponsabilidade, essa estratégia também contribui ao conectar uma pessoa a outra. Aqui se privilegia canais onde a comunicação se dá de uma forma horizontal e há promoção das conquistas do movimento para que os atores, pessoas que estão na linha de frente do projeto, possam se inspirar pelo próprio movimento.

c) Registrar a memória do movimento;

E aqui entra outra estratégia que influencia na criação da identidade e também de identificação com o movimento, que é o banco de dados com a história, vitórias e até métodos de administração utilizados até agora como formulários, agendas e resultados obtidos com projetos anteriores. É através desse banco de dados que se tem o aprendizado do movimento e a manutenção dos valores; através dele os novos integrantes poderão aprender e se identificar ainda mais com a cultura do movimento e se familiarizar com a estrutura administrativa.

d) Fornecer elementos de identificação com a causa e com o projeto mobilizador:

Nesse caso, o papel da comunicação é criar elementos com os quais as pessoas possam se identificar com o movimento num nível emocional, tal como o ritual das reuniões, peças gráficas, frases de efeito ou a coerência do conhecimento compartilhado. É muito importante que as pessoas se sintam conectadas ao movimento e isso vai além da justificativa racional.

Cabe à comunicação uma articulação entre valores e símbolos no processo de construção da identidade de um movimento, estabelecendo de uma maneira estruturada a produção de elementos que orientem e gerem referências para a interação dos indivíduos (HENRIQUES, 2002, p.18).

4.2 CORRESPONSABILIDADE

Para se mobilizarem as pessoas precisam, no mínimo, de informação, mas, além disso, precisam compartilhar um imaginário, emoções e conhecimentos sobre a realidade das coisas à sua volta, gerando a reflexão e o debate para a mudança (HENRIQUES, 2002, p.31).

Nosso sistema privilegia a delegação de poder e a transferência das responsabilidades públicas como causa e solução de todos os problemas, ao invés de promover a corresponsabilidade em cada indivíduo para com o meio em que vive. Um dos maiores desafios da mobilização social é tirar as pessoas do estado de inércia e fazer com que elas se sintam empoderadas para a transformação de sua realidade, devolver o controle da realidade a quem ele pertence por direito: o cidadão.

Para que se crie o sentimento de corresponsabilidade, utiliza-se a comunicação como uma ferramenta de coordenação de ações e não para o controle de ações. Sendo assim sua principal função é a de gerar e manter abertos canais de comunicação, de diálogo.

O desafio da coordenação de ações é justamente o de gerar e manter canais desobstruídos para a comunicação, para que seus públicos interajam entre si e com o movimento, de uma forma que não seja caótica e aleatória. (HENRIQUES, 2002, p.35).

4.3 CRITÉRIOS DE VINCULAÇÃO

Abaixo seguem oito categorias de vinculação relacionadas por Henriques (2002) que as pessoas podem ter com o movimento, com base nelas é possível identificar qual tipo de vínculo elas têm com o movimento e quais estratégias de

comunicação utilizar para aumentá-lo. Quanto mais baixo o número, menor é o vínculo com o movimento.

1 – Localização espacial

São as pessoas que estão inseridas no projeto por estarem no espaço de atuação do mesmo, real ou virtual. Esse também é o espaço onde as pessoas se relacionam e se comunicam.

2 – Informação

Aqui se atenta não só para as pessoas que estão informadas das ações do movimento, mas também os meios pelos quais elas se informaram, meios de comunicação oficial (atas, jornal do movimento, comunicados) e não oficiais (outros jornais, boatos, pesquisas).

3 – Julgamento

Nesse estágio, as pessoas já detêm certo nível de informação para tomar uma posição diante do movimento seja contrário ou simpatizante, por isso é importante a coerência e o detalhamento na divulgação de informações para que as pessoas possam se identificar, legitimar e até defender as ideias do movimento.

4 – Ação

Realização de projetos e atividades (estudos, serviços, contribuições). Nesse estágio, as pessoas começam a se sentir parte do movimento de fato, mesmo se participarem de apenas uma ação pontual.

5 – Coesão

Aqui é importante que os projetos estejam correlacionados para que se tenha uma contribuição maior para o todo, mesmo que sua ação seja pontual e o projeto tenha uma vida limitada, os resultados irão ser perpetuar em outros projetos.

6 – Continuidade

Nesse caso, os projetos exigem a participação permanente dos indivíduos para que os resultados continuem existindo, assim as ações são menos pontuais e mais permanentes..

7 – Corresponsabilidade

Nessa fase surge o reconhecimento da relação direta entre a participação e o sucesso do projeto e, também, o sentimento de pertencimento ao grupo está consolidado.

8 – Participação institucional

E então a pessoa faz parte, efetivamente, da administração do movimento; percebe-se que, para se chegar nesse estágio, existe um processo no qual a pessoa vai se envolvendo cada vez mais com o movimento de forma proativa e não imposta.

4.4 FATORES DE IDENTIFICAÇÃO

Fatores de identificação são quaisquer elementos que constituem o referencial simbólico da causa de um projeto de mobilização social, capazes de gerar sentimentos de reconhecimento, pertencimento e corresponsabilidade nos públicos do projeto e na sociedade em geral. (HENRIQUES, 2002, p.73).

Esses fatores podem ser gerados de maneira intencional. A seguir, serão citados fatores de ordem intencional que visam à participação ativa dos integrantes do movimento: não estão lá por estar, mas para gerar um significado ao indivíduo participante. E são eles:

- Fatores de Publicização e Coletivização

São elementos que caracterizam o movimento e podem ser identificados como do mesmo, em qualquer lugar e por qualquer público, devido sua identidade visual que pode ser marca, slogan, bandeira etc..

- Fatores Litúrgicos

Aqui se trata dos valores que norteiam a causa e devem estar vivos, junto com o movimento, seja no ritual da reunião ou ao ser posto em prática; e aqui se fala em ritual como a estrutura de uma ação que reúne pessoas; como está dividido, por exemplo, a passeata, reuniões, festas ou congressos. Existem o início, meio e fim, cada parte da ação coletiva deve ser pensada para a coparticipação dos atores.

- Fatores de Informação Qualificada

Aqui se encaixam as informações que foram debatidas e adaptadas para a realidade onde se quer mudar algo; não é manipuladora, pois foi reelaborada pelo mesmo público onde vai ser aplicada. Visa orientar para mudança de

comportamento e pode ser difundida através de cartilhas, jornais, relatórios, palestras etc..

5 BANCOS COMUNITÁRIOS DE DESENVOLVIMENTO

O principal objetivo de um Banco Comunitário é o de gerar riqueza dentro de um território fazendo com que a própria população invista em si. Para isso, utiliza três ferramentas principais: empréstimo produtivo, destinado aos comerciantes locais para expandir seus negócios, gerando emprego na região; empréstimo de consumo, destinado às famílias, geralmente do Programa Bolsa Família, como uma forma de complementar a renda e a moeda social, utilizada no empréstimo de consumo, fazendo com que a população local perceba a importância de comprar dentro da sua comunidade, e com que os empreendimentos locais prosperem, gerando emprego na região (FRANÇA FILHO, 2013).

A definição para Bancos Comunitários de Desenvolvimento, de acordo com o Instituto Palmas, são entidades que prestam serviços financeiros solidários em rede, com o objetivo de gerar trabalho e renda nos territórios onde atuam; têm natureza associativa, comunitária e de autogestão e atuam fortemente na reorganização das economias locais com base nos princípios da Economia Solidária (INSTITUTO PALMAS, 2013).

Por serviços financeiros solidários entendem-se serviços comuns prestados por grandes bancos como concessão de crédito, serviços, seguro, poupanças, entre outros, porém oferecidos com base na ética e na solidariedade, facilitando o acesso da população local a esses serviços bancários.

Entretanto, para que os Bancos Comunitários gerem riqueza na comunidade e garantam um desenvolvimento a longo prazo, é preciso que a rede de empreendedores locais domine ao máximo a cadeia produtiva, isto é, que desde o fornecedor de matéria-prima até o consumidor final sejam pessoas da própria comunidade, diminuindo ao máximo a evasão do investimento e do lucro obtido na região.

O papel dos Bancos Comunitários nesse contexto seria o de prover capacitação necessária, sendo necessário ir além da educação ambiental e da conscientização ecológica, instrumentalizando os empreendedores a construir indústrias, fazer a extração de matéria-prima, fortalecer a rede de empreendimentos solidários juridicamente e o de controlar essas ações, uma vez que a gestão dos Bancos é feita pelos próprios empreendedores, também chamados prossumidores, pois consomem aquilo que produzem e são atingidos diretamente em caso de

impactos ambientais negativos, fazendo do desenvolvimento sustentável da região uma necessidade de sobrevivência. O fato das resultantes de seus empreendimentos não poderem ser externalizadas, isto é, os impactos ambientais causados pelo empreendimento serão sentidos pelos próprios empreendedores, sua família e comunidade, fazem com que eles se tornem naturalmente mais conscientes de suas ações.

O termo prossumidor foi utilizado pela primeira vez por Alvin Toffler no livro “A terceira onda” e designa a pessoa que produz tudo o que precisa para sobreviver e limita o seu consumo somente aos bens que produz. A Economia Solidária trabalha com rede de prossumidores, onde toda a cadeia produtiva é dominada pelos próprios consumidores que, trocando serviços entre si, promovem uma economia justa e inclusiva.

No Brasil, a origem dos BCDs está atrelada à criação do Banco Palmas, em Fortaleza, considerado o primeiro do gênero no Brasil e criador da metodologia que hoje é replicada para toda a rede de BCDs do país; a história desse Banco será melhor explicada nos próximos capítulos.

De acordo com Joaquim de Melo, fundador do Banco Palmas e coordenador da rede brasileira de BCDs, o “DNA dos Bancos Comunitários é o mesmo em todos os municípios: circuito econômico local com crédito produtivo (em reais), crédito para o consumo em moeda social e propriedade local do sistema financeiro” (MELO, 2009).

E dentro da metodologia dos Bancos Comunitários as principais ferramentas são: crédito produtivo (em real) e o crédito para consumo (em moeda social).

O Banco Comunitário funciona sempre com duas linhas de crédito, uma em real e outra em moeda social, já que sua atuação está ligada a comunidades com pouco ou nenhum acesso financeiro, com alto grau de exclusão social e desigualdade. (FRANÇA FILHO, 2013, p. 31)

A Moeda Social, complementar à Moeda Nacional (o Real), é criada e mantida pelos Bancos Comunitários e tem atuação limitada pelo território. São moedas de livre circulação e produzidas com componentes de segurança, com o aval da Casa da Moeda. Tem por objetivo ajudar na circulação do dinheiro ganho pela comunidade, dentro do próprio bairro, estimulando o consumo dentro da comunidade, inclusive entre empreendedores, aumentando a comercialização, trabalho e renda, e ajudando no desenvolvimento da comunidade.

Outros benefícios que a moeda social promove é a inclusão social, construção de novas relações sociais e ajuda na construção da cidadania, inserindo na comunidade e redefinindo conceitos como riqueza, solidariedade e responsabilidade social.

Para existir, o circulante local ou moeda social, precisa ter um lastro que é o equivalente disponível no Banco Comunitário, sendo assim 1 (uma) moeda social corresponde a 1 (um) real; desta forma é possível às pessoas pagarem contas no banco com a moeda local, além dos empreendimentos poderem trocar, para utilizar caso precisem, fora da área de atuação.

E com a moeda social é feito o crédito de consumo, destinado à comunidade local. Este, que varia entre R\$ 20 e R\$ 150, é liberado mediante o aval da vizinhança, sem juros. Não é permitido trocar no banco esse crédito por real, apenas empreendimentos cadastrados podem fazer isso. (INSITUTO PALMAS, 2013)

- O Banco transforma vidas. Essa senhora, por exemplo, ela é do Bolsa, ela está emprestando trinta moqueios que ela tem direito. Ela emprestou, devolveu, agora está emprestando de novo. E assim a gente faz. E isso ajuda muito. “Ah, trinta moqueios não ajuda”. Mas pergunte pra ela se não ajuda. Ajuda muito. Por exemplo, essa criança aqui “Quantos anos ele tem?”
- Quatro.
- Quatro anos. Se não tiver o pão?!
- Hum!
- Ele não quer saber se a mãe tem dinheiro ou não. Ele quer o pão dele: ta com fome. E as vezes as mães não tem o dinheiro, aí vão pegar 30 moqueios. Isso deu certo. Isso faz uma diferença grande. Quando ela recebe o Bolsa Família, ela vem e paga (informação verbal¹).

Já a linha de crédito destinada a microempreendedores, nos valores que variam entre R\$ 200 e R\$ 5.000, com juros mais baixos que os de mercado, é liberada mediante o aval da vizinhança. (BANCO COMUNITÁRIO TUPINAMBÁ, 2013)

Em planejamento futuro, a ideia é que os Bancos Comunitários criem um ambiente propício para criação de Cadeias Produtivas Solidárias, que são as etapas de elaboração, produção e comercialização de um produto ou serviço. E são solidárias porque os valores da Economia Solidária permeiam todo o processo, sendo também a base para o comércio justo (EID; PIGOSSI, 2009, p. 8).

Porém, como foi ressaltado anteriormente, não basta apenas conscientizar é preciso instrumentalizar. Dessa forma, os Bancos Comunitários deveriam, em uma

¹ Marivaldo Vale. Entrevista [2013]. Entrevistador: Celina Leila Chagas. 2013.

etapa mais madura de sua evolução, investir em treinamentos específicos sobre leis de proteção ambiental, investimento na adequação dos empreendimentos locais (em teoria existe a obrigação dos empreendimentos solidários serem ambientalmente sustentáveis, mas nem sempre os Bancos têm dinheiro suficiente para investir na adequação desses empreendimentos) e difusão de tecnologias sociais, tanto para suprir necessidades da região como gerar ideias inovadoras de negócios que possam suprir necessidades básicas da comunidade, como saneamento básico, por exemplo.

A Secretaria de Economia Solidária (SENAES/MTE, 2012) já tem projetos que trabalham com 3 eixos de fortalecimento da Economia Solidária a nível nacional: Produção, Disseminação e Assessoria em Economia Solidária; Finanças Solidárias e Comercialização Solidária.

Com relação ao incentivo às cadeias de produção solidária, existem casos de sucesso como, por exemplo:

- Justa Trama

Teve início a partir da parceria entre a SENAES e o Fórum Social Mundial, com sede em Porto Alegre no ano de 2005. Foram encomendadas 60 mil bolsas de algodão e para tanto reuniram uma cadeia de produção solidária do algodão onde participaram trinta e cinco empreendimentos de economia solidária dos estados São Paulo, Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul. A partir dessa iniciativa, só no ano de 2005, eles produziram 1,5 toneladas de algodão, aproximadamente 12.000 peças de roupa e gerou renda e trabalho para 700 pessoas.

- Casa de Mel

Existem em 6 Estados do Nordeste (Bahia, Ceará, Maranhão, Pernambuco, Paraíba e Piauí); surgiu a partir da Rede Abelha, formada por apicultores que visam fomentar a atividade no Estado do Ceará, como uma forma de fortalecer a agricultura familiar e a Economia Solidária no Estado. A Rede, em parceria com o SENAES, identificou que a maior dificuldade dos apicultores é a adequação às normas do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento para a produção de mel e, a partir de soluções oferecidas pela própria Rede, fomentou-se a criação das Casas de Mel que funcionam como centros de beneficiamento, envasamento e

distribuição do produto, hoje com capacidade de produção 100 toneladas por ano, beneficiando 2 779 pessoas por ano.

5.1.BANCO PALMAS



Figura 1– Sede do Banco Palmas, em Fortaleza (CE). (Fonte: Wikipédia)

Considerado o primeiro Banco Comunitário do Brasil, o Banco Palmas surgiu em 1998, como resultado do trabalho da Associação de Moradores do Conjunto Palmeiras (ASMOCONP) em Fortaleza-CE. Gerido pela própria ASMOCONP, atua nos 4 pontos da cadeia produtiva local: capital solidário, produção sustentável, consumo solidário e comércio justo (FRANÇA FILHO, 2013).

A ideia motriz para o Banco Comunitário se deu a partir da observação de seu fundador, pois com a urbanização do Conjunto Palmeiras, fruto de muitas lutas sociais lideradas pela Associação do Bairro, muitos moradores antigos estavam indo embora, pois não conseguiam pagar as novas contas de água, luz e telefone que chegavam. Joaquim de Melo constatou que, apesar de muitas pessoas terem renda dentro do Conjunto, o dinheiro gerado pela comunidade era investido no centro da cidade ou em outras localidades. Daí a ideia de criar mecanismos para que o território aproveitasse suas riquezas potenciais para fazer girar o mercado local.

Aconteceu no Palmeiras um fato muito comum de acontecer em favelas que se urbanizam e a renda não aumenta: que foi que os moradores começaram a vender seus barracos e a ir embora para outras favelas. Por que isso acontecia? Porque não podiam mais pagar as contas. Agora chegava conta de água, conta de luz, conta de telefone. Olha o tamanho da contradição: passamos 20 anos pra construir um bairro e agora a gente não podia mais morar no bairro que a gente mesmo construiu. E aí nós dissemos: Olha, se nós conseguimos criar esse bairro, nós vamos conseguir gerar trabalho, gerar renda aqui dentro desse bairro com nossas próprias forças, com nossos próprios moradores. Nós inventamos, na época, uma brincadeira que era do “balde furado”. Qual era o dinheiro que entra aqui nesse bairro? Tem aposentado que ganha dinheiro? Tem! Então jogava uma bolinha de papel dentro do balde, que chamava dinheiro dos aposentados. Tem gente que trabalha? Tem gente que trabalha. Tem gente que ganha esmola? Tem! E de repente o balde ficava cheio de bolinha, então tinha muito dinheiro entrando. A verdade é que ali no Palmeiras já tinha um milhão e duzentos mil (reais), isso há dez anos atrás, que eram gastos mensalmente pelos moradores. Só que quando a gente perguntava: onde que a senhora compra os produtos e qual é a marca? Tudo isso era comprado de grandes marcas. Então nós dissemos o seguinte: nós vamos criar um programa que vai ser, a grosso modo falando, uma rolha pro balde. Cada rolha dessa no balde que eu conseguir fechar, cada buraco desse, vai ser um dinheiro que fica aqui e gera renda. E aí não deu outra, em janeiro de 1998 nós criamos, porque nós demos o nome em homenagem ao (Conjunto) Palmeiras, de Banco Palmas (MELO, 2012).



Figura 2 – Moeda de circulação do Banco Palmas. (Fonte: economia.ig.com.br)

Hoje, além dos serviços bancários, o Banco atua por meio de outros projetos na comunidade, através do Instituto Palmas, como:

- Palminhas: moeda social destinada a crianças, para gerar a conscientização da economia solidaria desde cedo, com notas que valem de 5, 10, 25 a 50 centavos.
- Projeto Elas: Tem como público alvo as mulheres cadastradas no programa Bolsa Família. Promove a inclusão sócio-produtiva, financeira e bancária, acesso ao

crédito, oficinas e cursos, além de um Fórum. São algumas das próprias mulheres beneficiadas que compõem o conselho gestor do projeto.

- PalmasLab: É o laboratório de inovação e pesquisa em finanças solidárias e tem por objetivo:

- Desenvolver soluções de TI, principalmente através de tecnologia celular, para criar e melhorar os produtos e serviços financeiros dos bancos comunitários e de outras práticas no campo das finanças solidárias, aperfeiçoando e dando escala as finanças solidárias;
- Capacitar a população local para produzir tecnologias e soluções de TI para o setor das finanças solidárias em geral, gerando renda para a comunidade a partir da criação de empreendimentos solidários de TI;
- Através de soluções inovadoras em TI para populações de baixa renda, contribuir para melhorar a qualidade da política pública dentro das esferas da inclusão financeira e erradicação da pobreza. (INSTITUTO PALMAS, 2013)

5.2 BANCO TUPINAMBÁ



Figura 3 – Banco Comunitário Tupinambá (Fonte: Facebook)

A história do Banco Tupinambá começou muito antes da inauguração de fato do Banco. Marivaldo Vale morou por 13 anos em Fortaleza, mais precisamente no conjunto Palmeiras, lar do Banco Palmas, e participou das lutas iniciais da comunidade do conjunto para exigir que políticas públicas chegassem ao que tinha começado como uma realocação de famílias que viviam em área de risco. A mobilização começou em 1977.

Nesse período em Fortaleza, Marivaldo conhece Ivoneide Vale, sua esposa – também fundadora do Banco Tupinambá –, e na época, chegou a trabalhar um período para a ASMOCONP. Em 1998, ambos retornam para Belém.

Em 2008, a partir de uma parceria entre SENAES (Secretaria Nacional de Economia Solidária) e o Instituto Palmas, incentivou-se a criação de vários Bancos pelo Brasil, incluindo o Banco Tupinambá, representado então nas figuras de Marivaldo e Ivoneide Vale. Inicialmente, a ideia era atender toda a Ilha de Mosqueiro, mas por problemas de execução do projeto inicial, delimitaram a área de atuação apenas à Baía do Sol.

De julho a dezembro de 2008, foram feitos treinamentos sobre finanças solidárias na comunidade da Baía do Sol e em torno de 5 Assembléias para definição do Nome do Banco, nome da Moeda e esclarecimentos sobre como funcionaria a parte administrativa do Banco. O nome do Banco foi uma homenagem aos povos indígenas que habitavam a região da Baía do Sol antes da colonização, os Tupinambás, e o nome da moeda social, Moqueio, se deu em homenagem às origens do nome da Ilha de Mosqueiro.

Então fomos pra assembleia e foi aprovado: nome do Banco Comunitário Tupinambá, nome da moeda Moqueio. Porque Tupinambá? Em homenagem aos primeiros habitantes da Ilha que eram os índios Tupinambá. Porque Moqueio? Porque era a técnica que os índios usavam pra moquear o peixe, pra conservar o peixe, e da palavra que surgiu o nome Mosqueiro (informação verbal²).

De acordo com Marivaldo, o Banco Tupinambá começou a funcionar em fase de experiência no dia 16 de dezembro de 2009 e a inauguração ocorreu no dia 16 de janeiro de 2010. No momento, como funcionaram como correspondente do Banco do Brasil, e por fazerem parte do projeto do Instituto Palmas em parceria com a SENAES para ampliação da rede de BCDs no Brasil, receberam por 2 anos ajuda de custo equivalente a 2 salários mínimos. Esse dinheiro financiava internet, água, luz, telefone e uma bolsa de auxílio para uma pessoa trabalhar em tempo integral no Banco.

² Marivaldo Vale, Entrevista [2013]. Entrevistador: Celina Leila Chagas. 2013



Figura 4 – Moqueio, a moeda de circulação dentro da comunidade atendida pelo Banco Tupinambá (Fonte: Facebook)

Nessa fase, todo o material inicial do Banco veio emprestado da própria comunidade e dos coordenadores do Banco. Computador, mesas, cadeiras e a própria casa onde está instalado até hoje é cedida por uma moradora da Baía do Sol. Nesse momento, a moeda social, o Moqueio, circulava somente no sistema de câmbio; por não ter o lastro (quantia equivalente em real da moeda social circulante à disposição no Banco) ainda não era possível oferecer o crédito de consumo, além de terem problemas técnicos com relação à internet, que muitas vezes falhava devido à distância entre a comunidade e o centro.

No final de 2010, o Instituto Palmas firmou uma parceria com o Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES) e com a Caixa Econômica Federal, fazendo com que o Tupinambá agora fosse correspondente da Caixa e permitiu o acesso de outro grupo social ao Banco Tupinambá: os beneficiados pelo Bolsa Família.

Para poderem receber recurso da Caixa e participar de Editais, surgiu a necessidade da criação do Instituto Tupinambá e o primeiro projeto social que o Instituto criou foi o CECI Mulheres, com o objetivo de empoderar as mães beneficiárias do Bolsa Família.

Durante os 5 anos do Banco Tupinambá, os principais prêmios conquistados foram:

2011 - 1º lugar no Programa Acolher Natura;

2012 - 2º lugar no Prêmio Aliança Empreendedora e 1º lugar no Prêmio Claudia;

2013 - 3º lugar no Prêmio Reconhecer Vale.

Uma das principais ferramentas da metodologia dos Bancos Comunitários de Desenvolvimento é a pesquisa de consumo, realizada no primeiro ano de funcionamento do banco e depois a cada 2 (dois) anos. A seguir, um resumo dos 3 últimos estudos: 2009, 2011 e 2014. Os principais resultados foram:

Quadro 2 – Pesquisas de consumo realizadas entre os anos de 2009, 2011 e 2014

Indicador		2009	2011	2014
Sexo	Homens	16%	37%	30%
	Mulheres	84%	63%	70%
Escolaridade	Alfabetizado	20%	3%	7%
	Ensino Fundamental Incompleto	30%	49%	20%
	Ensino Médio Completo	23%	22%	41%
Possui algum curso de qualificação		31%	51%	50%
Pessoas por casa	1 a 4 pessoas	57%	59%	50%
	5 a 8 pessoas	36%	39%	45%
	+ de 8 pessoas	7%	3%	5%
Compram no bairro		2%	64%	83%
Motivos para comprar no bairro	Para ajudar o bairro			28%
	O transporte é muito caro			24%
	Outros motivos			39%
Famílias que desenvolvem atividades produtivas		34%	77%	59%

As 3 pesquisas foram feitas com uma amostragem de 100 pessoas. Na pesquisa de 2014, novas informações foram somadas à pesquisa realizada pelo banco. Um dado interessante é que 59% das famílias entrevistadas possuem uma atividade produtiva ou comercial próprias como fonte de renda; além disso, 64,6%

dos entrevistados realizam pagamento de boletos no Banco e 76,8% realizam saques ou depósitos no banco. Entre as retiradas de benefícios, destaca-se os beneficiados pelo Bolsa Família. Outro ponto interessante com relação ao banco é que 47% conseguiu algum tipo de empréstimo através da moeda social ou do Real

Durante a pesquisa, também foi feita uma escala psicológica com relação ao sentimento dos entrevistados pelo Banco Tupinambá. Sua importância, conforme afirmam os entrevistados, é o desenvolvimento local que o Banco proporciona.

6 BAÍA DO SOL



Figura 5 – Baía do Sol (Fonte: Facebook)

A Baía do Sol está localizada na Ilha de Mosqueiro, distrito da cidade de Belém, faz divisa com a Ilha de Colares, é banhada pelo rio Pará, afluente do rio Amazonas e é considerada uma das povoações mais antigas de Mosqueiro, cujos mais antigos habitantes foram as tribos indígenas Morobiras e Tupinambás.

A ilha do Mosqueiro possui esse nome, pois de acordo com Mendes:

Antigamente, os “nativos” viviam de caça e da pesca abundante. O peixe era “moqueado” para manter-se por muitos dias como alimento, ou para transportá-lo para outras comunidades. É dessa prática que os “silvícolas” tiraram o nome de “moqueio” que mais tarde se transformou em Mosqueiro, o nome atual da Ilha (MENDES, 2012, p. 15)

A colonização da Baía do Sol se deu em função do mar, ou seja, do litoral para dentro da Ilha. As principais atividades na região eram pesca, agricultura, coleta de frutas e mariscos.

Segundo Meira (*apud* Mendes, 2012), a colonização da Baía do Sol começa com a divisão da ilha em duas partes, doadas a dois heróis da guerra do Paraguai: o general italiano Jacinto Botinelli e o paraense Francisco Xavier da Veiga Cabral, ato chamado de Sesmarias.

Um dos primeiros moradores, de acordo com registros de 1746 a 1748, foi Simão Nunes Silva – porém já existia uma povoação começada antes por seus

antepassados, com ajuda de nativos, e que deu início à família Silva, a mais numerosa da Baía do Sol.

Localizar o primeiro Silva não foi difícil, mas criar a genealogia é que foi o grande problema porque os moradores mais antigos não conseguiram lembrar, D. Baiana (78 anos), ela só conseguia lembrar dos avós, os bisavós eram desconhecidos. Só através das pesquisas nos Anais do Arquivo Público foi que conseguimos montar essa genealogia desconhecida dos Silva (MENDES, 2012, p.26).

A família Silva foi mencionada por M.C., entrevistada para esta pesquisa, quando questionada sobre a história da Baía do Sol: “Eu acho que foi pela família, a família Silva (se uniu) à família Souza. Se misturou, que aqui quase todo mundo é parente”.

Hoje a família Silva já está indo para 6ª geração e muitas das terras herdadas já estão nas mãos do terceiro comprador, mas existem vários prédios históricos que marcam a passagem do tempo na Baía do Sol, como a igreja de São Sebastião que, de acordo com pesquisa realizada por Mendes (2012, p.31), está em terra doada pela família Silva; o sítio Conceição, onde se encontra a casa grande, a capela, o sino e o cruzeiro, com estrutura arquitetônica do século XVIII. E, como M.C. pontuou e Mendes (2012, p. 30) confirma, “os casamentos, as ligações por parentesco e a dedicação a esse pedaço da Ilha de Mosqueiro são incluídos nos relatos dos acontecimentos desde o ‘antigamente’ até os ‘dias de hoje’”.

Por estar localizada na área litorânea, a Baía do Sol e outras áreas próximas eram consideradas privilegiadas pelos colonizadores que iam em busca do “El dourado”, e de acordo com os moradores entrevistados por Mendes (2013, p.30) “havia pirataria de navios estrangeiros que comercializavam ou exploravam alguns produtos regionais com os indígenas da região. Às vezes, até fixavam residência.” E dessa rica história é formada a comunidade da Baía do Sol, hoje uma miscigenação de famílias tradicionais, índios, negros e portugueses.

Haviam os índios Arirambas. Aqui também, na origem, há uma mistura: portugueses, indígenas. Então, meus parentes, tem um pessoal do Ceará, Pernambuco, que são meus bisavós, que juntaram com o povo daqui e foi crescendo (informação verbal³).

Para fazer um panorama de como está a Baía do Sol hoje, não se achou fontes documentais atualizadas sobre a comunidade em questão, mas é possível fazer um recorte através das entrevistas realizadas para o estudo com moradoras da região.

³ A.C. Entrevista [2014]. Entrevistador: Celina Leila Chagas. 2014.



Figura 6 – Comunidade da Baía do Sol. (Fonte: Facebook)

Parte das entrevistadas relataram dificuldade de acesso, até cinco anos atrás, há alguns serviços bancários e para compra de alguns artigos que só poderiam ser utilizados/adquiridos na Vila, centro de Mosqueiro, o que demandava tempo e dinheiro. Com relação a isso, todas afirmaram que o Banco melhorou muito esse acesso, pois ele em si possibilita o acesso a serviços bancários dentro da própria comunidade e incentiva o surgimento de novos empreendimentos na região, como padarias, açougues e supermercados.

Na perspectiva de melhoramento do Banco eu acho assim, a gente primeiro tinha que ir na Vila pagar conta e as pessoas que recebiam o Bolsa Família, eles deixavam o dinheiro todo na Vila. E hoje em dia o dinheiro circula aqui na comunidade mesmo. Então ele veio pra melhorar mesmo. (informação verbal⁴)

De ponto positivo foi relatado o baixo grau de violência que existe na comunidade, sendo esta um lugar onde se tem por objetivo continuar morando por muito tempo. Por outro lado, foi citado o descaso da Prefeitura, especialmente com relação à saúde, ao transporte, ao turismo e às políticas voltada para os jovens.

A Prefeitura não dá muita atenção a Baía do Sol, a questão da saúde. Transporte que também não tá bom. A gente precisa que eles tenham mais respeito pelos usuários. Os ônibus que circulam aqui, eles fazem o horário que querem. Essas linhas de ônibus, agora, eu acho que cada uma tem um dono, eles fazem o horário que querem. Aí a gente precisa de um ônibus e quando vem a van que é particular, aí se eles entrarem pra cá com poucas pessoas e tiver gente na praça em Carananduba, eles não podem trazer, o

⁴ A.C. Entrevista [2014]. Entrevistador: Celina Leila Chagas. 2014.

pessoal conta e implica com o pessoal das vans. Aí fica difícil. O usuário fica prejudicado (informação verbal⁵)

Apesar de ser uma região bastante visitada nos meses de janeiro, julho e dezembro, devido às férias escolares, uma das entrevistadas pontuou a falta de investimentos feitos no turismo da região, seja para revitalização da orla, na construção de infra-estrutura (existe apenas um hotel na região) ou na capacitação para receber os visitantes. Aliado a isso, também foi questionada a falta de projetos para conscientização ambiental

A Baía do Sol com uma orla bonita, que chamasse o turismo pra cá, e um desenvolvimento, tendo posto de gasolina, farmácia, que não temos aqui, escola particular – que as crianças daqui que não estudam em escola pública tem que se deslocar lá pro centro, lá pra Vila, aí se tivesse uma escolinha aqui não teria que pagar passagem (informação verbal⁶)

A principal atividade exercida na comunidade é a pesca, além disso, o bolsa família é uma das principais fontes de renda para as famílias ribeirinhas, segundo estudos realizados pelo próprio Banco (DELGADO, 2014)⁷

É uma comunidade pesqueira, que depende muito da pesca pra conservação desse alimento e dessa tirada do alimento, pra construção da família. Eles extraem o seu alimento da maré e a gente observa que agora com a escassez do peixe é muito também a cultura desses filhos que não foram criados dentro dessa sistemática de pescar e tal, com a dinâmica que hoje o Mercado oferece que é muito mais da pessoa estudar e crescer e buscar uma outra alternativa, tem escasseado bastante (informação verbal⁸).

⁵ A.C. Entrevista [2014]. Entrevistador: Celina Leila Chagas. 2014.

⁶ A.C. Entrevista [2014]. Entrevistador: Celina Leila Chagas. 2014.

⁷ Análise de proposta de intervenção: “Projeto CECI-Mulheres”, 2014. Em anexo.

⁸ Ivoneide Vale. Entrevista [2014]. Entrevistador: Celina Leila Chagas. 2014.



Figura 7 – Baía do Sol (Fonte: Facebook)

E de acordo com Ivoneide Vale, tem-se percebido a vontade da população mais jovem de sair da comunidade atrás de melhores oportunidades de emprego e estudo em outros lugares.

Em resumo, a comunidade da Baía do Sol é um lugar com beleza natural e de alto potencial turístico, com uma população formada por famílias tradicionais e de outras localidades e que enfrentam problemas devido à distância e a dificuldade de acesso a bens e serviços, mas que ainda tem as vantagens de ser uma comunidade relativamente pequena e com baixo índice de violência, de acordo com a percepção das entrevistas.

7 PROJETO CECI MULHERES



Figura 8 – Logomarca do Projeto CECI-Mulheres (Fonte: <http://bancotupinamba.wix.com/projetocecimulheres> Acessado em: 15/04/2014)

O projeto é uma estratégia do Banco Tupinambá de agir no núcleo familiar da comunidade através do empoderamento das mães que se beneficiam do programa Bolsa Família, através de empréstimos em moeda social (moqueio), oficinas, treinamentos, feiras solidárias e noções de empreendedorismo e Economia Solidária.

As mulheres possuem grande participação na vida social da comunidade, por isso na maioria dos projetos desenvolvidos anteriormente, são as que mais se integram no processo e garantem uma participação efetiva. Especificamente as mulheres do programa Bolsa Família, sempre foram alvos de cursos e palestras com o objetivo de educação financeira e incentivo à produção, a fim de melhorar a forma com que o dinheiro, oriundo desses programas, seja mais bem empregado na vida econômica da comunidade (DELGADO, 2014).

O CECI-Mulheres tem quase dois anos e está em fase embrionária. Foi feito um grupo inicial com 10 mulheres, que tiveram treinamento e participam mais de perto das reuniões; depois, cada uma das mulheres desse grupo inicial foi convidada a indicar outras 3 mulheres para fazerem parte do projeto.

O projeto começou a partir de um prêmio em dinheiro que a coordenadora do Banco, Ivoneide Vale, ganhou da Natura, em parceria com a revista Cláudia, em 2013. Só então foi possível fazer o investimento necessário para o início do CECI, como também em outras ações para o banco: aplicação no lastro da moeda social e em divulgação da moeda.

A junção da aproximação que nós tínhamos com a mãe que recebe o Bolsa e a necessidade de nós criarmos um Projeto pra ajudá-las no seu dia a dia. E aí juntou (o Programa com) o recurso da Natura, a gente juntou tudo, vamos mesclar aqui e saiu, desse Projeto da Natura, um programa pras

mães. Aí nós jogamos parte desse recurso no lastro e culminou com as palestras que nós estamos fazendo com as mães. Nós fizemos três palestras com as mães sobre (problema) social e as mães que vieram pra palestra têm direito ao empréstimo de trinta Moqueios.(informação verbal⁹)

Além do Banco Tupinambá não ter dinheiro suficiente para investir em muitas oficinas e também existir a falta de voluntários/funcionários, o projeto ainda sofre com a dificuldade em reunir todas as participantes e fazer com que a maioria permaneça atuante, o principal motivo alegado pelas participantes é incompatibilidade de horário ou questões familiares. Do grupo inicial de 10 mulheres, no momento da entrevista apenas 5 ainda faziam parte.

Das entrevistadas duas disseram que o que mais gostam do projeto é da união das mulheres, da oportunidade de ter uma outra renda e da possibilidade de deixarem de ser dependentes do Bolsa Família.

O Projeto Ceci é um Projeto das mulheres que recebem benefício do Governo Federal, como o Bolsa Família e aí a Dona Ivoneide com o marido dela, o seu Marivaldo, acharam uma maneira assim de nos ajudar, porque a gente não vai ficar todo o tempo com esse benefício, um dia vai ser cortado. Então pra que nós tenhamos daqui pra frente o nosso negócio, pra gente quando sair do Bolsa, já poder contar com nosso dinheiro. Pra não ficar dependendo só disso (informação verbal¹⁰).



Figura 9 – Feirinha Comunitária promovida pelo Projeto CECI-Mulheres (Fonte: Facebook)

⁹ Marivaldo Vale. Entrevista [2013]. Entrevistador: Celina Leila Chagas. 2013.

¹⁰ S. Entrevista [2014]. Entrevistador: Celina Leila Chagas. 2014.

Em análise do projeto realizada pelo banco, destacou-se a importância que esse projeto tem ao ouvir as participantes e ajudar na formulação de políticas públicas centradas nas necessidades das mulheres da região.

Ivoneide Vale pontua que a importância do trabalho com as mulheres (em especial as mães do Bolsa Família) é que os benefícios serão repassados para toda a família, sendo assim esta uma oportunidade não só de empoderamento das mulheres, de independência do programa Bolsa Família, como também de melhoria da qualidade de vida de todo o núcleo familiar de cada uma das participantes.

Mas quando a gente pensa no Projeto, no programa do Banco, nesse entorno todo, a gente sabe que tem os problemas sociais, e entre esses problemas sociais está a degradação da família; e a gente trabalha com um programa específico, que é o Bolsa Família, e a gente conseguiu chegar a essas mulheres e hoje a gente trabalha o Projeto Ceci como o coração do Banco. Porque vai ser a oportunidade que o Banco tem de empoderar as famílias e também de trabalhar o diferencial de todas essas famílias. E essa mulher que é o estio da casa, que o nome Ceci é “mãe suprema”, essa mulher tem um papel fundamental de educar, de construir o futuro, porque é ela que passa pelas crianças e as crianças vão ser o futuro desse País. Então, a gente trabalha o Projeto Ceci nessa perspectiva de empoderamento dessas mulheres (informação verbal¹¹).

O projeto CECI é um dos canais de transformação que o Banco Tupinambpa utiliza para transformar a comunidade, porém, como se observou, muito do que está planejado não pode ser executado devido a limitações de recursos, financeiros e humanos, mas ainda assim avanços no projeto foram feitos graças ao engajamento das participantes e ao capital social que o Banco já possui fora da comunidade.

¹¹ Ivoneide Vale. Entrevista [2014]. Entrevistador: Celina Leila Chagas. 2014.

8 METODOLOGIA

A primeira vez que eu tive contato com o tema Banco de Desenvolvimento Comunitário foi em agosto de 2011, na primeira Conferência de Negócios Sociais realizada pela Artemísia para divulgação de um novo modelo de negócios – chamado por eles de “setor dois e meio” - esse modelo consiste na criação de negócios cujo principal objetivo seja a solução de um problema social e onde todo o lucro é reinvestido no crescimento do próprio empreendimento.

Um negócio social é um novo tipo de negócio. É completamente diferente tanto de um negócio tradicional, que busca a maximização do lucro (e isso descreve praticamente todas as empresas privadas do mundo atual), quanto de uma organização sem fins lucrativos (que se sustenta com doações de caridade ou filantrópicas) (YUNUS, 2010).

Uma das grandes referências na área de negócios sociais é o Grameen Bank, idealizado e posto em prática por Muhammad Yunus. Com base no microcrédito, o Grameen Bank busca incentivar o empreendedorismo nas camadas mais pobres da Índia e, assim, ajudar essas pessoas a saírem da situação de extrema pobreza. Foi o primeiro do mundo especializado em micro-crédito.

Logo após o término Conferência de Negócios Sociais, foi lançado um documentário brasileiro, dirigido por Mara Mourão, chamado “Quem se importa”, sobre empreendedores sociais de várias partes do mundo. Entre os entrevistados estava Joaquim de Melo, fundador do Banco Palmas, Fortaleza-CE, o primeiro Banco Comunitário de Desenvolvimento do Brasil, onde ele contava uma das inovações do Banco, a moeda social, utilizada para ajudar a manter o dinheiro produzido pela comunidade na própria comunidade, fazendo com que os empreendimentos locais crescessem, aumentando o número de empregos na região, a mobilização popular e outras melhorias.

E em 2013, enquanto era presidente do escritório local da AIESEC em Belém, - ONG cujo objetivo é desenvolver a liderança em jovens, através do intercâmbio -, fui apresentada ao Banco Tupinambá, o primeiro BCD da região Amazônica. Fiquei impressionada com os resultados atingidos em apenas 5 anos de existência do Banco, porém intrigada com os problemas de mobilização que eles tinham para envolver a comunidade em outros projetos sociais do Banco.

Dessa parceria entre AIESEC e Banco Tupinambá, cinco intercambistas já realizaram trabalho voluntário no Banco, vindos do Peru e da Colômbia no período

de um ano. Um desses intercambistas, Mariana Montoya Delgado, fez uma análise de proposta de intervenção no projeto CECI, realizada em dezembro de 2013, que identificou os seguintes problemas: falta de voluntários da própria comunidade para fazer parte dos projetos e, também, ausência de uma estratégia de comunicação que alcance o maior número possível, dentro da própria comunidade.

No entanto, a estratégia de comunicação enquanto ferramentas tecnológicas e virtuais parece ser fraca, assim como canais institucionais de divulgação e as estratégias que utilizaram para captar a atenção do público alvo do Projeto e da comunidade em geral (DELGADO, 2014).

Durante o período da pesquisa, para entender melhor a realidade dos BCDs na Amazônia e da própria rede de BCDs no Brasil, tive a oportunidade de visitar o Banco Palmas em Fortaleza-CE e os Bancos Conquista e Liberdade em Manaus, além de conhecer Joaquim de Melo no aniversário de 5 anos do Banco Tupinambá. A impressão que tive é que os Bancos tem, em sua metodologia, um trabalho muito próximo da comunidade para sua criação, mas por não terem muitos investimentos, outras atividades se tornam inviáveis. Além disso, um dos bancos tem sofrido constantes baixas relacionadas à produção das moedas sociais e assaltos, o que abala o processo de conscientização da população em relação à moeda social e à Economia Solidária.

A escolha de pesquisar as mulheres do projeto CECI se deu principalmente por se tratar do grupo da comunidade mais próximo ao Banco Tupinambá. Como é constituído em sua maioria por matriarcas, isso as torna um grupo de formadoras de opinião sobre o Banco, por isso a importância de saber o nível de conhecimento e satisfação delas com relação ao mesmo.

A parte teórica da pesquisa foi realizada, após a pesquisa de campo, com o objetivo de entender a importância e a relação entre comunicação, desenvolvimento, Economia Solidária e o sucesso na mobilização em projetos sociais; os erros e acertos do Banco Tupinambá e quais ações são possíveis de colocar em prática no contexto em que se encontram para reverter esse quadro.

8.1 VISITA DE CAMPO

As visitas ao Banco Comunitário Tupinambá iniciaram em abril de 2013. As primeiras entrevistas, com os fundadores do Banco, tiveram por objetivo conhecer mais a história do Banco Tupinambá e o contexto da Baía do Sol. Em julho de 2013,

foi feita uma rápida visita ao Banco Palmas, primeiro Banco Comunitário de Desenvolvimento do Brasil (BCD) e em Novembro de 2013 outros 2 BCDs foram visitados em Manaus, por fazerem parte da Rede de BCDs da região Norte. A pesquisa de campo terminou com imersão de 1(uma) semana na Baía do Sol, onde a pesquisadora morou na casa dos fundadores. Nesse período, pôde contribuir no preenchimento de alguns projetos, ajudou na organização do aniversário de 5 anos do Banco e entrevistou 6 mulheres do projeto CECI, desenvolvido pelo Banco Tupinambá com 30 mães beneficiadas pelo Bolsa Família. Este é, sem dúvida, o projeto mais importante do Banco.

8.1.1 1ª Visita ao Banco Tupinambá – História do Banco

A primeira visita ao Banco Tupinambá aconteceu por volta de abril de 2013, na ocasião para conhecer a iniciativa e fazer uma proposta de parceria com a ONG em que eu trabalhava. Voltei logo em seguida para documentar a história do Banco, através da gravação de uma entrevista feita com Marivaldo Vale, que aconteceu dentro das dependências do Banco em funcionamento; fato interessante, pois durante a entrevista Marivaldo conversou com pessoas (que chegavam ao local para pagar contas e pegar empréstimo) sobre a importância do Banco para elas; durante a meia hora de entrevista, 6 pessoas fizeram algum tipo de transação bancária ou foram pedir informações no Banco Tupinambá.

8.1.2 1ª Visita ao projeto CECI-mulheres

Em novembro de 2013, participei de uma reunião entre as participantes do projeto CECI e Ivoneide Vale a coordenadora do projeto, para a organização do evento III Reveillon Comunitário Tupi, onde as mulheres iriam participar da feira solidária e vender comidas como tacacá, risoto, vatapá etc.. Elas também estavam vendendo cartela de bingo em parceria com a Natura para arrecadar o dinheiro para a compra da matéria-prima das comidas.

Na ocasião, um dos principais problemas citados pela coordenação do projeto foi o de reunir todas as mulheres, explicando que elas não gostavam muito de reunir. No dia choveu muito, o que não permitiu que algumas participantes comparecessem. Das 10 mulheres que fazem parte da primeira fase do projeto, 6 estiveram presentes.

A reunião foi relativamente rápida, porém pareceu que a maioria ainda não sabia muito bem sobre o réveillon e algumas estavam tendo dificuldades nas vendas

do Bingo (vendido a 20 reais com direito a um perfume cedido pela natura e a 10 reais em comidas vendidas na feira solidária no dia), problema esse que foi remediado com a transferência de algumas cartelas para as que tinham mais facilidade de vender.

8.1.3 Visita ao Banco Palmas

A visita ao Banco Palmas foi rápida, mas bastante produtiva. Na ocasião tive a oportunidade de conversar com Asier Ansorena, diretor de crédito e inovação do Banco Palmas, que me apresentou as dependências do Banco e do Instituto Palmas. O Instituto, hoje, conta com área de pesquisa em inovação e crédito, o PalmasLab, em parceria com a universidade de Columbia, nos Estados Unidos. Os principais objetivos são:

- Desenvolver soluções de TI, principalmente através de tecnologia celular, para criar e melhorar os produtos e serviços financeiros dos bancos comunitários e de outras práticas no campo das finanças solidárias, aperfeiçoando e dando escala as finanças solidarias;
- Capacitar à população local para produzir tecnologias e soluções de TI para o setor das finanças solidárias em geral, gerando renda para a comunidade a partir da criação de empreendimentos solidários de TI;
- Através de soluções inovadoras em TI para populações de baixa renda, contribuir para melhorar a qualidade da política publica dentro das esferas da inclusão financeira e erradicação da pobreza (INSTITUTO PALMAS).

Além de vários outros projetos, como o Projeto Elas (empoderamento financeiro das mulheres do Bolsa Família), Moeda social Palminhas, complementar à moeda social Palmas, para educação financeira e em economia solidária de crianças e adolescentes, o Banco Palmas é a base e o apoio para a multiplicação da metodologia para a rede de Bancos Comunitários de Desenvolvimento no Brasil.

8.1.4 Visita ao Banco Liberdade

A visita ao Banco Liberdade aconteceu no início de novembro de 2013. Esse Banco teve origem a partir da OSCIP (Organização Social e Econômica Liberdade), que foi selecionada através de uma iniciativa da prefeitura de Manaus para aplicar a metodologia de Bancos Comunitários na comunidade. Mesmo não tendo lastro o BCD conta com o apoio e adesão de 80% dos comerciantes da região à moeda social Tucumã. O banco também funciona somente através do câmbio por real.

Apesar de ter começado através da iniciativa da prefeitura, o Banco Liberdade é independente e gerido pela associação com o aval da população.

Fizemos uma pesquisa de campo bem extensa, uma pesquisa com os comerciantes, com os comunitários, o que eles achavam da moeda, e nós trouxemos a comunidade pra dentro da ONG, porque tudo o que você vê aqui, essa organização, essa realidade, foi o comunitário que escolheu. Foi o comunitário que escolheu a moeda, foi o comunitário que escolheu o nome do Banco, foi o comunitário que escolheu o coordenador, tudo de acordo com a metodologia que veio (informação verbal¹²).

O Banco, além de ter parceria com a Caixa Econômica, também promove alguns projetos sociais, como feiras de economia solidária, cursos profissionalizantes, um jornal local e o prêmio tucumã, que visa homenagear as principais personalidades da comunidade e apoiadores do BCD.

No futuro, o banco quer ser reconhecido como referência em economia solidária em Manaus e ser um centro de pesquisa sobre o assunto.

8.1.5 Visita ao Banco Conquista

Localizado na colônia Antonio Aleixo, em Manaus, o Banco Conquista faz parte da Associação dos Moradores Amigos do Complexo Colônia Antonio Aleixo. Com pouco mais de dois anos de existência, já foram assaltados 3 vezes, porém continuam em atividade na comunidade sendo correspondente bancário do Bradesco e tentando reerguer os projetos sociais do Banco e da Associação.

Foi aplicada a mesma metodologia de Bancos Comunitários utilizada pelo Banco Liberdade e eles conseguiram uma mobilização na comunidade, porém boa parte da mobilização acontece em função da moeda social em circulação, e como eles sofreram 3 assaltos seguidos estão tendo dificuldade de manter a comunidade mobilizada.

Nosso objetivo era esse. Era suprir as necessidades da nossa comunidade. E com a vinda do Banco, com o trabalho que nós fizemos com a moeda, os comércios realmente, comércios que tinha só um dono, com o trabalho que nós começamos a fazer nas escolas, nas igrejas e visitando casa por casa, as pessoas passaram a se conscientizar de que quando elas compram na comunidade, elas estão gerando emprego pra elas mesmas (informação verbal¹³).

E assim como os Bancos Palmas e Tupinambá, em um futuro próximo têm interesse em trabalhar com as mulheres do Bolsa família:

E o trabalho que eu gostaria também de fazer com as mulheres do Bolsa Família. Eu quero estar concretizando esse trabalho, que eu ainda não consegui parar pra trabalhar ele. E um dos objetivos é alcançar todas essas mulheres. Até porque as mulheres aqui que recebem o Bolsa Família é pra

¹² S.M. Entrevista [2013]. Entrevistador: Celina Leila Chagas. 2013.

¹³ Assunção. Entrevista [2013]. Entrevistador: Celina Leila Chagas. 2013.

luxo e não pro objetivo principal, elas empenham nas lojas, elas nem veem o dinheiro. A gente tem como foco principal fazer esse trabalho com elas. Qual o objetivo principal do Bolsa Família. E dar também uma qualificação pra elas. Porque um dia o Bolsa Família vai sair. (informação verbal¹⁴).

8.1.6 Imersão na Baía do Sol

Entre 9 e 15 de janeiro de 2014 foi feita uma imersão na Comunidade da Baía do Sol, em especial no cotidiano dos fundadores do Banco Tupinambá. Durante esses dias, observou-se como foi feito o engajamento da comunidade para o aniversário de 5 anos do Banco, ajudou-se na confecção de 2 projetos para captação de recursos para o CECI e teve-se acesso à pesquisa feita por Mariana Montoya Delgado, estudante de Sociologia da Universidade ICESI Calí-Colômbia, para identificação dos pontos fortes e fracos do projeto CECI-Mulheres.

O funcionamento do Banco Tupinambá é realizado através dos trabalhos de Marivaldo Vale, Ivoneide Vale (casados) e Maira Vale (filha); o Banco funciona de 8h até 12h e de 14h até 17h, como correspondente da Caixa Econômica. Foi possível ver que o Banco não tem muitos voluntários, dentro da comunidade, para ajudar na execução dos projetos e do próprio funcionamento, assim como não tem verba suficiente para contratação de mais funcionários. De acordo com os fundadores, a renda para tornar o Banco sustentável financeiramente vem do número de transações bancárias e dos prêmios e editais que o Banco e o Instituto Tupinambá concorrem.

O Aniversário de 5 anos do Banco foi realizado dia 16 de janeiro de 2014. Na programação houve a abertura do evento com representantes do governo Federal, SENAES, Banco da Amazônia, Ministério do Desenvolvimento Social (MDS), Caixa Econômica, Natura, Instituto Capital Social da Amazônia, Fundação Palmas, AIESEC, entre outros. Em seguida, foi feita uma visita aos empreendimentos que receberam crédito produtivo do Banco, momento no qual os proprietários contaram um pouco de suas histórias e responderam a dúvidas dos convidados; o almoço foi feito em um restaurante também beneficiado pelo Banco, e à tarde os parceiros do Banco puderam falar sobre a importância dos BCDs para a superação da pobreza; em seguida houve um espaço para a comunidade falar sobre a importância do Banco para a Baía do Sol e como suas vidas já foram afetadas positivamente e, para encerrar o evento, foi servido um coquetel feito pelas mulheres do projeto CECI, no qual cada pessoa ganhou 5 moqueios, doados aos convidados pelo Banco

¹⁴ A. Entrevista [2013]. Entrevistador: Celina Leila Chagas. 2013.

para comprar os pratos (o que quisessem a mais podia ser comprado em real). No final, o dinheiro arrecadado no evento com as comidas foi repartido entre as mulheres do projeto.

Durante a semana, Ivoneide Vale visitou a casa de 5 mulheres do projeto CECI para decidirem o que cada uma iria preparar para o evento e se precisavam de ajuda para o preparo; além disso, foi feito um acordo com a escola pública para a cessão do espaço onde ocorreram os debates; conversaram com os empreendedores que iriam participar do evento e foi feita a articulação com os convidados elencados. A fundadora afirma que a principal dificuldade do projeto é reunir as mulheres.

Esse mesmo período foi o prazo final para a entrega de 2 projetos, um para ASHOKA, sobre Feedbacks, e outro pro IAF- Inter American Foundation; a pesquisadora teve acesso e ajudou na elaboração dos projetos. O que mais chamou a atenção foi o pouco engajamento da comunidade em atividades voluntárias relacionadas ao Banco, inclusive em inúmeros eventos comemorativos que o Banco realiza na comunidade, e os quais a cada ano atraem maior número de visitantes.

A pesquisa realizada por Mariana Montoya Delgado, voluntária intercambista, aponta que:

Apesar do Banco possuir quase 5 anos, ainda não é reconhecido como uma autoridade competente na comunidade, o que acarreta em falta de apoio aos programas. Isso ocorre porque não existe um entendimento claro das estratégias e objetivos, o que faz com que alguns processos aconteçam de forma lenta. (DELGADO, 2014)

Acrescente-se a isso a já mencionada escassez de recurso humano e financeiro para a realização das atividades do projeto CECI.

9 A REALIDADE A PARTIR DA PERCEPÇÃO DAS PARTICIPANTES DO PROJETO CECI-MULHERES

As integrantes do projeto CECI são mães incluídas no Programa Bolsa Família. E o projeto tem por objetivo ajudar para que essas mulheres tenham uma renda que substitua, especialmente no futuro, o Bolsa Família através de práticas empreendedoras. Esse grupo beneficiado pelo Bolsa Família é o que o Instituto responsável pelo Banco Tupinambá tem contato mais direto; são 30 (trinta) mulheres no total, das quais 6 (seis) foram entrevistadas para esta pesquisa.

M.C., uma das colaboradoras, já foi professora e diz que a Baía do Sol começou com a junção de duas famílias, numa pequena comunidade afastada do centro. Com relação à história do banco, foi informada por um dos fundadores que começou em Fortaleza e que o instalaram na Baía do Sol. Na opinião da entrevistada, é uma iniciativa que está dando certo e melhorando a comunidade. Já o projeto CECI - Mulheres, para esta mesma colaboradora, foi criado para as mulheres do Bolsa Família para multiplicar o dinheiro do Bolsa; entrou no projeto a convite da Ivoneide Vale, por estar desempregada.

Em perspectiva de melhoramento do Banco, a gente primeiro tinha que ir na vila pagar conta e as pessoas que recebiam Bolsa Família deixavam o dinheiro todo na vila e hoje em dia o dinheiro circula aqui na comunidade. Então ele veio para melhorar mesmo. O que falta melhorar é as pessoas acreditarem mais no projeto que veio melhorar a comunidade (informação verbal¹⁵).

Diz ela que o que mais gosta no projeto CECI é a união das mulheres; também afirma que o banco está atuando em algumas situações em que a Prefeitura não consegue alcançar. Diz também que desenvolvimento é: “se uma comunidade estiver parada chega alguém para movimentar esta comunidade e dá suporte para que ela cresça” (M.C, 2014).

Por outro lado, houve algumas entrevistadas que pouco sabiam sobre a história da Baía do Sol, do Banco ou mesmo do Projeto.

A. começou há pouco tempo no projeto CECI, mas afirma que a Baía do Sol está mais desenvolvida, e cita o supermercado como exemplo: “É um dos empreendimentos de sucesso do Banco que aumentou de tamanho nos últimos anos”, diz também que o Banco facilita a vida das pessoas.

¹⁵ M.C. Entrevista [2014]. Entrevistador: Celina Leila Chagas. 2014.

Já A.C. resgatou a parte indígena da história da Baía do Sol. Com relação ao Banco, diz ter beneficiado muito a população local, tornando de fácil acesso alguns serviços bancários. Entrou para o projeto CECI através do convite de Ivoneide e convidou outras mulheres para fazer parte. Destacou o trabalho do Banco com a Caixa, abertura de contas, pagamento do Bolsa Família e a promoção da cultura local através dos eventos. O que mais gosta do Projeto CECI é “a parceria entre as mulheres e o Banco [...] é uma coisa humana, a gente precisa ter isso. Um ajuda o outro. É uma coisa muito importante para a comunidade o projeto CECI” (A.C., 2014). Tem um ótimo conhecimento sobre a Moeda Social e destaca a falta de escola particular e de farmácias na localidade

Outra entrevistada foi N., que já trabalhou como diarista e hoje é revendedora da Natura e dona de casa. Ela diz não saber ao certo a história da Baía do Sol, e que sua família materna vem da Ilha do Marajó. Tampouco sabe como começou o Banco ou o Projeto. Entrou para o projeto CECI através de um convite da irmã para ir às reuniões e participou da primeira feira solidária, em julho de 2013. Acredita que hoje a Baía do Sol tem mais oportunidades e trabalho. Para ela, o banco atende suas expectativas por poder receber os benefícios do Banco perto de casa. O que mais gosta do projeto CECI é de participar dos eventos e das feiras solidárias. Para ela, qualidade de vida é “se manter e dar o que pode para si e para família. Desenvolvimento é o que acontece na Baía do Sol. Economia solidária é ajudar o próximo e dar oportunidade para as pessoas. A Baía do Sol ideal seria ter um projeto para os jovens”. Seu sonho para família é ter uma casa própria; acredita que o banco Tupinambá irá ajudá-la na realização de seu sonho e acredita que daqui a 5 anos a comunidade estará utilizando do Banco e fazendo com que ambos cresçam e dêem apoio aos que precisam.

S. mora há 7 anos na Baía do Sol, é de Belém. Foi passar férias na Baía do Sol e decidiu ficar. Teve dificuldade de adaptação, pois trabalhava com comércio em Belém e na Baía do Sol não pôde continuar com a atividade.

Tô com 7 anos que moro na Baía do Sol. Eu sou de Belém, vim só passar umas férias aqui, aí gostei do ambiente, do clima, e fiquei. Eu sou dona de casa. Quando vim lá de Belém eu senti muito, porque lá eu sempre trabalhei com venda, eu tinha minha venda na porta de casa, quando eu vim pra cá eu senti muito porque aqui não tem um movimento que dê pra fazer venda. Aí eu fiquei triste porque não tinha nada pra eu fazer, ganhar meu dinheiro,

enquanto que lá eu tinha bastante oportunidade e não aproveitei, enquanto que pra cá as oportunidades não são como as de lá (informação verbal¹⁶).

Não sabe sobre a história da Baía do Sol e conhece apenas uma parte da história do Banco. Sabe que o Banco veio para ajudar as pessoas, especialmente as que querem alavancar o negócio, e diz que o Banco veio para beneficiar os moradores da Baía do Sol. Com relação ao projeto CECI, sabe que é focado nas mães do Bolsa Família, para que elas tenham uma fonte de renda extra ao benefício. Para ela, a Baía do Sol está aumentando, em número de pessoas e de comércio. Sabe que o Banco Tupinambá promove eventos para a comunidade e atende às expectativas, mas acha que falta melhorar algumas coisas, como espaço e aumento do limite dos valores das transações bancárias. O que mais gosta no projeto é o fato de reunir as mulheres e de proporcionar “independência financeira” delas. Qualidade de vida para ela é o ar puro, meio-ambiente e a tranquilidade do lugar onde mora. Desenvolvimento é o crescimento financeiro próprio e dos comerciantes da Baía do Sol. Economia Solidária é quando as pessoas se reúnem para ajudar uns aos outros, e moqueio é uma moeda que todos os comércios aceitam e que veio para ajudar. Para ela, a Baía do Sol ideal seria um lugar com mais empreendimentos, com algum projeto na área de meio-ambiente e de conscientização ambiental. Seu sonho para a família é que todos se mudassem para Baía do Sol e acredita que o sonho vai se realizar com ajuda do banco, pois ele traz melhorias para a comunidade, oferecendo mais oportunidades. Ela espera que em 5 anos a Baía do Sol esteja mais desenvolvida e com uma agência da caixa.

Em resumo, algumas sabem da história da Baía do Sol e/ou do Banco, porém todas têm pouco conhecimento sobre Economia Solidária; elas acreditam que o Banco Tupinambá irá ajudá-las na realização de seus sonhos, no desenvolvimento da comunidade em curto prazo e também dizem que o Banco atende suas expectativas. Cada uma tinha uma visão diferente e complementar sobre o que é qualidade de vida e todas acreditam que o Banco já trouxe melhorias para comunidade e suas vidas, especialmente com relação ao acesso a serviços bancários e empréstimos.

¹⁶ S. Entrevista [2014]. Entrevistador: Celina Leila Chagas. 2014.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Economia Solidária é fundamentada primordialmente na busca da geração de renda através de um esforço coletivo que visa o bem comum, levando seus participantes a vivenciarem a democracia e o poder de tomada de decisão no desenvolvimento de suas comunidades ao nível local. Entretanto, muitas pessoas que vivem a realidade de participar de um empreendimento solidário, não fazem ideia sobre a filosofia ou os seus principais conceitos, dificultando assim suas participações nas tomadas de decisão, de forma consciente das consequências de suas ações. Uma das principais dificuldades é como envolver, informar e manter mobilizada as comunidades onde atuam, especialmente com poucos recursos financeiros.

A Economia Solidária é uma forma de produção e consumo inovadora e de resistência ao capitalismo selvagem, e os Bancos Comunitários de Desenvolvimento são empreendimentos que surgiram a pouquíssimo tempo no Brasil. Em 15 anos muita coisa foi criada, reformulada e expandida, mas ainda há muito o que se fazer e aprender. Espalhar tecnologias sociais para toda a rede de Bancos Comunitários do Brasil é necessária e urgente.

Quando se fala em Comunicação Social é possível pensar em alternativas baratas e eficientes, em especial quando se trata de comunidades pequenas e com pouco ou nenhum acesso à internet, por exemplo.

Quanto mais forte é o Capital Social de uma organização mais capilaridade se cria na comunidade e mais forte se torna a cultura organizacional. No caso da Economia Solidária, o senso de corresponsabilidade é fundamental para que os principais valores da Economia sejam difundidos e vividos pela comunidade.

Com relação ao Banco Tupinambá, a partir das entrevistas feitas com as mulheres do projeto CECI, constatou-se que todas acreditam que o Banco Tupinambá tem um impacto positivo na comunidade e em suas vidas, e todas percebem um futuro a curto prazo melhor por causa do banco, porém poucas souberam explicar o que é economia solidária (a filosofia por trás dos BCDs), a história do banco ou da própria comunidade. Como visto no capítulo 4 sobre mobilização social, saber a história é um dos passos básicos para existir vinculação e identificação com um projeto social. Outra questão a ser trabalhada é a da corresponsabilidade; algumas já começam a perceber a importância da participação

de todos para o êxito do projeto, porém faltam ferramentas para que elas se sintam seguras para tomar as decisões coletivamente.

O Banco de Desenvolvimento Comunitário Tupinambá, com 5 anos, fez grandes avanços para ser conhecido nas principais redes nacionais, que lidam com a Economia Solidária, fazendo uso contínuo de ferramentas virtuais, como o Facebook e site próprio, participação em eventos regionais e nacionais sobre BCDs e participação em concursos e premiações relacionados a empreendedorismo.



Figura 10 - Exemplo de propaganda do Banco Tupinambá (Fonte: <http://bancotupinamba.blogspot.com.br>)

Porém, em análise feita pelo próprio Banco, constatou-se que somente o uso de redes sociais não é o suficiente como canal de comunicação que alcance a maioria dos moradores da Baía do Sol.

Viu-se a importância que a utilização de ferramentas tecnológicas tem para esse tipo de associações, pois são de ajuda, não só para manter o contexto atualizado, mas sim também, divulgar as ações da organização e encontrar a possibilidade de realizar parcerias inter setoriais que potencializem as atividades da mesma. No uso das redes sociais como *facebook* e a página de internet serve para estar em contato, em dia com as atualizações, assim também como montar redes de apoio e troca com outras organizações parecidas que estão funcionando ao redor do mundo, e no Brasil. É de grande ajuda na hora de inserir-se na dinâmica do intercâmbio imediato ou do contexto da globalização da sociedade atual e serve precisamente para poder estabelecer uma ponte de diálogo e informação para fornecer, entre outras coisas, uma atualização das atividades e dos projetos que se realizam na Instituição.

No entanto, a estratégia de comunicação - em quanto ferramentas tecnológicas e virtuais - parece ser fraca, assim como canais institucionais de divulgação e as estratégias que utilizaram para captar a atenção do público alvo do Projeto e da comunidade em geral. (DELGADO, 2014)

As estratégias de comunicação hoje compreendem o investimento em elementos gráficos como placas de rua e banners na frente dos empreendimentos, com o objetivo de incentivar o uso da moeda social local, o Moqueio, e informar que o estabelecimento e a comunidade em questão fazem uso da moeda.



Figura 11 - Exemplo de propaganda do Banco Tupinambá (Fonte: Facebook)

Além disso, existe a organização de dois grandes eventos durante o ano que coincidem com as férias escolares: o Verão Tupi e o Reveillon Tupi, realizados respectivamente nos meses de julho e dezembro. Para esses eventos, os coordenadores do Banco Tupinambá conseguem mobilizar tanto moradores como a Prefeitura, realizando atividades relacionadas à economia solidária como a feira realizada pelas participantes do projeto CECI bem como passam informações relacionadas à Economia Solidária para os participantes.



Figura 12 - Exemplo de evento promovido pelo Instituto Tupinambá (Fonte: <http://bancotupinamba.blogspot.com.br>)

Durante o resto do ano existem eventos menores voltados especialmente para o público que faz parte da rede do banco (interna e externa à comunidade), abertos para todos que queiram participar, como o aniversário do Banco e comemorações festivas: período junino, dia da mulher, dia das mães etc.

Porém, o que foi visto no período de observação e de pesquisa desse estudo é que o Banco Tupinambá tem dificuldade em manter voluntários e participantes de projetos por muito tempo e as pessoas mais próximas ao BCD, caso das mulheres do CECI - Mulheres, que são um dos principais grupos difusores do Banco depois dos coordenadores, dentro da comunidade, creditavam grande importância ao Banco na transformação da Baía do Sol nos últimos anos. Porém, seus conhecimentos sobre o que é Economia Solidária e como Bancos Comunitários de Desenvolvimento funcionam era insuficiente, o que dificultava a participação desse grupo nas tomadas de decisão do projeto CECI ou na hora de esclarecer para suas redes sociais o que significa ter um BCD em sua comunidade.

De acordo com entrevistas feitas no Banco Tupinambá, e em outros bancos comunitários da região amazônica, notou-se a importância do estudo de como o

capital social pode contribuir para o crescimento de empreendimentos solidários, mas, além disso, esse conhecimento deve estar acessível a todos os gestores sociais de projetos que, para serem bem sucedidos, precisam da participação genuína da comunidade em que estão inseridos.

Além disso, a partir do acesso ao documento debatido na III Conferência Estadual de Economia Solidária, feito a partir de encontros regionais com empreendimentos solidários de todo o Estado do Pará, verificou-se que das propostas elaboradas, 25 estavam relacionadas ao acesso à informação ou à criação de canais de comunicação com a comunidade e 9 eram relacionadas à criação de espaços destinados à prática da Economia Solidária, sendo um forte indício que a problemática desenvolvida nesse estudo é sentida por grande parte dos empreendimentos solidários, ao menos no Pará.

Com base no estudo teórico apresentado nessa dissertação, serão elencadas sugestões para aumentar o capital social do Banco Tupinambá, de acordo com a realidade encontrada durante o período da pesquisa. E, como o Banco é referência na implementação de novos BCDs na região norte, esse estudo espera contribuir para o debate de um problema que embora seja tão frequente em projetos sociais, pouco estes dispõem de sugestões práticas para os gestores acerca do que é uma comunicação voltada para a comunidade, com o objetivo de estabelecer diálogo e considerando o quanto precisam esses gestores, intrinsecamente, da participação popular para que os objetivos estipulados nos projetos sociais tenham êxito.

As sugestões foram divididas em curto, médio e longo prazo, de acordo com a frequência e mobilização necessária para que aconteça, seja quanto às pessoas ou em termos de recursos financeiros. Não se pretende a criação de um manual ou de uma cartilha a ser seguida, são apenas sugestões de melhoria na comunicação feita entre o Banco Tupinambá e a comunidade da Baía do Sol.

- Curto prazo

- Jornal Mural: para ser colocado em lugar de destaque dentro do banco, pode ser feito de cartolina de tamanho a variar com a necessidade e espaço disponível; deve ter um tamanho e letra legível cujos títulos das matérias possam ser vistos há pelo menos 2 metros de distância; pode conter informação de reuniões, eventos, cursos e atividades fornecidos pelo Banco

ou de interesse do público do Banco; frequência sugerida: mensal. É uma das opções mais baratas, porém de alcance limitado, visto que o público atingido seria somente o que passar pela área física do Banco, ele pode ser potencializado se feito mais 5 cópias a serem fixadas em locais parceiros de grande circulação, como escolas, posto de saúde, principais empreendimentos solidários etc.. Ele pode ser confeccionado a mão ou impresso e feito colagem para ficar do tamanho de uma cartolina.

- Fanzine: em formato de uma folha de A4, pode ter tiragem de acordo com a necessidade e disponibilidade da organização. Como conteúdo é possível ter entrevistas e ser de cunho mais informativo, o mais importante é que constem as principais informações do Banco para o período. Pode ser afixado em ônibus e estar disponível para os clientes do Banco. Ele pode ter frequência bimensal ou mensal e ser complementar ao jornal mural.

-Parceria com espaços de diálogo (escola, polícia, igrejas, hospitais): é fundamental que o banco tenha como parceria outras organizações, esteja presente em seus debates e estimule a participação de todos. Essa ação fará com que outras pessoas conheçam as ações do Banco. Essa parceria é imprescindível inclusive para que seus canais de comunicação alcancem o maior número possível de moradores na Baía do Sol.

- Espaço de debate lúdico (cinema): uma forma de incentivar a criação de espaços de diálogo abertos é utilizar o cinema como ferramenta. O cine-debate pode servir de apoio para que os participantes expressem suas opiniões com relação a questões abordadas no filme, mas que também podem estar acontecendo na comunidade.

- Linha do tempo: Como foi citado no capítulo sobre mobilização e comunicação, saber a história do movimento faz com que as pessoas criem um senso de pertencimento. Para isso, além de inserir a história do Banco na grade curricular dos cursos a serem ofertados pelo Banco, é possível montar uma linha do tempo que explique graficamente as conquistas do Tupinambá nos últimos 5 anos. Precisa ter uma leitura fácil (tamanho e linguagem) e lugar de destaque nas dependências do Banco.

- Criação de uma mini-biblioteca: nesses 5 anos já existem vários estudos sobre o Banco Tupinambá e a rede de Bancos Comunitários de Desenvolvimento no Brasil. É interessante criar um espaço em área pública

para dar acesso a essas informações, incentivando cada vez mais a comunidade e pessoas externas a estudarem o tema.

- Tornar os colaboradores mais próximos do banco representantes em suas redes sociais: para isso é necessário passar o conhecimento mínimo relacionado à Economia Solidária, BCDs e assuntos relacionados para que essas pessoas que já vivem a Economia Solidária possam esclarecer dúvidas de seus pares e, assim, mais pessoas dentro da comunidade tomem conhecimento sobre o que é o Banco gerando uma maior confiança para que dele façam parte.

- Ciclo de estudo e debate sobre temas relacionados ao Banco: esses grupos serviriam também para achar soluções comuns para problemas que afligem o banco e ter um conhecimento mais próximo das opiniões das pessoas que fazem parte da rede de atuação do Banco

- Repensar o modelo de reuniões:

As reuniões devem ser um momento de confraternização. É possível torná-las mais agradáveis e mais produtivas ao mesmo tempo, e isso pode ser debatido com o grupo a fim de trazer pontos de melhorias. Como sugestão, seria interessante criar um momento para que os participantes digam coisas agradáveis e tristes de sua semana, no começo definir a meta da reunião e os resultados esperados, já no final fazer um balanço sobre o que houve de bom no encontro e o que poderia melhorar.

- Médio prazo

- Utilização de World Café em eventos menores: World Café é uma tecnologia social com foco na conversação de grandes grupos que tem por objetivo fazer com que todos contribuam para o debate de temas colocados em questão através de um esquema de pequenos grupos e resultados gráficos sobre as opiniões expressas.

- Política de reconhecimento público: seja em eventos específicos para o reconhecimento ou dentro de outros realizados pela organização, é importante para toda a comunidade reconhecer os empreendimentos com as melhores práticas e as personalidades que se destacaram dentro e fora do

Banco, de preferência que todos ou a maioria sejam ou tenham trabalhos relacionados à Baía do Sol.

- Reuniões de transparência aberta ao público: a prestação de contas já acontece para o Fórum de empreendedores locais que fazem parte do Conselho do Banco, porém para gerar confiança na comunidade seria interessante abrir ao público e fazer uma divulgação forte através dos canais de comunicação do Banco e de parceiros.

- Campanhas educativas: fazer campanhas para esclarecer os principais conceitos relacionados ao Banco, como Economia Solidária, Moeda Social, etc., podendo este material ser em formato de quadrinhos e em palestras em escolas, igrejas e afins.

- Celebrar as vitórias do Banco com a comunidade: todas as conquistas feitas pelo Banco devem ser compartilhadas com a comunidade, seja em forma de festa ou de um comunicado no jornal-mural, para que a comunidade perceba o sucesso do banco também como seu.

- Utilizar teatro popular nos grandes eventos: através de peças é possível passar conceitos de Economia Solidária de forma lúdica e tendo maior alcance em eventos de grande porte.

- Longo prazo

- Educomunicação: um método pedagógico que utiliza a criação de peças audiovisuais e gráficas para que o aluno produza conhecimento e informação para sua comunidade. Interdisciplinar, com o apoio de professores e da escola, os próprios alunos fariam matérias relacionadas à Economia Solidária e à comunidade, com as matérias podendo ser veiculados na rádio comunitária e jornal local.

- Rádio Comunitária: existia uma rádio comunitária antes do Banco ser formado na comunidade, porém ela teve que ser fechada. Seria, então, fundamental fomentar a criação de uma nova rádio comunitária. Um meio de comunicação feito pela comunidade e para a comunidade.

- Trabalhar na escola conceitos como economia e finanças solidárias: articular com gestores escolares para que esses temas sejam debatidos em sala de aula.

- Pesquisa de consumo: incluir na pesquisa de consumo perguntas para verificar o grau de entendimento das pessoas com temas relacionados ao Banco. Esse pode ser um indicativo de engajamento da comunidade.

As sugestões propostas visam abrir o leque de opções para os gestores de canais de comunicação com a comunidade não se limitando somente a essas ideias.

Então, o que a Universidade poderia ajudar, é justamente o que a gente não consegue alcançar. A gente percebe que mudou, a comunidade mudou. Falta colocar isso no papel. Mudou em quê? O fato da pesquisa que nós fizemos, ela aponta que mudou. Mas nós queremos, assim, uma coisa que pudesse mencionar aonde mudou. Mudou aonde? Mudou isso, aquilo. E também no aspecto de comportamento das pessoas. Qual é a importância que o Banco Tupinambá tem pra comunidade? Acho que seria um bom tema (informação verbal¹⁷).

E, finalmente, vale ressaltar a importância de que mais estudos sejam feitos acerca do tema Bancos Comunitários de Desenvolvimento e Economia Solidária, de maneira que seja possível existir uma troca rica para ambos os lados, seja comunitário ou acadêmico.

¹⁷ Marivaldo Vale. Entrevista [2014]. Entrevistador: Celina Leila Chagas. 2014.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

III CONFERÊNCIA ESTADUAL DE ECONOMIA SOLIDÁRIA, 2014, Belém: Governo do Estado do Pará, 2014.

ABRAMOVAY, Ricardo. O capital social dos territórios: repensando o desenvolvimento rural. **Economia Aplicada**. v. 4, n. 2., 379-397, abril/junho 2000.

AMARAL, Sergio Tibiriçá; FERRARI, Gabriel Leite. Direitos de quarta dimensão e suas implicações sociais. In: **ETIC – Encontro Nacional De Iniciação Científica**, v. 4, n. 4, 2008.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988**. Organização do texto: Juarez de Oliveira. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990. 168 p. (Série Legislação Brasileira)

CITELLI, Adílson Odair; COSTA, Cristina Castilho (Orgs.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2011. 253 p.

EID, Farid; PIGOSSI, Gustavo Aidar. Fruticultura na Região Nordeste do Estado de São Paulo: Estratégias de Sobrevivência da Pequena Propriedade Familiar. In: **XXIX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO: A Engenharia de Produção e o Desenvolvimento Sustentável: Integrando Tecnologia e Gestão**. Salvador: ABEPRO, 2009. Disponível em: <http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2009_TN_STO_097_658_13041.pdf>.

Acesso em: 20 fev. 2014.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de. **Bancos Comunitários de Desenvolvimento (BCD's) como expressão de Finanças Solidárias: por uma outra abordagem da inclusão financeira**. 1. ed. Fortaleza - Ceará: Arte Visual, 2013, 107p.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da terra**. 6 ed. São Paulo: Série Brasil Cidadão, 2009. 217 p.

HENRIQUES, Márcio Simeone (org). **Comunicação e estratégia de mobilização social**. Belo Horizonte: Gênese, 2002.

INSTITUTO PALMAS. Disponível em: <<http://www.inovacaoparainclusao.com/>>. Acesso em: 30 out. 2013.

MATOS, Heloisa. **Capital social e comunicação**. São Paulo: Summus, 2009, 277 p.

MENDES, Maria Beatriz Pacheco; PEREIRA Francisco Antonio Almeida. **Entre memórias e documentos: uma história da Baía do Sol**. Moqueiro: Imprensa Oficial do Estado, 2012, 68 p.

O QUE é economia solidária. Disponível em: <http://www2.mte.gov.br/ecosolidaria/ecosolidaria_oque.asp>. Acesso em: 30 fev. 2014.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 6 ed. São Paulo: Cortes ; Brasília: UNESCO, 2002. 117 p.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem: undestanding media**. 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1964. 407 p.

NÚCLEO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA – NESOL/USP E INSTITUTO PALMAS. **Banco Palmas 15 anos: resistindo e inovando**. São Paulo: Editora A9, 2013, 180 p.

PALAZZO, Ludmila; VOLPI, Mário. **Mudando sua escola, mudando sua comunidade, melhorando o mundo! Sistematização da experiência**. 1 ed. Brasília: UNICEF. 124 p.

QUEM SE importa. Produção de Túlio Schargel. São Paulo: IMOVISION, 2011. DVD.

SALES, Ivandro da Costa. **Saber e poder: elementos de teoria e de metodologia**. 1 ed. Recife: Comunigraf, 2010. 170 p.

SCHIAVO, Marcio R. e MOREIRA, Eliesio N. **Glossário Social**. Rio de Janeiro: Comunicarte, 2005. 118 p.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. 1 ed. Porto: Faculdade de Economia do Porto, 2003. 75 p.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002, 127 p.

SOUZA, Thalyta Taumaturgo de. **A economia solidária como meio para o desenvolvimento sustentável – caso do Banco Palmas**. 2011. 67 p. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Economia, Universidade do Porto, Portugal, 2011.

YUS, Rafael. **Educação integral: uma educação holística para o século XXI**. 1 ed. Porto Alegre: Artmed, 2002. 270 p.

YUNUS, Muhammad. **Criando um negócio social**. Rio de Janeiro: Ed. Elsevier. 2008, 232 p.

SÍTIOS CONSULTADOS

<http://www.bancopalmas.org.br/oktiva.net/1235/secao/14723>

<http://www.quemseimporta.com.br/o-filme/empreendedores-sociais-2/joaquim-melo/>

http://portal.mte.gov.br/data/files/FF8080812B35FA90012B495ED3D56385/Acontece_SENAES_6_ed.pdf

http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_pt/Institucional/Sala_de_Imprensa/Noticias/2010/todas/20100818_microcredito.html

<http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=430>

http://agora.unimontes.br/ccsa/revista.desenv.social/index.php/desenv_social/article/viewFile/14/12

<http://www.theworldcafe.com>

ANEXOS

Anexo 1

ENTREVISTA 1

Entrevistado: Marivaldo Vale (Coordenador do Banco Tupinambá)

Data: 07/08/2013

Celina: Queria que você falasse sobre a história do Banco, como é que começou: Como é que vocês entraram em contato com o tema Bancos Comunitários?

Marivaldo Vale: Pra falar do Banco Comunitário tem que falar primeiro da nossa vida, né? Porque a história do Tupinambá, ela perpassa por toda nossa existência de luta, nossa militância de vida. Eu morei em Fortaleza treze anos, no Conjunto Palmeiras, lá onde nasceu o primeiro Banco Comunitário e eu participei efetivamente, de todas as lutas de organização do bairro. Lutas comunitárias mesmo: luta pela água, pelo transporte. Nós estávamos nesse meio.

Em 98, nós nos mudamos pra cá pra Belém. Foi na mesma época que nasceu o Banco Comunitário Palmas em Fortaleza. E nós viemos pra cá pra ajudar no governo do Edimilson, na época o governo do povo e, já após o governo, nós já estávamos retornando pra Fortaleza. Foi que a Ivoneide foi em Fortaleza e conversou com o Joaquim, que é o coordenador do Palmas, e ele ventilou a possibilidade de fazer um Banco Comunitário aqui. Já tinha tido uma tentativa de fazer um, se não me engano na Terra Firme ou no Guamá (não estou lembrando, assim, de cabeça). Como não deu certo, por questão política, ele já tava com esse projeto por conta do projeto da SENAES (Secretaria Nacional de Economia Solidária) que o Palmas tinha conveniado com a SENAES e estava expandindo a experiência deles em alguns Estados e não tinha nenhum Banco aqui no Norte. Aí nós topamos o desafio de fazer um Banco Comunitário no final de 2008. Na verdade, o Banco começou mesmo a ser efetivado em julho de 2008, quando a Ivoneide foi a Fortaleza. De julho até dezembro de 2008, nós passamos um período de treinamento. Treinamento, reuniões na comunidade (esse banner ilustra bem isso, todo o procedimento do Banco) escolha da moeda, escolha do nome do Banco, tudo feito em assembléia, isso com assessoramento do Palmas. O Palmas que assessorou. Dia 16 de dezembro de 2008, nós começamos a operar em fase de experiência. Operamos um mês de experiência, isso já com equipamento do Banco Popular do Brasil, com moeda social e inauguramos o Banco dia 16 de janeiro de

2009. Então inauguramos o Banco sem lastro, só com correspondente do Banco Popular do Brasil. Quem era nosso guarda chuva, aliás quem era conveniado com o Banco Popular do Brasil não éramos nós, era o Banco Palmas. Então nós éramos do guarda-chuva do Palmas no Banco Popular do Brasil. E a moeda social Moqueio, começou a circular de forma que os próprios comerciantes, empreendedores locais, eles vinham aqui no Banco deixavam duzentos (reais), levavam duzentos em moeda, faziam esse câmbio. Ela rodava, mas rodava pouco. E aí nós começamos a fazer um trabalho de divulgação do Banco, interno. A princípio nós começamos com poucas transações, não chegavam a duzentas transações, hoje nós já estamos parando em dois mil e duzentas, trezentas transações por mês.

Bom, essa foi um pouco a história, mas o fato é que nós aqui da comunidade, nós tínhamos uma “Caixinha Comunitária”.

Celina: Você acha que esse foi um diferencial pra ter dado certo aqui e não ter dado em outros lugares?

Marivaldo: É, talvez. De certa forma. Nós tínhamos uma caixinha comunitária: tínhamos sete pessoas que faziam parte dessa caixinha comunitária. E a idéia dessa caixinha era já de nós transformarmos ela em alguma coisa parecida com o Banco Comunitário (pela luz que nós tínhamos do Banco Palmas), só que os membros da caixinha, eles não pensavam dessa forma como nós pensávamos. Eles queriam mais o lucro, o décimo quarto salário no fim do ano. Nós trabalhamos três anos com a caixinha. Depois nós pensamos: não dá certo, vamos acabar. Aí foi a idéia. Aí foi que a Ivoneide foi à Fortaleza, conversou com o Joaquim e trouxe pra cá a idéia do Banco Tupinambá. Então era só uma ideia. O Banco Tupinambá surgiu dessas reuniões que tivemos aí. Umas quatro ou cinco reuniões na comunidade até se achar o nome do Banco. O nome da moeda, uma pesquisa doida que nós fizemos. Nós queríamos nome indígena: se o nome é Tupinambá a moeda também seria um nome indígena. Fizemos várias pesquisas na internet, aí um colega disse: “O nome da moeda é Moqueio, em homenagem a Mosqueiro”. E aí foi. Então fomos pra assembleia e foi aprovado: nome do Banco Comunitário Tupinambá, nome da moeda Moqueio. Porque Tupinambá? Em homenagem aos primeiros habitantes da Ilha que eram os índios Tupinambá. Por que Moqueio? Porque era a técnica que os índios usavam pra moquear o peixe, pra conservar o peixe, e da palavra que surgiu o nome Mosqueiro. Aí fizemos essa homenagem. A ideia nossa no começo era nós fazermos um banco que atendesse toda a ilha. Toda a ilha de Mosqueiro ser

atendida com o Tupinambá. Aí nós pegamos as moedas e colocamos as fotos de alguns pontos turísticos da ilha. Aí a experiência nos impactou, nos deu um cascudo dizendo que não, que não dava certo. É por isso que nós concentramos mais na Baía do Sol. E essa nova forma aqui, de layout já é diferente da outra, essa aqui só é foto da Baía do Sol. Aí nós começamos então trabalhar como correspondente do Banco Popular do Brasil, que era conveniado com o Palmas, todo o suporte quem dava pra nós era o Instituto Palmas. Inclusive, com o pagamento de uma bolsa pra Caixa. O Palmas sustentou com essa bolsa até conveniarmos com a Caixa. Então ele levou mais ou menos quase dois anos pagando dois salários pra gente que ajudava a pagar internet, essas coisas todas: água, luz, telefone. E quando nós começamos a operar não chegava a mil operações e dava muito problema porque a nossa máquina era uma máquina TOS que era ligada no fio do telefone convencional e se dava uma chuva aqui caía o sistema. Então passava dias sem funcionar, era um desgaste muito grande. Era uma reclamação muito grande dos empreendimentos, que passavam uma semana sem funcionar; quando vinha aqui estava fora do ar o sistema, toda vida assim. Então, isso dava um descrédito muito grande pro Banco. E foi aí que a gente pensou em criar uma instituição própria do Banco. Foi então que se pensou em criar o Instituto Tupinambá. E foi a partir da criação do Instituto Tupinambá que nós pudemos conveniar com a Caixa. Que até então não podíamos conveniar porque nossa Associação era associação cultural que era uma rádio comunitária. Aí não podia conveniar com a Caixa porque era de rádio comunitária, tinha que ser uma instituição maior. E foi a época que o Palmas conveniou com o BNDES, o Banco de Desenvolvimento e esse convenio fazia consolidar alguns Bancos Comunitários do Brasil. Se não me engano foi feito um trabalho com dez bancos comunitários. Desses dez nós estávamos no meio. Foi então que nós compramos mesas, computadores, todo esse equipamento aqui foi desse projeto, cadeiras, essas coisas todas. Porque o banco funcionou com tudo emprestado: casa emprestada, a mesa, a cadeira, o computador era meu. Todo dia pegava o computador e levava pra casa. Tudo era emprestado. Aí com esse projeto do BNDES foi que o equipamento já ficou fixo aqui no Banco, seu equipamento.

E a partir da criação do Instituto Tupinambá nós ampliamos o leque. Conveniamos com a Caixa e com a Caixa foi um salto de qualidade muito grande, porque nós a partir desse convenio com a Caixa nos aproximamos de um outro público que não tinha acesso a nós, que era o público do Programa Bolsa Família.

Era um público que nós começamos a nos aproximar dele e, a partir dessa aproximação, então vamos criar um projeto que pudesse dar conta dessa demanda. E aí nós pensamos no Projeto Ceci. Isso no ano passado (2012).

Mas antes do Projeto Ceci, teve os prêmios que nós ganhamos. Nós inscrevemos o Projeto, como a Ivoneide é consultora Natura, nós vimos uma reportagem na TV Record um trabalho que a Natura tem chamado Movimento e aí nós inscrevemos o Projeto sem a mínima pretensão, fui quem escrevi, até enviamos uma foto dela. E aí a gente recebeu uma mensagem: a Ivoneide, tinha sido pré-selecionada. Se eu não me engano eram mais de seiscentas consultoras e ela tinha sido pré selecionada com mais cinquenta e que iria receber uma visita de uma técnica pra ver in loco o trabalho. E ela veio conversar com a gente, apresentamos a comunidade e ela produziu um relatório. A informação que o pessoal da Natura nos passou é que a técnica, a Lizi (Liziane Brito), foi assim uma gaviaoa: ela fez uma defesa muito apaixonada do Projeto e aí a Ivoneide foi selecionada pela Natura e ganhou esse prêmio e automaticamente foi indicada pro Prêmio Cláudia. E começou a votação na internet e nós ganhamos o prêmio Claudia. Desse prêmio Natura, que foi um prêmio em recurso financeiro que nós começamos a fazer, a trabalhar ele na parte em que nós eramos mais frágil, que era a divulgação e a popularização da moeda social. Então nós fizemos o planejamento de fazer várias oficinas de inclusão financeira e também falamos só sobre a moeda social e já trabalhando algumas mães do Programa Bolsa. Então, nós fizemos o planejamento e foi ai que surgiu o Projeto Ceci. Dessa junção aí que surgiu o Projeto Ceci. A junção da aproximação que nós tínhamos com a mãe que recebe o Bolsa e a necessidade de nós criarmos um Projeto pra ajudá-las no seu dia a dia. E aí juntou o recurso da Natura a gente juntou tudo, vamos mesclar aqui e saiu desse Projeto da Natura, um programa pras mães. Aí nós jogamos parte desse recurso no lastro, tanto é que tem moqueio pra caramba aí, e culminou com as palestras que nós estamos fazendo com as mães. Nós fizemos três palestras com as mães sobre problema social e as mães que vieram pra palestra têm direito ao empréstimo de trinta moqueios. Então de janeiro pra cá, quando começou esse trabalho de divulgação, de palestra e tudo nós já estamos, hoje já ta beirando vinte mil em moeda social. Então, antes de nós começarmos esse trabalho a moeda ia só para um canto, a moeda ia e voltava. Ela ia pro empreendimento e voltava, ela não fazia o giro. Hoje a nossa avaliação é que

ela tá girando seis vezes. Então se nós rodamos nesses seis meses cerca de vinte mil, então no fato mesmo, na real, nós giramos ela cento e vinte mil.

Celina: Quais foram as conquistas que a comunidade teve a partir do banco? Como você vê a comunidade hoje e como era antes? Quais foram as mudanças que aconteceram a partir do banco?

Marivaldo: Bom, pra implementarmos o Banco nós fizemos duas pesquisas: uma de consumo e uma produção. A primeira pesquisa apontou que dez de cem moradores na comunidade, apenas dois consumiam localmente, ou seja, as pessoas não faziam suas compras na Baía do Sol, nos comércios locais, elas faziam mais fora. (O motivo número) um: elas diziam que aqui não tinha os produtos que elas queriam; dois: que aqui não tinha nenhum estabelecimento em que elas poderiam fazer crédito, questão de facilidade; três: que as mercadorias aqui eram caras. Aqui eram mais caras que em outro canto.

Por que se dava isso? Porque a renda circulando na comunidade, não ficava aqui. Ela era passageira. Quando nós implementamos o Banco, colocamos correspondente aqui, mesmo com o Banco do Brasil, que não pagava o Bolsa (família) isso foi transformando. Então isso foi aos poucos transformando, porque o dinheiro passou a ficar mais aqui, a circular mais aqui. Aliado a isso, há o trabalho com a moeda social. O objetivo da moeda social é fazer com que as pessoas consumam localmente, façam o consumo interno. Não precisem sair daqui pra comprar suas coisas. E com o correspondente bancário, então a economia, a riqueza começou a circular mais aqui na Baía do Sol, ou seja, pra uma pessoa pagar uma luz ela precisava ir daqui pra Vila. Então, elas iam pra Vila, elas gastavam transporte, faziam uma merendazinha lá, fora o tempo. Hoje elas pagam suas contas aqui no Banco e elas economizam. Além delas economizarem esse recurso, que dá em média quase dez reais, porque as pessoas quando vão pra Vila, geralmente a mãe leva o filho, o aposentado quando vai receber leva um parente e então em média dá dez reais.

Então, se nós colocarmos mil transações (hoje são duas mil) e multiplicarmos mil por dez dá quanto? Dez mil. Então essa diferença aí, estou falando por baixo, não temos dados comprovados, de pesquisa. Vamos precisar ter isso aí empiricamente, comprovado. Mas pela experiência que nós temos. Se esse recurso, esses 10 mil reais excedente não circulava aqui.

Essa descoberta que a gente fez, ninguém falou pra gente. A gente não contava com esse excedente. A gente contava com a movimentação do Moqueio, com a movimentação do caixa aqui do correspondente, contava com os empréstimos que nós fazemos, mas não contávamos com esse excedente que aparentemente é uma coisa banal, mas que é um dinheiro extra que fica na comunidade. Aí onde o reflexo disso? Nos empreendimentos. Hoje a gente vê empreendimentos grandes, com todo tipo de material.

E também a mão de obra que está tendo: um empreendimento em que era só ele e a esposa dele, hoje já tem duas, três pessoas trabalhando. Como o São Lourenço aqui, que era um mercadinho, hoje ele emprega seis, sete pessoas, onde eram três, duas pessoas trabalhando. Não tinha açougue. Hoje nós temos quatro açougues. Tinha uma padaria, hoje temos três, quatro padarias. Não tinha cartão de crédito, hoje aceitam cartão de crédito.

Enfim, então esse saldo de qualidade, esse saldo transformou em quatro anos. A Baía do Sol hoje não é a mesma de quatro anos atrás, mudou muito. Mudou no aspecto físico, porque os empreendimentos estão se modernizando, se transformando, mudou no aspecto econômico, porque o dinheiro está circulando mais e mudou no aspecto da cultura: hoje as pessoas já tem confiança no Tupinambá. E foi fácil de manter essa confiança? Não, foi muito difícil. Pra nós chegarmos aqui, apesar de nós fazermos todo o trabalho de divulgação, de sensibilização, mas a gente não consegue abraçar cem por cento, todo mundo. A gente trabalha um trabalho de formiguinha: conquistar a comunidade.

Com a Caixa nós já estamos atendendo toda a Ilha, no crédito produtivo. No crédito de real, no crédito de consumo não, é só pra Baía do Sol. Pro crédito produtivo foi liberado semana passada trinta créditos. Isso colocando na média mil reais pra cada um (pra um saiu dois, pra outro saiu quinhentos) dá trinta mil reais. Dá uma injeção muito boa.

Então esse trabalho que a gente faz da divulgação da Moeda, do correspondente bancário, aí nós reaplicamos aquela pesquisa que nós fizemos no começo do Banco. Nós vamos reaplicar agora no final desse ano. Em 2011, se não me falha a memória, nos reaplicamos ela, no começo de 2012. Esse dois por cento que eu falei agora a pouco, ele subiu pra sessenta e quatro. Então de cem, sessenta e quatro compram localmente, hoje já deve estar oitenta a noventa por cento. Deve já estar esse patamar aí.

A gente vê as pessoas comprando na comunidade. A gente já vê até pessoas com carrinho de supermercado. Hoje eu fui lá, no supermercado aqui do Lourenço, fiquei quase meia hora na fila. Como ele concentra muita coisa, tem padaria, açougue, tem frios tem tudo no comércio dele e as pessoas vão muito pra lá e a maioria do moqueio que circula aqui, converge lá. Ele vem pagar uma conta, ele pega o boleto e vem pagar com moqueio aqui. Então, a gente vê hoje as pessoas comprando mais aqui.

E aí uma coisa boa que aconteceu foi quando nós começamos a pagar a Bolsa Família, porque a Bolsa Família o dinheiro que circula aqui do dia primeiro até o dia quinze. Aí o pessoal do funcionalismo público recebiam e ficavam com esse dinheiro até o dia quinze. Do dia quinze em diante, circulava pouco recurso. Circulava, mas era pouco. Hoje, do dia quinze, dezesseis que é o período q a gente paga a Bolsa até dia 31, dia 30, esse dinheiro passou a circular aqui também. Então, além do dinheiro do funcionalismo público, ainda tem esse dinheiro que é o da Bolsa. Que as mães do Bolsa, elas vêm aqui, recebem seus 100, 120, 130, 300 até 400 pagam no Bolsa, ela sai daqui do Tupinambá, ela já não vai mais pegar o ônibus, ela já vai no comércio local. Então, quando ela recebia noutro canto, na Vila, por exemplo, já fazia tudo lá. Então chegava aqui, se ela recebia cem reais, chegava aqui vinte, oitenta ficava lá. O aquecimento era todo lá. Hoje já é o contrário, não quero dizer que fique tudo aqui na Baía do Sol, mas oitenta por cento, noventa por cento já fica tudo aqui. Ela sai daqui já vai no comércio aqui na Vila Sol, ela já vai ali na Serve Bem, já vai no Mercadinho São Lourenço comprar. Já vai fazer suas comprinhas. Quando ela passa aqui com as suas comprinhas, ô coisa boa. Eu fico alegre quando vejo isso.

Então esse movimento aí, a gente junta tudo isso numa panela, isso que faz a diferença, isso que nos deu o prêmio Cláudia, prêmio Natura, isso que nos respalda a ser referência aqui no Norte. Recebi agora uma ligação, mês passado, uma professora da Fundação Getúlio Vargas. Ela tá fazendo uma matéria também, um texto sobre os Bancos Comunitários. Ela escolheu alguns Bancos. Ela me ligou e aí perguntei “como é que você chegou a nós?” Ela disse: “Eu vi as fotos de vocês no Encontro Nacional (de Bancos Comunitários do Brasil), na Rede e vocês são um dos principais Bancos Comunitários do Brasil”. Até me assustei, né?!

Porque é assim: eu e a Ivoneide, a gente que tá na linha de frente, a gente não percebe muito a importância que se tem, a importância que tem o trabalho que a

gente faz. O Banco transforma vidas. Essa senhora, por exemplo, ela é do Bolsa, ela está emprestando trinta Moqueios que ela tem direito. Ela emprestou, devolveu, agora está emprestando de novo. E assim a gente faz. E isso ajuda muito. “Ah, trinta moqueios não ajuda”. Mas pergunte pra ela se não ajuda. Ajuda muito. Por exemplo, essa criança aqui “Quantos anos ele tem?” –Quatro. “Quatro anos, se não tiver o pão?! – Hunn - Ele não quer saber se a mãe tem dinheiro ou não. Ele quer o pão dele: ta com fome. E às vezes as mães não tem o dinheiro aí vão pegar 30 moqueios. Isso deu certo. Isso faz uma diferença grande. Quando ela recebe o Bolsa Família, ela vem e paga.

A gente é apaixonado por este trabalho. Porque transforma vidas. Mexe com a vida das pessoas. E a gente que tá na linha de frente a gente não tem um pouco essa dimensão. Não dá pra ver o que é esse trabalho. A gente não consegue mensurar isso na prática. Mas a gente vê quando as coisas vão mudando, o comportamento das pessoas, o respeito que as pessoas tem pelo trabalho que a gente faz, mesmo a equipe sendo pouca, agora aumentamos a equipe, não é só eu, a Ivoneide e a Maira (nossa filha) que fica aqui ajudando a gente.

O Instituto aumentou.

Essa “mesclagem” toda aí que faz toda a diferença, a gente vê as pessoas com a auto estima melhor.

Celina: Como você acha que a Universidade pode ajudar, trabalhar junto? Onde vocês acham que a gente pode entrar e fazer uma pesquisa, o desenvolvimento de algum material ou desenvolvimento de tecnologia social. A UFPA tem vários cursos que poderiam se beneficiar dessa experiência.

Marivaldo: Eu acho que nós ainda não conseguimos sensibilizar a classe acadêmica. Quem veio aqui foi um grupo de alunos da CESUPA. Eles fizeram um trabalho, inclusive o primeiro lastro nosso foram eles que criaram. Como nós estávamos começando, iniciando ainda, com toda a problemática inicial, de estarmos conquistando a comunidade pra dentro do projeto, assim, a pesquisa deles não foi muito positiva pra nós, do ponto de vista do desenvolvimento do trabalho, mas nós pegamos a pesquisa deles, não sei se ta no meu computador, Eu perdi todo esse material, mas eu vou ver se recupero no e-mail. Só que nós tiramos como lição essa pesquisa deles, a negatividade que eles apontaram, por exemplo: eles apontaram que o trabalho era muito mais centralizado entre eu e a Ivoneide. As pessoas achavam que o Banco era nosso. A partir daí, nós dissemos não, se está

passando isso pra comunidade, que o Banco é meu e dela, nós vamos ter que fazer um trabalho pra dizer que o Banco não é meu nem dela, o Banco é da comunidade. E aí fizemos um trabalho. Hoje se você conversar com as pessoas vão dizer que o Banco é comunitário, o Banco é nosso. Se você conversar com um empreendedor, você vai ouvir falar da importância que tem o Banco pra eles: enquanto empreendedor; não estou falando da comunidade em geral, estou falando pra eles enquanto empreendedor. Então com esse estudo, pra nós, tiramos como lição o Banco, a partir daí começou a melhorar.

O último estudo que foi feito, foi uma tese que ela fez pro mestrado, o TCC dela, é a Rose, se pudesse conversar com ela, é a Rose Mendonça. Você não estava no aniversário do Banco, ainda não. Então ela fez um estudo muito bom. Eu tenho esse material, vou te repassar depois.

Celina: Ela é da Federal?

Marivaldo: Não ela não é da Federal. Não é da UNAMA. É de uma universidade particular, eu acho. Ela fez um estudo bem minucioso mesmo. Bem assim, bem acadêmico. E a partir daí, a gente já percebeu a evolução que o Banco teve a pesquisa de produção. Eu tenho no meu computador, vou te repassar esse material.

Então, o que a Universidade poderia ajudar, é justamente o que a gente não consegue alcançar. A gente percebe que mudou, a comunidade mudou. Falta colocar isso no papel. Mudou em que? O fato da pesquisa que nós fizemos, ela aponta que mudou. Mas nós queremos assim uma coisa que pudesse mencionar aonde mudou. Mudou aonde? Mudou isso, aquilo. E também no aspecto de comportamento das pessoas. Qual é a importância que o Banco Tupinambá tem pra comunidade. Acho que seria um bom tema.

Celina: Então o trabalho com a universidade poderia ser essa pesquisa?

Marivaldo: Sim. Qual a importância que o Tupinambá tem pra comunidade da Baía do Sol. E essa pesquisa foi defendida por outros empreendedores de fora da Baía do Sol. Ele por exemplo não mora na Baía do Sol. “Seu empréstimo é pra que? – Açaí. Empréstimo pra bater açaí” - E além dele tem outros empreendedores nossos que de certa forma o trabalho mudou a vida deles. Porque é assim, se ele for pegar um empréstimo no Banco do Brasil, nunca vai conseguir lá. Então a Caixa disponibilizou esses recursos e então a facilidade que nós temos em trabalhar com eles é desburocratizar. Não tem muita burocracia . A gente vai assinar teu contrato

amanhã. Amanhã teu contrato, então tu vás tirar esse dinheiro na quinta ou na sexta. Tu vai tirar só na Caixa, não vai estar com o cartão ainda. Ai quando tu tiver com o teu papelzinho que eu vou ver, tiver assinado teu contrato tu vás lá. Tu me ligas antes. Mesmo antes de assinar o contrato tu me ligas amanhã. – A gente conversa.”- Aí tu vás tirar na Caixa.

Então, é isso que eu falei, esse trabalho transforma a vida das pessoas. E aí vamos mensurar isso, colocar no papel, comprovar. As pessoas perguntam, a gente fala, mas não tem como provar. A gente ter assim uma pesquisa de campo mesmo, trabalho de campo

Celina: E esse fato de que a comunidade acadêmica não tenha ainda se sensibilizado com vocês?

Marivaldo: Nós tivemos aqui também da UFPA. E a UFPA, ela tava com um projeto de mapeamento da comunidade. Eu pensei que desse mapeamento, nós íamos ter uma proximidade maior com eles, mas, acho que eles tiveram outro trabalho e não tocaram pra frente. Com a Universidade pública nós não temos aproximação, nenhuma, nenhuma. A mais próxima de nós, por incrível que pareça, é a CESUPA. A mesma professora que fez o trabalho da CESUPA me mandou uma mensagem que ela quer conversar comigo, conversar de novo. Ela quer trazer uma nova turma pra cá, pra conversar. Mas assim, tanto a Universidade do Estado quanto a Federal a gente não tem nenhuma proximidade.

Anexo 2

ENTREVISTA 2

Entrevistado: V. Banco Conquista- Manaus/AM

Data: 05/11/2013

V.: O Banco surgiu a dois anos. Completou agora em 24 de outubro (2013) dois anos de existência. E o projeto do Banco pra vir pra cá, foi quando nós conhecemos o Projeto do Banco Palmas, E nossa comunidade, como você vê, é uma comunidade um pouco distante. E os comerciantes reclamavam muito que a comunidade não comprava com eles, compravam fora, então começamos a pensar em trazer o banco. E esse foi um dos principais motivos e também gerar renda para nossa comunidade.

Então reunimos com algumas pessoas, na primeira reunião deu setenta e duas pessoas. E a gente: -“Não, é legal o projeto. Então vamos trazer o projeto pra cá. E pra gente trazer, tem que começar a trabalhar a política do Banco, na comunidade.” E sete meses após esse primeiro contato, surgiu a possibilidade de nós concorrermos pra trazer o Banco pra cá. E nós trouxemos, fizemos o trabalho na comunidade. Fomos casa por casa, fizemos o mapeamento, explicamos como era o Banco, que o Banco era comunitário, E fomos ver a parceria, porque até então a gente tinha tentado parceria com a Caixa Econômica, e não foi possível, porque quando entramos com a documentação já tinha solicitação, mas não tinha um local.

Então nós, com a Associação fizemos a intervenção de trazer a Loteria e alugamos o prédio da Associação, com a Loteria. De qualquer forma a Loteria está servindo a comunidade e nós participamos da discussão, também. E depois o Bradesco, não tinha, a maioria das pessoas aqui,(elas são aposentadas ou são funcionárias públicas) então são clientes do Bradesco. Agora atende, a partir de cento e pouco atender todo mundo. Nosso objetivo era esse. Era suprir as necessidades da nossa comunidade. E com a vinda do Banco, com o trabalho que nós fizemos com a moeda, na época, os comércios realmente deram uma alavancada, comércios que tinha só um dono, com o trabalho que nós começamos a fazer nas escolas, nas igrejas e visitando casa por casa, as pessoas passaram a se conscientizar de que quando elas compram na comunidade, elas estão gerando emprego pra elas mesmas. E foi isso que aconteceu. Hoje quando nós olhamos os

comerciante, que antes era só ele, hoje ele emprega 5 pessoas. Então, pra gente isso é importante. Você olhar, ele cresceu, expandiu, contratou outras pessoas.

Celina: Vocês fizeram alguma pesquisa sobre esse crescimento?

V.: A UFAM brigou com a gente por que nós não fizemos isso. Nós estávamos até querendo, se uma faculdade aparecesse para fazer um trabalho desse pra gente seria muito importante. A maioria ainda estamos trabalhando com voluntariado mesmo, pessoas que fazem um trabalho de desenvolvimento. E a Associação de Moradores

Celina: Vocês fizeram algum projeto com mulheres ou crianças?

V.: Fizemos o atelier de costura, que hoje estão em dois, elas eram oito e se dividiram porque ficava muito distante, pra irem só pra um local, o trabalho é pra elas que dividem entre si. É assim, o trabalho que nós fazemos é na área de educação com criança que é flanelinha, que ta no sinal, aviãozinho mesmo. A Associação tem um projeto com a Igreja, atendemos também pessoas atingidas pela hanseníase.

Celina: Queria entender melhor o projeto que vocês tem com as crianças e das mulheres

V.: O das crianças é em parceria com a Igreja Batista. E das mulheres nós tentamos também organizaras artesãs. São várias artesãs e não conseguimos o objetivo principal é unir essas mulheres. As artesãs elas confeccionam vários produtos maravilhosos, mas são muito isoladas, por falta de tempo mesmo, é preciso um trabalho de formação. Elas têm que passar por esse processo. Quando tem feira nós conseguimos reuni-las e leva-las pra feira, mas elas trabalharem em equipe, ainda não conseguimos fazer esse trabalho com elas.

Celina: E pra daqui a uns dois anos, vocês tem ideia de expandir esses projetos como um todo. Como é que vai ficar a atuação de vocês na comunidade, como vocês vêem isso daqui a cinco anos, por exemplo?

V.: Bem, daqui a dois anos o objetivo é expandir e estar concretizando esses projetos pra que tenham solidez, que eles consigam sobreviver e possam mostrar. E o trabalho que eu gostaria também de fazer com as mulheres do Bolsa Família. Eu quero estar concretizando esse trabalho, que eu ainda não consegui parar pra trabalhar ele. E um dos objetivos é alcançar todas essas mulheres. Até porque as mulheres aqui que recebem o Bolsa Família é pra luxo e não pro objetivo principal, elas empenham nas lojas, elas nem veem o dinheiro. A gente tem como foco principal fazer esse trabalho com elas. Qual o objetivo principal do Bolsa Família. E

dar também uma qualificação pra elas. Porque um dia o Bolsa Família vai sair. Queremos concretizar esse trabalho com elas e com os artesãos, temos artesãos maravilhosos na comunidade e ainda não conseguimos reuni-los.

Já conseguimos reuni-los para levar nas Faculdades e nas Universidades com espaço para estarem vendendo os produtos deles, e a própria praça. Eles colocam o material e vão vender, queremos consolidar isso daí pra valorizar o trabalho deles.

Quanto ao empréstimo: nós fazemos empréstimo pelo Bradesco e pelo Banco Comunitário, que é três por cento, os juros. Então quem é que faz o nosso empréstimo? É o merendeiro, dono da bodeguinha, a pessoa que não tem acesso ao banco convencional. Porque lá exigem conta, que a pessoa tenha contra cheque, comprovação de renda, é aquela burocracia toda. E no nosso não, a gente faz a visita.

Celina: Vocês tem site?

V.: Não, não temos o face do banco conquista, o no face da Associação

Pra quem olha assim diz que nós fizemos muito, mas nós ainda não fizemos nada perto do que queríamos para nossa comunidade, falta muito.

Fizemos palestras nas escolas e as pessoas perguntavam: - e tem associação? E tem esse Banco comunitário? Os alunos eram nossos maiores clientes da moeda social. Esse comércio que era o nosso maior comércio, toda moeda que saia do Banco entrava nele. Tinha dias que chegava a fazer câmbio de oitocentos reais, de mil e duzentos reais, entendeu?

Celina: Qual o lastro que vocês tem?

V.: Cinco.

Celina: Cinco mil?

V.: É. Nós tínhamos. Porque agora estamos com 2 e pouco, por causa dos assaltos. No primeiro caso a gente conseguiu manter a moeda girando na comunidade. No segundo saiu uma quantidade grande e ficamos com medo de manter a moeda na rua. Porque essa moeda podia chegar em algum lugar e nós não íamos ter o lastro e o comerciante ia ter um prejuízo imenso. Ai o que eu fiz? Entrei em contato com o Capital Social. E eles disseram para recolher a moeda da rua que eles iam refazer a moeda com a mesma imagem, mas com material diferente, e estamos esperando e até hoje essa moeda não chegou.

Celina: Quanto tempo faz?

V.: Já vai fazer um ano agora. Tá com nove meses que nós recolhemos a moeda da rua. E as pessoas cobram. Porque com a moeda nós tínhamos desconto na comunidade. Um por cento, dois por cento. Então todo mundo queria, tinha menino que vinha pegar uma Liberdade, comprava picolé, ai sobrava dinheiro comprava bombom. Um picolé e um bombom. Pra ele era lucro. E assim ia. Os alunos mesmo, eram nossos maiores clientes, o material da escola, eles compravam na papelaria.

A gente vê que tem interesse, as pessoas procuram, mas não tem. Tá difícil trabalhar. A gente quer se desenvolver, mas sem dinheiro não dá.

Nosso recurso hoje que conseguimos, que construímos nosso lastro foi através rifa com ajuda dos comerciantes que davam os brindes.

Anexo 3

ENTREVISTA 3

Entrevista: M. Banco Liberdade – Manaus/AM

Data: 06/11/2013

Celina: Queria entender como foi que surgiu a ideia do Banco Liberdade.

M: O Banco ele surgiu de uma ideia, porque é assim: aqui na comunidade da Nova Liberdade, pela metodologia que a gente já havia estudado ela nem entrava. Mas houve uma articulação dos governantes, da Prefeitura Municipal de Manaus, na época que era a SETRADE, que trouxeram essa metodologia lá do Capital Social da Amazônia. E aí fizeram uma seleção aqui em Manaus de todas as comunidades que teriam a possibilidade de estar pleiteando esse projeto. E aí foi a nossa comunidade na reunião que a Prefeitura fez com todas as lideranças comunitárias e aí o líder da nossa comunidade, presidente da nossa comunidade estava lá, só que ele não tinha o CNPJ regular e aí foi a hora que a gente colocou a nossa ONG, que aí nós tínhamos nosso CNPJ todo ok, aí veio a proposta do Banco. Aí surgiu essa ideia, partiu daí dessa articulação. A gente pleiteou o projeto, trouxe o projeto e implantamos o Projeto Banco Comunitário.

Celina: Qual é o nome da Associação?

M: É Organização Social e Econômica Liberdade. É uma OSCIP, tem categoria de OSCIP. E a gente tem agora três anos e a gente está com esse projeto e outros muitos outros na comunidade. Nós temos treze projetos em atividade aqui na comunidade.

Celina: E o Banco existe há quantos anos?

M: Três anos.

Celina: Quais foram as mudanças que houve na comunidade??

M: Ah sim. Como houve a implantação do Banco Comunitário houve várias mudanças. No começo (toda ação tem uma reação) quando a gente trouxe a metodologia, que uma das propostas da metodologia é reter a economia local através de uma moeda social, que é que houve? A gente aí ainda não alcançou esse objetivo, porque a gente ainda não tem ainda o lastro. Mas aí pro projeto não morrer a gente foi por outros caminhos. Daí a gente tem a parceria da Caixa Econômica Federal que nos possibilitou o sistema Caixa Aqui, que a gente paga luz, telefone tudo com moeda social. E foi através dessa parceria com a Caixa que a gente

divulgou o Banco pra comunidade. Hoje nós temos 80 por cento dos comerciantes aderindo à proposta da moeda social, aceitando a moeda social. E nós temos hoje, agora 70% dos comunitários uma boa aceitabilidade sem o lastro. Então, quando a gente tiver o lastro, aí a gente abrange a comunidade toda. A gente dividiu por setores a comunidade, em quatro setores. A gente faz uma visita. Fizemos uma pesquisa de campo bem aguçada, uma pesquisa com os comerciantes, com os comunitários, o que eles achavam da moeda, e nós trouxemos a comunidade pra dentro da ONG, porque tudo o que você vê aqui, essa realização, essa realidade, foi o comunitário que escolheu. Foi o comunitário que escolheu a moeda, foi o comunitário que escolheu o nome do Banco, foi o comunitário que escolheu o coordenador, tudo de acordo com a metodologia que veio.

Celina: Quantos habitantes vocês tem aqui? O raio de atuação?

M: Dezoito mil, é muita gente. E ainda tem gente das outras. Porque a nossa comunidade é uma grudada com a outra, é Betânia, Centro. Ai os comunitários da Betânia já querem, mas eles falam que tem que ter um Banco e não pode ter um Banco perto do outro. Mas já ta abrangendo outras comunidades. Nós temos aqui pessoas que pagam contas, vem pessoas de fora, de outras comunidades. Agora mesmo fechei uma conta de uma senhora do Alvorada I, só pra ela ver a moeda. Ela queria ver a moeda. Ela vem faz o câmbio, ela veio trocou os 50 reais dela e foi comprar só pra ver a situação. Ai ela voltou e disse “Olha gente é muito legal. Eu quero lá na comunidade.” Só que não é assim a pessoa chegar e dizer que quer na comunidade. Não é assim. No mínimo, pra um projeto desse funcionar tem que ter oitenta mil, pra contratar os técnicos, pra essas coisas.

Celina: E como é a relação de vocês com a Prefeitura?

M: Olha só, a Prefeitura, ela teve a iniciativa de trazer o Projeto. Aquela boa vizinhança, né, mas que isso é obrigação das Políticas Públicas, através da Economia Solidária. Isso é obrigação deles. Mas o Banco não é deles. Com o que eles entraram? Com uma parceria. Esse espaço aqui é bonito, não? Eles deram uma sala pra gente. Essa sala aqui é nossa, nós temos uma parceria. Então, eles não são donos do Banco, porque o Banco não pode estar atrelado ao Município, então tem que ter uma Associação, essas coisas. Então eles deram o espaço, cederam este espaço pra gente. Durante cinco anos esse espaço aqui é nosso, com documento, tudo bonitinho. E um espaço também que é da comunidade. Isso aqui era uma antiga venda de carvão, era a antiga feira que era a famosa Feira do Cajual

e aí a Prefeitura, na gestão (do Serafim) construiu isso daqui e aí depois passou dois anos abandonado e a gente veio com a ONG e adentrou com os cursos. Dois cursos profissionalizantes, o Banco Comunitário e os outros treze projetos que a gente tem.

Celina: Quais são os projetos que o Banco tem hoje na Comunidade?

M: Os Projetos que o Banco tem hoje na Comunidade sempre é e parceria com a ONG. Então dá pra confundir Banco com ONG, que é tudo misturado. Por exemplo: hoje um dos Projetos que o Banco entra e parceria sempre com a ONG é o projeto Papai Noel desce o Morro, nós temos o Projeto de Feira de Economia Solidária que as senhoras, de artesanato, culinária aí na Pracinha a gente coloca. Nós temos o Projeto que ta na ativa agora esse ano da Leitura. Toda vez nós escolhemos uma Semana da Leitura pras crianças, botamos vídeos aí. Nós temos o Projeto dos Cursos Profissionalizantes que é o carro forte aqui, já formamos mais de mil e quinhentas pessoas pro Mercado de Trabalho.

Celina: Há quanto tempo existem os Cursos e quais são as áreas?

M: São a três anos. Nós temos áreas a nível técnico que é técnico de segurança do trabalho, nós temos informática básica. Nós já tivemos aqui massoterapia. Nós tivemos administração em RH, contabilidade básica, inglês, espanhol. Esses cursos, o que as pessoas precisam. E temos uma pedagogia diferente dos demais. Enquanto muitos estão visando o lucro, a gente possui uma ONG visando o social. Lógico que ninguém vai trabalhar sem ter o alimento todo dia, essas coisas, mas a gente visa pela qualificação profissional. Então eu pego muito no pé dos meninos porque se for pra gente fazer uma ONG pra estar só injetando dinheiro não adianta. Mais vale você ganhar aquilo que é justo e você ajudar aquele que está precisando. Porque é pra isso que foi criada a ONG, pra justamente auxiliar aquela pessoa que precisa. E graças a Deus nestes três anos que estamos aqui, nenhum dos nossos alunos voltaram pra reclamar, todos voltaram, porque a gente faz assim: “Olha, se arranjar emprego, avisa a ONG”, pra gente colocar na lista. É que a gente brinca aqui com os alunos: quando entra tá na lista dos desesperados, quando termina o curso vai pra lista da esperança, depois que arruma emprego, vai pra lista dos vitoriosos”. Então é um incentivo, ele vir dizer “olha, consegui emprego, quero entrar na lista. E dessa forma a gente vai envolvendo a comunidade.

Passa na ONG: “Ei, seu Mauro, consegui.” Aí vai pra lista dos vitoriosos. ...

Nos nossos últimos cursos, agora, nós tivemos uma parceria com a SETRADE, e encaminhamos todos nossos alunos pelo SINE, direto. Aí então lá eles têm

prioridade. Desses que a gente encaminhou recente, agora em agosto, nós já temos trinta trabalhando. Graças a Deus

Celina: Qual é a idade, mais ou menos?

M: A partir de 16 anos. Esse curso agora, a gente fez dos dezoito porque foi critério da Prefeitura, mas a gente continua a trabalhar a partir de 16. Um ou outro abaixo de 16, mas é muito raro. E pras senhoras, que elas adoram artesanato não é? E a gente faz cursos livres, pra elas estarem se desenvolvendo. E a gente faz visitas, se o aluno falta um dia já estamos lá batendo na porta dele. Então a gente tem uma pedagogia, uma metodologia diferente de trabalhar com a comunidade.

A gente não trabalha só com o aluno. Por exemplo: há uma aluna que tem dois filhos. Aí a gente faz um questionário sócio econômico, encaminha pro setor de serviço social, a assistente social vai lá na porta, vê o que é que ta precisando. A gente tem uma parceria com a SEAS. A gente trabalha assim: se eu tenho uma política pública voltada para a SEAS, se precisa de uma funerária, a gente vai lá e pega a lista do que é que eles proporcionam pra população. Aí dessa listagem da população a gente faz uma parceria, entendeu? Então muitas vezes a gente tem êxito; quando a gente não tem êxito a gente vai pra briga, porque é direito do cidadão. Então se há alguém que precisa de um funeral, a gente vai lá e intervém. “Ah, mas não tem ônibus” E porque não tem ônibus? “ –Porque não tem dinheiro” . E cadê o dinheiro que vocês recebem todo mês? Todo ano tem o Orçamento Democrático, né. Já fizeram o Orçamento Democrático? “-Já.”E cadê os ônibus? A gente vai pro Ministério Público.“-Não, peraí que eu vou liberar.” Então a gente intervém assim, pelo comunitário. Aí a gente vai ganhando a confiança de toda a comunidade. Se você vai passando na rua, graças a Deus a comunidade. Se eu for fazer do jeito que eu faço aqui, lutando, reivindicando o direito de vocês, lá a minha cabeça vai ser cortada, eu que vou precisar de funeral. É mais fácil aqui por trás que tem um deles pra dizer assim, “Vou ajudar porque amanhã vai ter voto”. Que eles se matem pra lá, aqui o teu direito vai ter que chegar. Então assim que a gente trabalha, como ONG, sempre que surge um evento ou alguma coisa pra comunidade

Celina: Há algum projeto pra trabalhar (ou que trabalhe) com aluno de curso profissionalizante?

M: A ONG, porque é assim, todos os projetos que eu te relacionei são projetos da ONG junto com o Banco. Porque o Banco, ele está junto com a ONG, a gente trabalha em sintonia, a gente trabalha para fazer. Aqui no Banco tem outra gestão,

outra metodologia. Ah, vai ter o Dia das Crianças aqui pra comunidade. Aí o Banco: “Vou doar tantos brinquedos e a ONG tantos. Isso é toda vez. A gente fez agora, recente a primeira edição do Prêmio Tucumã. Foi uma maravilha. Quem não queria o Prêmio Tucumã? O Prêmio Tucumã é um prêmio dedicado a pessoas que prestaram relevantes serviços a nossa comunidade: um comunitário, uma pessoa destaque da comunidade, um empresário destaque, uma autoridade, por exemplo, um vereador X sempre tá aqui com a gente ajudando tapar buraco e tal, é uma pessoa homenageada com o Prêmio Tucumã. Isso dá marketing com as instituições que vem aqui. É tudo mapeadinho, tudo na votação, comitê gestor, cada um vota, tudo transparente. No resultado: “- Ah, não gostei não, queria outro” Olha gente, é democracia, ganhou, ganhou. Aí tem as categorias, de educação (a nossa diretora daqui que tem cinquenta anos de gestão, foi ela que ganhou) nós temos a área de saúde, que foi uma senhora que tá fazendo um trabalho de consulta, então os comunitários todos votaram nela. E ela tava concorrendo junto com os médicos e ela ganhou, entendeu? Então a gente trabalha dessa forma justamente pra gente ter a visibilidade não pra propagar, mas pra gente colocar a metodologia na rua. Porque trabalhar com o social e ONG você tem que criar as fontes, porque quando se torna uma coisa (rotativa) ou monótona eles também tendem a se desmotivar

Nós temos aqui o jornal “A Voz do Morro”, que é o jornal da comunidade. Então o jornal é dividido assim: uma folha aqui é pra Igreja, então tem um evento lá, bota aqui, e aí a comunidade já espera: perguntam pra mim –“E aí, o jornal não vai sair, não? Mas aí não sabem que ONG sobrevive de doação –Tá vai sair. Aí vai com os empresários... aí sai o jornal. É tudo assim, gerenciado. Agora que a gente está com três anos, a gente está com poucos membros. A gente tem quinze membros.

E quando vem os projetos dos cursos, que é pago, o curso é pago. A Prefeitura paga e a gente executa os cursos, não posso botar alguém de ensino médio pra dar aula, tem lugar que faz isso, aqui não, Tem que ter diploma. Aí você tem diploma? Vou te ajudar - Tá estudando? Ah, tou no quarto período. – Vou te ajudar

Celina: Quais são seus planos para o futuro?

M: O nosso maior objetivo aqui é fazer do Banco uma central de referência na Economia Solidária aqui a nível de Amazonas, porque nós temos um planejamento nós estamos com metade do projeto, são todos da comunidade

O nosso objetivo é criar a Escola de Economia Solidária do Amazonas. Nós temos em outros Estados, no Amazonas não. Justamente pra suprir a necessidade

dos acadêmicos que vem procurar ajuda, que quer falar do projeto e tal, ter como base pra eles tarem aperfeiçoando seu conhecimento sobre Economia Solidária. Se você quiser aprender Economia Solidária, você vai aprender nessa Escola. Então você vai sair daqui como formador de Economia Solidária. Agora qual projeto? Tem vários mas não tem gente qualificada pra assumir. - Tu sabes gerenciar? Tu não sabes. Então essa escola vai te ensinar a gerenciar projetos. É esse o nosso maior objetivo pro Banco e também criar nosso lastro, que é um lastro muito bom. Que adiante você pegar dois mil reais e “Vou emprestar”. Não, a gente quer um lastro de pelo menos cinquenta mil reais. A gente vai ajudar pelo menos trinta por cento da nossa comunidade, isso vai fazer girar, aí o Banco vai dar uma suspirada.

A gente já está com a metade do projeto concluído, só falta mesmo finalizar, a gente dar uma revisada e entrar com o processo na (SiCOP) Então a Escola, ela não vai ter CNPJ, ela vai ser um projeto da ONG, que nem na Universidade.

Anexo 4

ENTREVISTA 04

Entrevistado: M.C. (Projeto CECI-Mulheres)

Data:13/01/2014

Celina: Primeiro, como é seu nome?

M.C.: M.C, mas aqui na comunidade todo mundo me conhece por T.

Celina: Quantos anos a senhora tem?

M.C.: Eu tenho quarenta e um anos

Celina: A quanto tempo a senhora mora na Baia do Sol?

M.C.: Desde quando eu nasci, mas já morei fora, já morei em Fortaleza, já morei em Belém várias vezes.

Celina: Seus pais são daqui?

M.C.: São daqui mesmo.

Celina: Quantas pessoas tem na sua família?

M.C.: Oito

Celina: Quantos são seus filhos, (como é que é formada)?

M.C.: Dois filhos, um menino, a moça tem dezesseis e o menino tem onze. Ai tem meu pai e minha mãe que mora comigo, meu outro irmão e mais dois sobrinhos.

Celina: E o que a senhora faz?

M.C.: Eu sou professora, só que agora desempregada, como era só prestadora de serviço, aí trabalhei quase seis anos pra SEMEC, aí agora como chamaram o pessoal do concurso, eu saí. Mas por fora, eu vendo a natura, eu sou manicure e agora estou com o pessoal aí do Projeto.

Celina: Vou perguntar sobre três momentos, primeiro o passado, aí o presente e o futuro. Em relação ao passado como surgiu a comunidade da Baia do Sol?

M.C.: Eu acho que foi pela família, a família Silva (se uniu) a família Souza. Se misturou, que aqui quase todo mundo é parente.

Celina: Aí começou primeiro com eles? Como é que é?

M.C.: Não, acho que era uma pequena comunidade mesmo, afastada do centro. Aí começou com essas duas famílias. Aí foi se multiplicando.

Celina: E qual é a história da sua família, seus pais vieram pra cá?

M.C.: Meu pai é descendente de índio, a minha mãe que é daqui, ele é Souza e ela que é Silva. Ele é de Santo Antonio do Tauá, perto de Vigia. Ela que é daqui mesmo.

Celina: Aí seu pai é que veio pra cá?

M.C.: É. A família Souza é que veio. A Silva já era daqui.

Celina: E qual é a história do Banco?

M.C.: Como eu entrei, como começou?

Celina: Não, como que ele surgiu.

M.C.: Ah, sim. Que eu sei, né, eles iniciaram lá por Fortaleza (a Ivoneide me contou), Aí eles vieram pra instalar aqui. Acharam que ia dar certo na comunidade e ta dando certo. Na minha opinião, ta dando certo. É pra melhorar mesmo a comunidade.

Celina: E qual é a história do Projeto CECI?

M.C.: O Projeto Ceci Mulheres, eles vieram pra tentar ajudar as mulheres que recebem o Bolsa Família, pra tentar multiplicar esse dinheiro, uma visão de futuro, estamos projetando, a gente está caminhando. Mas numa perspectiva de futuro, a gente acredita nesse Projeto.

Celina: E como a senhora entrou no Projeto?

M.C.: Ela me convidou, depois que ela viu que eu estava desempregada. Como eu já era, eu tava sempre com eles, ajudando em tudo que ela me pedia, eu ia ajudava. Aí ela me convidou pra entrar no Projeto, como eu estava desempregada. Aí eu aceitei e estou aqui até agora, nessa luta com eles.

Celina: E como você acha que está a Baía do Sol, hoje?

M.C.: Na perspectiva de melhoramento do Banco eu acho assim, a gente primeiro tinha que ir na Vila pagar conta e as pessoas que recebiam o Bolsa Família, eles deixavam o dinheiro todo na Vila. E hoje em dia o dinheiro circula aqui na comunidade mesmo. Então ele veio pra melhorar mesmo.

Celina: Mas o que é que falta melhorar ainda na Baía do Sol?

M.C.: O que falta melhorar, em termos do Banco, eu acho que é as pessoas terem mais assim, é, acreditarem mais. Que eles acreditem mais no Projeto, que é um Projeto que tenta melhorar a comunidade.

Celina: E o que é que o Banco faz hoje? Você sabe quais são os serviços?

M.C.: Eles fazem empréstimo, eles pra nós mulheres ele veio melhorar também na família, no nosso dia a dia, nosso tempo, que antigamente a gente ia lá pra Vila, só voltava meio dia, pra pagar uma conta. Hoje em dia não.

Celina: Com relação ao que o Banco promete, ele atende suas expectativas?

M.C.: Ele atende sim. Eu acho que o pagamento de contas, os projetos que ele desenvolve dentro da comunidade, assim na área de desenvolvimento também da comunidade, os projetos que eles fazem.

Celina: E o que você mais gosta no Projeto Ceci?

M.C.: O que eu mais gosto é a união das mulheres. A gente tem que ver assim, que só uma andorinha não faz verão. A gente, todo mundo junto, consegue ir mais longe

Celina: E o que a senhora gosta no Banco?

M.C.: O que eu mais gostei no Banco foi as melhorias que ele trouxe pra nossa comunidade.

Celina: Quais foram as melhorias?

M.C.: No desenvolvimento, na área de programações na comunidade, que a gente não tava tendo mais. Assim nas datas comemorativas. A Prefeitura esqueceu muito a nossa comunidade e o Banco ta substituindo essa parte que a Prefeitura não ta fazendo.

Celina: Umhas perguntas bem rápidas. O que é pra senhora qualidade de vida?

M.C.: É saúde, principalmente e ter algo que possa dar sustentabilidade na vida da gente, emprego, estudo, casa construída.

Celina: E o que é desenvolvimento?

M.C.: Acho que desenvolvimento é uma comunidade, se tiver parado chega alguém pra movimentar essa comunidade, dar suporte pra que ela cresça.

Celina: E comunidade?

M.C.: Comunidade é o povo principalmente aqui, que é parente. A união.

Celina: E Economia Solidária?

M.C.: Economia Solidária eu acho assim, que é o dinheiro que gira em torno de uma comunidade, em um grupo de pessoas, pra melhorar a vida delas.

Celina: E o Moqueio?

M.C.: É uma moeda que veio pra melhorar a perspectiva de um povo que tava acomodado; veio pra incentivar também as mulheres, teve também um projeto.

Celina: E a senhora acha que pode melhorar em alguma coisa, o Banco?

M.C.: Com certeza, eles estão buscando isso, né. A Ivoneide e o Marivaldo sempre falam pra gente que eles estão buscando sempre melhorias. Trazer o Projeto, o que não pode pagar aqui, buscar, correr atrás. Eles estão tentando fazer tudo, sempre pra melhorar, buscando sempre melhorias.

Celina: E o que a senhora está fazendo hoje, a senhora gostaria de aprender outra coisa?

M.C.: Ah, eu gosto muito de artesanato. Eu fazia bijuteria. Agora eu parei um pouco. Já comprava montada pra revender porque eu não tinha tempo de parar pra fazer. Quando eu entrei no Projeto, eu entrei no intuito de ter uma barraca e vender artesanato. Mas ficou difícil. Meu pai adoeceu e eu que cuido dele, moro com eles. Aí ficou difícil pra mim fazer artesanato pra mim vender. Às vezes acaba fazendo, mas vendia logo e não dava pra fazer estoque pra poder expor. Ainda não deu pra fazer, mas vai dar. Se Deus quiser.

Celina: E agora a gente passa pro futuro. Como é que seria a Baía do Sol ideal pra você?

M.C.: No futuro? Uma perspectiva melhoramento de emprego, de desenvolvimento do Projeto que a gente tenha mais lucro, que a gente cresça com esse projeto para o futuro.

Celina: Como é que a sua família vai estar nesse futuro, nessa baía do sol ideal?

M.C.: Na baía do sol ideal? Acho que a minha família é minha parceira, está sempre comigo, principalmente os meus filhos, são amigos meus. Até porque eu crio eles sozinha. Então eu acho que aonde eu estiver eles vão estar comigo

Celina: E você acha que o Banco vai fazer parte desse sonho?

M.C.: Com certeza

Celina: Com o que vai acontecer isso?

M.C.: Acho que através do Projeto, não só do Banco em si, mas do Projeto Ceci também.

Celina: Como é que você acha que vai estar a sua vida, o Banco e o Projeto daqui a cinco anos?

M.C.: Como vai tá minha vida, o Projeto? Eu acho assim, que a gente já vai ter uma perspectiva maior de lucros, uma visão maior de comércio, assim de parceria também. As pessoas vão acreditar mais no Projeto. Também de vir gente até de fora, como acabou de chegar, o pessoal chegando no ônibus. Às vezes a própria

comunidade não acredita, mas às vezes gente de fora acaba acreditando mais que as pessoas que estão aqui dentro mesmo. Mas aos poucos a gente vai caminhando e as pessoas vão conhecendo mais o Projeto e eu acho que vai melhorar.

Celina: O que é o Banco pra você, em uma palavra?

M.C.: Em uma palavra? Prosperidade

Anexo 5

ENTREVISTA 05

Entrevistado: A. (Projeto CECI-Mulheres)

Data:13/01/2014

Celina: A., quantos anos você tem?

A.: Vinte e dois

Celina: O que você faz?

A.: Venda e cozinho salgados e bolos.

Celina: Quantos moram na sua casa?

A.: Tenho dois filhos, minha mãe, meu pai, uma cunhada e meu irmão.

Celina: Você sabe qual é a história da Baia do Sol?

A.: Não.

Celina: E a história do Banco Comunitário?

A.: Também não.

Celina: E seus pais nasceram aqui?

A.: Não, nasceram no interior e vieram pra cá.

Celina: Qual o interior?

A.: Marapanim.

Celina: E qual é a história do Projeto Ceci?

A.: Comecei a pouco tempo. Que ela disse que era pra eu fazer venda aqui, e eu toa pouco tempo.

Celina: E como é que está a Baia do Sol hoje?

A.: Tá mais desenvolvida, mais avançada.

Celina: Quais são as melhorias?

A.: Tudo. Tem supermercado que não tinha, era só taberna, tem banco agora, que facilitou muito, só o transporte que ainda não ta muito bem.

Celina: Sabe quais são as ações que o Banco faz?

A.: Ele faz pagamento de luz, água, faz empréstimo, tem convênio com a Caixa.

Celina: E o Banco atende suas expectativas? Por exemplo, além da Caixa, o que você acha que pode melhorar? Os créditos, você acha que poderiam ser melhores?

A.: Pra mim, assim ta bom

Celina: O que você mais gosta no Projeto Ceci? Por que você continua no Projeto depois de três meses?

A.: O Projeto, eu não sei como ele é, porque já surgiu a muito tempo. Eu não sei assim dizer, porque eu só faço vender. Não sei dizer o que ele ofereceu pra mim

Celina: O que é qualidade de vida pra você?

A.: Ter uma vida boa, tudo bom, trabalho bom.

Celina: E comunidade?

A.: É tá interagindo em comunidade.

Celina: Economia Solidária? Que é o que o Banco faz.

A.: Ajuda as pessoas, acho uma ótima coisa.

Celina: E o que seria a Baía do Sol ideal?

A.: Com mais coisas, empregos melhores, estudo também e o convívio também das pessoas.

Celina: Qual seu sonho pra sua família?

A.: Uma vida boa, sem necessidades.

Celina: E como você acha que vai estar sua vida daqui a cinco anos? Sua vida de modo geral.

A.: Vai estar boa, melhor.

Celina: Melhor em que sentido?

A.: Em todos, até lá ter um emprego bom.

Celina: Qual a sua ideia de emprego bom?

A.: Ir trabalhar numa empresa grande

Celina: Pra você o que é o banco em uma palavra? Como o definiria?

A.: Uma vida melhor

Anexo 6

ENTREVISTA 06

Entrevistado: A.C. (Projeto CECI-Mulheres)

Data:14/01/2014

Celina: Quantos anos você tem?

A.C.: 36 anos

Celina: Você mora na Baía do Sol desde que nasceu?

A.C.: Nasci aqui.

Celina: Quantas pessoas têm na sua família?

A.C.: Em casa tem sete.

Celina: São seus filhos?

A.C.: Não, tenho só dois filhos. Tenho enteado.

Celina: Agora a gente vai conversar um pouquinho sobre a história: qual é a história da Baía do Sol?

A.C.: Não sei muito bem da fundação. Haviam os índios arirambas. Aqui também, na origem, há uma mistura: portugueses, indígenas. Então, meus parentes, tem um pessoal do Ceará, Pernambuco, que são meus bisavós, que juntaram com o povo daqui e foi crescendo.

Celina: E qual é a história do Banco Comunitário?

A.C.: Não sei quando ele foi fundado, mas quando ele foi fundado beneficiou muito o povo daqui. Porque antes o pessoal aqui tinha se deslocar daqui lá pra vila, pra pagar alguma coisa, pra receber o Bolsa Família e naquela dificuldade, enfrentando fila e aqui já é melhor pras mães do Bolsa.

Celina: E qual é a história do Projeto Ceci Mulheres?

A.C.: O Projeto Ceci, ela (Ivoneide) reuniu com a gente e explicou. E eu fui, convidei algumas mulheres. O Projeto visa ajudar as mulheres, mães de família que recebem Bolsa Família e querem ter um rendimento pra ajudar em casa, ajudar a família. Então a gente começou a planejar primeiro trabalhar com vendas e aí a gente começou depois, a montar as barraquinhas pra fazer feirinha na praça e foi daí que começou as barraquinhas. E sempre que a gente faz algum evento as barraquinhas estão lá.

Celina: E como está a Baía do Sol hoje?

A.C.: Falta os governantes darem mais atenção. A Prefeitura não dá muita atenção a Baía do Sol, a questão da saúde. Transporte que também não tá bom. A gente precisa que eles tenham mais respeito pelos usuários. Os ônibus que circulam aqui, eles fazem o horário que querem. Essas linhas de ônibus, agora, eu acho que cada uma tem um dono, eles fazem o horário que querem. Aí a gente precisa de um ônibus e quando vem a van que é particular, aí se eles entrarem pra cá com poucas pessoas e tiver gente na praça em Carananduba, eles não podem trazer, o pessoal conta e implica com o pessoal das vans. Aí fica difícil. O usuário fica prejudicado.

Celina: E você sabe quais são as atividades do Banco?

A.C.: Todas as coisas não, mas sei que ele trabalha com a Caixa, fazem abrir contas, conta corrente, conta poupança, ele pode fazer pagamento de Bolsa Família, fora a ajuda que ele dá a comunidade, desenvolvendo a cultura, a gente começa a promover eventos, tá ajudando muito a cultura local.

Celina: E o que você mais gosta no Projeto Ceci?

A.C.: A parceria entre as mulheres e o Banco é uma coisa assim que é humana, a gente precisa ter isso. Eu não tô agora participando por causa de assuntos pessoais, mas é uma coisa muito importante.

Celina: O Banco atende as suas expectativas?

A.C.: Sim, porque nós não tínhamos o Banco Comunitário veio beneficiar muito.

Celina: Eu vou fazer umas perguntas, falar algumas palavras e aí você me explica o que vier na sua cabeça. O que é qualidade de vida pra você?

A.C.: É ter um trabalho onde pudesse ganhar dinheiro pra poder ajudar a família. Dar almoço pros filhos, uma alimentação boa, um vestuário bom pra não ficar esperando um pouquinho no final do mês pra poder resolver a situação.

Celina: E desenvolvimento?

A.C.: Eu acho que depende muito da nossa dedicação também, não só esperar pelo Governo. A gente tem que batalhar pra ver a nossa comunidade crescer. Botar a mão na massa, fazer a nossa parte, cada um fazendo um pouquinho, aí desenvolve.

Celina: E comunidade?

A.C.: Comunidade eu acho que é o povo que habita num lugar forma uma comunidade. São pessoas sem inveja uma da outra, numa comunidade tem que ser

assim: todo mundo partilhar o bem estar do outro. Se alegrar com o bem estar do outro, com o crescimento.

Celina: E Economia Solidária?

A.C.: Economia Solidária é a gente ter em quem buscar no empreendimento pra ajudar a desenvolver, buscando sempre estar ajudando o próximo, então é trabalhar em conjunto.

Celina: O Moqueio? O que é?

A.C.: É a nossa moeda social, foi criada pelo Banco, com a parceria de instituições, a Caixa apoia e com certeza, por que ela que trouxe o Banco pra cá. Ela funciona assim: a gente utiliza ele e troca pelo dinheiro que é pro Banco funcionar, que o Banco fez a moeda social pra nós, pra circular aqui dentro. Então a gente troca pela moeda que é o Real, então funciona como se fosse uma troca de Real pelo Dólar. Só que o Moqueio é a nossa moeda local.

Celina: O que você ta fazendo hoje, de renda?

A.C.: Bom, sou comerciante, trabalho também com venda de salgados, bolos, tortas, faço encomendas, essas coisas.

Celina: Você tem vontade de aprender outra coisa?

A.C.: Tenho, sempre faço cursos.

Celina: Que você gostaria de aprender?

A.C.: Pra aprimorar meus conhecimentos preciso de um curso de informática.

Celina: Tem outro curso que você gostaria de fazer?

A.C.: Corte e costura, eu gostaria de fazer. Eu mexo um pouquinho, porque minha avó costurava e aprendi um pouco com ela.

Celina: E aí, falando um pouco de futuro, o que seria a Baía do Sol ideal pra você?

A.C.: Seria a Baía do Sol com uma orla bonita, que chamasse o turismo pra cá, e um desenvolvimento tendo posto de gasolina, farmácia, que não temos aqui, escola particular – que as crianças daqui que não estudam em escola pública tem que se deslocar lá pro centro, lá pra Vila, aí se tivesse uma escolinha aqui não teria que pagar passagem.

Celina: E qual o seu sonho pra sua família?

A.C.: Meu sonho pra minha família é iniciar uma faculdade, me formar pra trabalhar pra ajudar meus filhos a também terem um desenvolvimento bom, mais

tarde também se formarem e fazerem uma faculdade e se desenvolverem cada vez mais.

Celina: Você acha que o Banco vai lhe ajudar nesse sonho?

A.C.: Com certeza, a gente economizando junto com o Banco, ele dando apoio; porque a gente precisando de um investimento o Banco ajuda. Então ele vai ajudar sim.

Celina: A última pergunta: Como você acha que vai estar sua vida, a comunidade e o Banco daqui a cinco anos?

A.C.: Vai estar bem mais desenvolvido do que agora. E com a vontade de desenvolver que a gente tem. Porque o Banco faz a parte dele e faz bem. Porque a Prefeitura fim do ano não manda nada pra cá e a gente se reúne e faz, então a tendência é desenvolver mais, crescer mais pra todo mundo ficar feliz.

Anexo 7

ENTREVISTA 07

Entrevistado: S. (Projeto CECI-Mulheres)

Data:14/01/2014

Celina: Como é seu nome?

S.: S.

Celina: Quantos anos a senhora tem?

S.: Eu tenho 50 anos

Celina: Quantas pessoas moram na sua casa?

S.: Quatro comigo. Eu, meu marido, meu pai e meu neto.

Celina: Há quanto tempo a senhora mora aqui na Baia do Sol?

S.: Eu to com sete anos que moro aqui na Baia do Sol.

Celina: De onde a senhora é?

S.: Eu sou de Belém. Vim só passar umas férias aqui e gostei do ambiente, do clima e fiqueii.

Celina: O que a senhora faz?

S.: Eu sou dona de casa. Quando eu vim de Belém, eu senti muito assim. Porque lá eu vendia, eu sempre trabalhei com venda, eu tinha minha venda lá na porta de casa. Quando eu vim pra cá eu senti muito, porque a gente não tem aqui o movimento que dê pra fazer venda. Aí eu fiquei triste, sabe assim. Eu fiquei triste porque não tinha como, nada pra eu fazer pra eu ganhar meu dinheiro. Enquanto que lá eu tinha bastante oportunidade, eu não aproveitei. E pra cá a oportunidade não foi como a de lá.

Celina: E a senhora sabe qual que é a história da Baia do Sol?

S.: Não

Celina: E a história do Banco?

S.: Do Banco eu sei um pouco. O Banco foi um empreendimento que veio pra beneficiar o povo, a população daqui. O Banco ajuda muito as pessoas porque a gente quando ta precisando de uma ajuda pra começar o nosso negócio a gente vai lá, aí eles emprestam pra gente, adiantam o dinheiro que a gente ta precisando pra gente comprar. A gente vende e depois a gente vai lá e acerta com o Banco. Uma ajuda muito importante que o Banco veio pra beneficiar os moradores daqui da Baia do Sol.

Celina: E qual é a história do Projeto Ceci?

S.: O Projeto Ceci é um Projeto das mulheres que recebem benefício do Governo Federal, como o Bolsa Família e aí a Dona Ivoneide com o marido dela, o seu Marivaldo, acharam uma maneira assim de nos ajudar, porque a gente não vai ficar todo o tempo com esse benefício, um dia vai ser cortado. Então pra que nós tenhamos daqui pra frente o nosso negócio, pra gente quando sair do Bolsa, já poder contar com nosso dinheiro. Pra não ficar dependendo só disso.

Celina: E como está a Baia do Sol, hoje, pra senhora?

S.: A Baia do Sol, ta aumentando a população. Porque quando eu vim pra cá só era eu e mais umas três casas e agora a Baia do Sol ta aumentando. Pelo menos aqui na minha rua ta vindo mais. Tem mais comércio, tem mais oportunidade pra gente comprar, quer dizer que a gente não vai sair daqui pra ir lá pra Vila ou lá pra Belém, já tem algumas coisas aqui. Isso pra gente é bom.

Celina: E o que o Banco faz? Quais são as atividades do Banco?

S.: Ele promove, como é que se diz, assim eventos, pra beneficiar o povo daqui. Pelas férias, Carnaval, Festa Junina, sempre ele está fazendo esses eventos pra reunir a família, os moradores, a comunidade em geral.

Celina: E o Banco atende as suas expectativas?

S.: Atende. Falta melhorar muito, mas atende sim.

Celina: E o que poderia melhorar?

S.: Acho que espaço e assim, também quando a gente quer pagar uma quantia alta assim no Banco, a gente não pode porque tem até um valor, tem um limite.

Celina: E o que a senhora mais gosta no Projeto Ceci?

S.: O que eu mais gosto é o Projeto em si, que reúne as mulheres, que nós nos reunimos pra fazer nossa venda. E que nos dá assim, uma alegria muito grande porque daqui a gente ta conseguindo a nossa independência. É da onde a gente vende e tem o nosso dinheiro. É um projeto muito importante pra beneficiar as mulheres da Baia do Sol.

Celina: Agora algumas palavras pra senhora responder: o que é qualidade de vida pra senhora?

S.: Qualidade de vida é a gente ta respirando esse ar que não é poluído, ter a nossa praia ali e a tranquilidade em primeiro lugar.

Celina: E desenvolvimento?

S.: Desenvolvimento é o nosso crescimento financeiro, assim não é só o meu, mas do Projeto em si e dos comerciantes da Baia do Sol.

Celina: E comunidade?

S.: Comunidade é onde vivemos: nossos vizinhos, nossos amigos. E a comunidade é muito importante pra que a gente tenha um lugar melhor, pra se viver.

Celina: E Economia Solidária?

S.: Economia Solidária é quando a gente se reúne pra ajudar uns aos outros

Celina: E Moqueio?

S.: O Moqueio é uma moeda que ajuda muito a gente porque, aqui dentro, é uma moeda assim que todos os comércios aceitam. É uma moeda que veio assim, pra ajudar.

Celina: O que a senhora gostaria de aprender?

S.: O que tivesse de curso aqui dentro pra gente melhorar nossa vida, qualquer curso é bem vindo. Porque eu acho que é bom a gente aprender um pouco de cada coisa.

Celina: Mas tem alguma coisa específica que a senhora queira aprender?

S.: Ah, negócio de computação, que eu ainda não sou sabedora.

Celina: Em relação ao futuro, como seria a Baia do Sol ideal?

S.: A Baia do Sol ideal pra mim, seria assim que viessem mais empreendimentos pra cá, pra população se desenvolver mais. E também um projeto assim de negócio de meio ambiente porque nossas praias, não tem aquela consciência ainda, o povo ainda não é consciente que nós temos umas belas praias, mas não é bem cuidada ainda.

Celina: E qual é o seu sonho pra sua família?

S.: Eu gostaria que a minha família viesse morar aqui porque aqui ainda é um lugar bom pra se viver, não tem aquela violência tão grande como tem lá. Eu gostaria de ter minha família toda junto comigo.

Celina: E a senhora acha que o Banco vai lhe ajudar nesse sonho?

S.: Vai, porque através do Banco é que vem às melhorias aqui da Baia do Sol. Então vindo essas melhorias é mais fácil de trazer a família pra cá um dia com a gente.

Celina: E como a senhora acha que vão estar a comunidade, o Banco e o Projeto Ceci daqui a cinco anos?

S.: Olha, vai estar bem melhor, porque a cada ano que passa vai crescendo mais. Tem cinco anos e de cinco anos pra cá já melhorou muito. Então eu espero que daqui a cinco anos a gente já tenha uma Agência da Caixa, assim bem grande, aqui.

Celina: Muito obrigada.

Anexo 8

ENTREVISTA 08

Entrevistado: N. (Projeto CECI-Mulheres)

Data:14/01/2014

Celina: Como é seu nome?

N.: N.

Celina: Quantos anos a senhora tem?

N.: 41

Celina: Quantas pessoas moram na sua casa?

N.: Eu, meu marido e as duas filhas que eu tenho. Agora são três. Porque uma casou e agora têm as duas menores.

Celina: O que a senhora faz?

N.: Eu faço um pouco de tudo, né. Eu trabalhava como diarista, agora eu sou revendedora da Natura e eu sou dona de casa. Fico em casa trabalhando.

Celina: E a senhora sabe qual é a história da Baia do Sol?

N.: Eu não sei.

Celina: A senhora nasceu aqui? Seus pais também, ou vieram de outros lugares?

N.: A minha mãe, ela veio do Marajó, agora o meu pai eu não sei de onde ele veio não.

Celina: E a senhora sabe como é a história do Banco?

N.: Não.

Celina: E do Projeto (Ceci)?

N.: Ah, do Projeto, a Ivoneide eu acho que teve, como é? Não sei como começou o Projeto, mas onde surgiu, assim, pra eu participar foi através da minha irmã, eu comecei a participar através dela. Ela veio, me convidou pra mim participar da reunião que ia ter lá no Banco. Era pra gente participar e conhecer um pouco a história de lá. Aí eu fui, comecei a participar das reuniões, do Projeto que teve aqui na Praça, que começou no mês de junho na praça. A primeira vez que começou foi lá, na pracinha que teve foi a primeira vez que teve a ação do Projeto.

Celina: Como é que está a Baia do Sol hoje?

N.: Em relação ao Banco?

Celina: Não, de modo geral.

N.: De modo geral, olhe, ela evoluiu bastante. Ela não tinha quase nada e praticamente, assim, tem mais oportunidades que também ta surgindo em relação até ao trabalho, que não tinha, mas hoje já tem algumas coisas aqui.

Celina: E o Banco atende suas expectativas?

N.: Sim, até porque a gente ia daqui pra pagar luz e até o bolsa Família, que hoje eu não recebo, mas eu recebia. Antes ia na Vila receber e hoje não, hoje a gente já pode receber aqui.

Celina: Do que você mais gosta no Projeto Ceci?

N.: Olha, quando ta mesmo, nós estamos participando do Projeto que tem no Banco, quando eles fazem algum evento que a gente participa, eu gosto, é isso que eu gosto.

Celina: Eu vou falar algumas palavras e a senhora fala a primeira coisa que vier na sua cabeça: o que é qualidade de vida, pra senhora?

N.: É a gente se manter, com aquilo que a gente pode pra gente mesmo e pra família da gente. Eu acho.

Celina: E desenvolvimento?

N.: Desenvolvimento pra mim é o que ta acontecendo agora na Baia do Sol.

Celina: E comunidade?

N.: Comunidade é o Projeto que tá surgindo da comunidade

Celina: Economia Solidária?

N.: É a pessoa, assim, ajudar o próximo, ser mais, dar mais oportunidade para o outro.

Celina: E o Moqueio?

N.: O Moqueio é uma moeda que eu acho que surgiu a pouco tempo. Já vai fazer o que? Ah, tempo bastante

Celina: E como seria a Baia do Sol ideal?

N.: Ideal era nós termos um projeto para os jovens, porque eles não tem. Então é isso.

Celina: O que a senhora gostaria de aprender?

N.: Olha, praticamente eu sei costurar, eu sei bordar, eu se tricotar, eu sei muitas coisas. Assim, aprendi eu mesma em casa, sei um pouco cada coisa. Eu aprendi mesmo lendo revista, olhando alguns vídeos, aí eu faço isso.

Celina: Mas haveria alguma coisa que a senhora gostaria de fazer, tipo cozinhar?

N.: Olha, eu sei, mas o que eu gostaria de aprender, de ter mais um conhecimento era sobre doces, salgados.

Celina: E qual seu sonho pra sua família?

N.: É a casa própria.

Celina: E a senhora acha que o Banco vai lhe ajudar nesse sonho?

N.: Sim

Celina: E como a senhora acha que vai estar o Banco, o Projeto daqui a cinco anos?

N.: Eu espero que, não só o Banco em si, mas a comunidade toda utilizando de lá do Banco e fazendo com que não só o Banco, mas a comunidade cresçam dando apoio pras pessoas que precisam.

Anexo 9

ENTREVISTA 09

Entrevistado: D. (Projeto CECI-Mulheres)

Data:15/01/2014

Celina: Pra começar, como é seu nome?

D.C.: D.C.

Celina: Quantos anos você tem, D.?

D.C.: Trinta e quatro

Celina: Quantas pessoas moram na sua casa?

D.C.: Cinco pessoas

Celina: Cinco. Há quanto tempo você mora na Baía do Sol?

D.C.: Dezoito anos.

Celina: De onde você vem?

D.C.: Eu venho de uma comunidade próxima.

Celina: E qual a história da Baía do Sol?

D.C.: Olha, muito não eu sei que ficava dividido em 3 partes Fazendinha, Camboinha e Bacurí. Porque tinha muita árvore de bacuri. Na fazendinha não lembro muito bem, nem da Camboinha, não me aprofundei.

Celina: E a história do Banco?

D.C.: Ah! A história do Banco, são poucas pessoas que tem o trabalho de estar divulgando, mas as poucas pessoas que conseguem, divulgam legal, o trabalho do Banco, pra nossa comunidade, eu acredito, que se não fosse Ivoneide e Marivaldo, eles estão conseguindo que a economia social se desvincule de outras comunidades, que não fique só no Baía do Sol. Veio dar uma ênfase pro trabalho social, trabalhar com as famílias. Pras senhoras que recebem o Bolsa Família, então isso é muito legal.

Celina: E qual que é a história do Projeto Ceci?

D.C.: A história do Projeto Ceci, eu digo que é muita força de vontade. Porque nós trabalhamos com esforço próprio. Principalmente deles, porque eles deixam o lar, a família pra tá junto com a gente, pra tá incentivando a nós fazermos isso. O Projeto, como eu posso dizer, é muito interessante e eles são os maiores incentivadores.

Celina: E como está a Baía do Sol Hoje.

D.C.: Eu acredito que está em fase de desenvolvimento

Celina: Mas você acha que está bom ou pode melhorar em alguma coisa?

D.C.: Pode melhorar ainda mais. Poderia melhorar se a comunidade toda trouxesse seus pagamentos pro Banco e acreditasse mais. Não é que eles não acreditem, mas é que existem pessoas que não sabem o valor que o Banco tem.

Celina: E o que é que o Banco faz?

D.C.: O Banco faz pagamentos, no caso, as mulheres do Bolsa, recebem aqui. Nós fazemos os nossos pagamentos aqui. Às vezes ainda a gente consegue emprestar, porque geralmente quem faz isso são as “caixinhas”, mas com o Banco aqui, aí já funciona dessa forma. A comunidade já se entrosa mais.

Celina: E o Banco atende suas expectativas?

D.C.: Sim. Porque assim o tempo que eu ia gastar indo lá na Vila, fica tudo aqui localizado e aí fica bom pra comunidade. Ai a renda vem pra comunidade.

Celina: E o que você mais gosta no Projeto Ceci?

D.C.: Eu gosto de tudo, a maneira como eles nos tratam. Porque não tem subsídio nenhum de renda. É eles que fazem com que entre a renda pra gente. É basicamente isso.

Celina: E o que você acha que pode melhorar no Projeto?

D.C.: Ter mais desempenho de nós, mulheres. Tem algumas que desagregam, Aí ficam um pouco desestimuladas, porque não é todo o tempo que nós conseguimos ter a renda que as nossas expectativas buscam. Aí nós nos juntarmos mais a eles e termos mais força de vontade.

Celina: Vou dizer algumas palavras e você fala o que vier na sua cabeça. O que é qualidade de vida pra você?

D.C.: Qualidade de vida é poder dar um subsídio financeiro melhor pra família.

Celina: E o que é desenvolvimento?

D.C.: Desenvolvimento é o estágio que o Banco está oferecendo pra comunidade.

Celina: Comunidade?

D.C.: A comunidade é o cruzamento de várias pessoas, ou seja, o todo da comunidade, se todo mundo conseguir se juntar e ter um líder comunitário como eles com certeza daria certo

Celina: Economia solidária?

D.C.: Economia solidária é o que eles nos oferecem, o Projeto Ceci Mulheres, essa é a Economia Solidária.

Celina: E Moqueio?

D.C.: Moqueio é a moeda local, que os comércios todos aceitam. Isso é, como eu te falei, a renda ela gira em torno da comunidade, através do Moqueio

Celina: E o que é o Banco Comunitário?

D.C.: É tudo de bom que uma comunidade pode ter.

Celina: E o que você ta fazendo hoje?

D.C.: Hoje, o que eu faço hoje? Hoje, basicamente, meu emprego trabalho é no “Mais Educação” leitura e escrita. E também eu gosto muito de ta no Projeto. Às vezes eu até pensei em parar, mas aí como eles gostam muito de segurar a gente, pra ta de pé no chão, -“Vem pra reunião, e tal” eu consigo ficar, acompanhando o Projeto também. Eu gosto mesmo é de cozinhar.

Celina: Tem alguma coisa que gostaria de aprender?

D.C.: Como gostaria. Tem muitas coisas que eu gostaria de aprender. Por exemplo, eles vão agora ofertar, segundo ela estava me falando, que vai ter oficinas. Eu gostaria de estar em todas, mas às vezes o tempo não ajuda

Celina: Se você pudesse escolher qual que seria?

D.C.: Ah, eu gostaria de me profissionalizar na área da comida. Alimentação, culinária.

Celina: E o que é que seria uma Baia do Sol ideal, pra você?

D.C.: Seria a Baia do Sol desenvolvida. Nós sabemos que o fluxo de pessoas que moram fora e que tem casas aqui é muito grande. Dava pra gente ter uma farmácia, outro tipo de comércio, não precisar ir até a Vila. Isso seria uma Baia do Sol ideal

Celina: E qual seu sonho de futuro?

D.C.: O sonho da minha família é que todos consigam e formar e consigam formar uma família de bem

Celina: Você acha que o Banco vai lhe ajudar nesse sonho.?

D.C.: Tem me ajudado muito

Celina: Como é que ele tem lhe ajudado?

D.C.: Olha, me ajuda financeiramente. É como eu te falei no início, eu faço meus pagamentos aqui, falo com ela às vezes quando eu quero um dinheiro emprestado. Então, sempre me ajudou, desde que iniciou o Banco.

Celina: Como você acha que vai estar a Comunidade, o Banco, o Projeto daqui a cinco anos?

D.C.: A tendência é que esteja bem desenvolvido. Tomara que nós estejamos sempre com ela e eles sendo essa mulher e esse homem de força e de luta que eles são guerreiros fazendo que a comunidade desenvolva cada vez mais.

Celina: Muito, muito obrigada D.

Anexo 10

ENTREVISTA 10

Entrevistado: Ivoneide Vale (Coordenadora do Instituto Tupinambá e do Projeto CECI-Mulheres)

Data:15/01/2014

Celina: Qual é a história da Baia do Sol?

Ivoneide: Eu tenho só quinze anos morando aqui, então assim: pelo que eu conheço do histórico de vida, é uma comunidade pesqueira, que depende muito da pesca pra conservação desse alimento e dessa tirada do alimento, pra construção da família. Eles extraem o seu alimento da maré e a gente observa que agora com a escassez do peixe é muito também a cultura desses filhos que não foram criados dentro dessa sistemática de pescar e tal, com a dinâmica que hoje o Mercado oferece que é muito mais da pessoa estudar e crescer e buscar uma outra alternativa, tem escasseado bastante. E a gente percebe que tem uma perspectiva muito ampla, se a gente consegue trabalhar essa base, acho que vai ter um futuro bem melhor. As pessoas já procuram estudar, apesar da distância muito grande do grande centro, das universidades, mas a gente já tem um bom número de universitários e a gente percebe que tá mudando a realidade da Baia do Sol.

Celina: Qual é a sua história aqui? Você chegou a quinze anos...?

Ivoneide: É, eu tenho quinze anos morando aqui. A gente veio aqui pra construir. A gente tem um história do movimento social já no Ceará, a gente trabalhava com uma comunidade onde a gente via o povo, era uma favela e as pessoas começaram a lutar pelos direitos da comunidade e a gente conseguiu água, luz, esgoto e isso tudo era caro e as pessoas que foram morar lá era pelo baixo custo de vida. Mas com os serviços de água, luz, tinha que pagar por tudo isso e as pessoas que foram morar era pelo baixo custo de vida, embora a gente brigasse por uma tarifa social, as pessoas começavam a vender as casas e iam empobrecendo cada vez mais, iam fazer outras favelas em outros locais. E essa organização gerou o Banco Palmas e a gente trabalhou toda essa organização lá e pela nossa experiência a gente foi convidado a construir uma experiência de participação popular aqui no Norte e a gente começou aqui essa história.

Celina: O presente: como você acha que está a Baia do Sol hoje?

Ivoneide: A Baía do Sol tá se desenvolvendo bastante, é uma comunidade que tem um potencial muito grande, mas a gente precisa muito mudar a cultura da sexta, do esperar que as coisas aconteçam e isso requer tempo. Tem que educar, tem que perder tempo, as pessoas precisam entender que tem que plantar a semente, cultivar, pra crescer. A gente tem que ficar muito próximo, tentar construir uma história diferente com esse povo.

Celina: Você acha que o Banco está atendendo as expectativas da população?

Ivoneide: A gente é muito suspeito pra falar do Banco. Mas existem as pesquisas que a gente tem feito que dão conta que o Banco, ela aponto que ele é a ferramenta que esse povo tá precisando e eles entendendo porque é o melhor e vindo pra dentro e construindo a gente vai mudar realmente o futuro dessa comunidade.

Celina: Mas você acha que tá faltando alguma coisa que ainda possa melhorar o Banco?

Ivoneide: Ah, o Banco precisa de muita coisa. A gente tá com um Projeto de criar um centro de referência de Economia Solidária aqui e as oficinas que a gente faz, e a gente procura eventos, tentar inovar pra ver se a gente consegue ser esse espaço mesmo de referência aqui no Norte.

Celina: O que, pra você, é qualidade de vida?

Ivoneide: Pra mim, qualidade de vida é quando você está feliz, porque a gente corre muito, batalha muito na expectativa de viver um dia melhor e a gente esquece de viver o presente. E se a gente conseguir, com o pouco que a gente faz de dar um sorriso, um pouco de alegria, tirar um pouco do estresse do dia a dia, do nosso cotidiano pra mim a gente está tendo qualidade de vida. E na vida dessas mulheres agora como ontem nós vimos no Face): "Hoje eu namoro mais, hoje eu vivo mais" Elas aprendem, a gente consegue ver que elas despertam pra vida. Elas não estão mais só passivas, elas estão vivendo.

Celina: E o que é desenvolvimento?

Ivoneide: Eu acho que o desenvolvimento ele traz essa qualidade de vida. É quando a pessoa começa a entender que ela faz parte desse dia a dia. Porque quando você começa a viver realmente, a gente tá se desenvolvendo e aí você se desenvolve como ser humano, aí você vai desenvolver seu negócio, você vai desenvolver sua família, você vai desenvolver o teu entorno e aí não tem porque. Quando você realmente consegue entender que você é um instrumento que pode

mudar e transformar, você já não é mais sozinho, você consegue agregar outros e aí acaba desenvolvendo tudo. É uma cadeia: vai envolvendo outros, vai criando as redes e você vai começando a interagir e quando você vê você não tá sozinho, e se você não tá sozinho. Tá se desenvolvendo o tempo todo. E a gente consegue perceber isso bem claro.

Celina: E comunidade?

Ivoneide: É a gente trabalhar em comum com o outro, de igual, é estar junto. É garantir os nossos espaços sem se preocupar só com as compras, com as bolsas, com as coisas que a gente pode ganhar, mas o que a gente pode repassar, o que a gente pode atender. Então acho que isso é vi ver em comunidade.

Celina: E Economia Solidária?

Ivoneide: Essa confunde mesmo com comunidade, Economia Solidária fala de outros valores, são valores que a gente não consegue ver em uma escala numérica, em uma equação. Eu posso te citar o exemplo do Big brother, a gente até tava falando um dia desses sobre isso: as pessoas entram lá, são super amigas e tudo o mais, mas têm um milhão, tem dois milhões, tem milhões ali, o que leva essas pessoas a se afastarem uns dos outros. Elas entram amigas, trabalham em grupo, depois saem com tudo e vão pro individual. E sai uma pessoa totalmente infeliz. A gente percebe que nos primeiros Big Brother da vida, mas ele sai rico, milionário. E que na Economia Solidária, não, ao contrário, a gente se sente feliz de poder esticar a mão pro outro, por parceiro que chega lá e diz assim: do meu bolso eu não posso tirar, mas o meu parceiro que eu consigo envolver, a gente consegue emprestar uma moeda social, que não visa o lucro. Então, tem outros valores por traz da Economia Solidária que as pessoas não conseguem enxergar. São valores que vão se refletir no próprio o Governo. Porque se eu consigo atender, com o Banco Comunitário alguém que ia pagar uma conta, angustiada só porque ia pagar uma conta, mas eu consigo dar um atendimento, escuto, essa pessoa ela vai ter qualidade de vida, ela vai adoecer menos, ela vai ser menos custo pro Governo então, isso são coisas que não aparecem nas estatísticas. Qualidade de vida, dentro da Economia Solidária, são valores que a gente agrega, leva ao empoderamento, muita coisa.

Celina: E que seria uma Baía do Sol ideal, pra você?

Ivoneide: A Baía do Sol dos sonhos. Ela é um paraíso, é muito bonita. Mas pra mim, seria como as pessoas entenderem que elas são protagonistas da sua história. Que todas essas pessoas entendessem que elas não vieram aqui só nascer por

acaso. Elas nasceram pra contribuir. A gente tem um exemplo na vida cristã: a gente tem uma passagem muito rápida na nossa vida, muito pequena. Jesus morreu com trinta e três anos, mas ele veio pra transformar. Deixou outras pessoas, instruiu os apóstolos. Então é um homem inesquecível, então eu acho que se estamos aqui e somos a imagem e semelhança dele, nós também temos esse papel aqui. Não podemos passar por aqui só deixando a vida passar. A gente tem que fazer a nossa parte e essa parte vai ficando, vai passando valores.

Celina: E qual seu sonho pra sua família?

Ivoneide: Se eu conseguir passar esses valores que eu tenho que é da honestidade, da solidariedade, companheirismo. Se eu conseguir passar esses valores pras minhas filhas. No futuro, a única certeza que eu tenho é a morte. Mas que essa família que eu tenho, que ela consiga também deixar esse legado, a gente vai estar contribuindo muito e essa é a vida que eu sonho. E que elas também consigam construir essa vida mais digna pras pessoas, porque faz bem fazer o bem. Faz mais bem pra gente do que pra quem a gente tá fazendo, eu acho.

Celina: E o Banco ajuda na construção desse sonho?

Ivoneide: O Banco Comunitário, ele se confunde com a nossa história, a gente às vezes até almoça, janta, merenda Banco Comunitário. É muito importante que a gente saiba aonde a gente pode chegar. A gente não tem. Quando a gente fala de banco é outra coisa, é uma instituição financeira, tem um fim, tem um objetivo, ele quer resultado e os nossos resultados são muito diferentes. Quando a gente vê aquela pessoa empoderada, podendo mostrar que a vida foi transformada a partir dali. Agora mesmo uma senhora que chegou por último na reunião, ela veio porque a gente convidou pelo compromisso, pela vida que a gente mudou dela. E a gente consegue ver essa pessoa assim, bem diferente. Ela ficou viúva, era o fim dela, se a gente não estivesse por perto E hoje ela tá passeando, ela tá vivendo, ela tá bem mais diferente. Então não foi o fim da vida dela perder o companheiro, ela hoje conseguiu agregar outros valores na vida dela e a gente fica muito feliz com isso. Então acho que o Banco Comunitário, ele tem esse papel de (ajudar) a trazer a felicidade pro ser humano. E a gente consegue isso muito bem, graças a Deus.

Celina: E como você acha que vai estar o Banco, o Projeto e a sua vida daqui a cinco anos?

Ivoneide: A gente tem agora a oportunidade. A gente tem cinco anos e, a partir daqui, acho que a gente estabiliza um pouco o Banco Comunitário, a gente tem

plano de fazer a Rede Brasileira de Bancos, aqui no Norte tá construindo, tá ajudando a construir e contar com a Rede. O Banco tem Mosqueiro. Esse ano acho que a gente constrói o Banco Cajueiro, ali na área do Carananduba e vamos trabalhar pra que daqui a cinco anos a gente tenha uns três Bancos. E a gente vai estar indo fazer o Centro de Referência aqui, também. E vamos estar ajudando a criar a Associação das Mulheres Emancipadas do Bolsa Família, pra elas saírem dessa coisa de receber a ajuda governamental mas, se empoderar mesmo. A gente quer ser referência no Norte, no Sudeste, no Brasil e no mundo.

Celina: E qual é a história do Projeto Ceci?

Ivoneide: O Projeto Ceci, ele nasce como uma estratégia do Banco Comunitário. Ele é uma estratégia de desenvolvimento, onde a gente tem correspondente bancário pra assegurar o recurso financeiro aqui dentro, a gente tem controle social através dos fóruns e reuniões, e tem também a moeda social e o empréstimo produtivo. Empréstimo produtivo é pra empoderar o empreendedor e o consumo pra garantir que tenha um consumo interno desse recurso que a gente injeta junto a esse empreendimento que vai crescer. Então é uma coisa pensada. Mas quando a gente pensa no Projeto, no programa do Banco, nesse entorno todo, a gente sabe que tem os problemas sociais e entre esses problemas sociais está a degradação da família e a gente trabalha com um programa específico que é o Bolsa Família e a gente conseguiu chegar a essas mulheres e hoje a gente trabalha o Projeto Ceci como o coração do Banco. Porque vai ser a oportunidade que o Banco tem de empoderar as famílias e também de trabalhar o diferencial de todas essas famílias. E essa mulher que é o esteio da casa, que o nome Ceci é “mãe suprema”, essa mulher tem um papel fundamental de educar, de construir o futuro, porque é ela que passa pelas crianças e as crianças vão ser o futuro desse País. Então a gente trabalha o Projeto Ceci nessa perspectiva de empoderamento dessas mulheres, onde elas vão ter as oficinas, vão ter acompanhamento, vão ter palestras, assim vão tá se educando, vão tá educando, vão tá repassando, vão tá transformando vidas delas e de todos que estão em seu entorno. Então o Projeto Ceci vem com esse papel de empoderar as mulheres que são atendidas com o Programa Bolsa Família e tirar elas dessa vida bem parada, bem pacata que elas tem de casa, rotina e trazer elas pra realidade mesmo, que elas é que vão ser protagonistas dessa história.

Anexo 11

Análise de proposta de intervenção: “Projeto CECI – Mulheres”

Autora: Mariana Montoya Delgado¹⁸

Tradução: Milena Fontenele¹⁹

Baía do sol, um lugar onde a cordialidade de sua gente é notável, cuja paisagem é decorada com poucos rios que parecem mares, a vida está em todos os lugares, um rio que rodeia a ilha, uma inesgotável flora que enfeita a vista e diferentes espécies de aves que diariamente visitam o lugar. Esta parte da ilha se caracterizou por ser uma zona de pescadores, zona esta de onde nasce o sol e a lua, de lindos amanheceres, entardeceres e um céu estrelado que ilumina a noite e o rio.

Porém, além disso, a Baía do sol é um lugar que apesar de sua grande riqueza cultural, ambiental e social, sua riqueza econômica é reduzida. Apresenta diferentes problemas sociais, onde a falta de investimento estatal é clara, é um lugar perdido no paraíso, mas também perdido no marco da legislação do país.

Seus habitantes necessitam de uma alta atenção às suas necessidades, conseqüentemente, o trabalho de 5 anos do Banco Comunitário Tupinambá, é braço do Instituto Tupinambá, vem realizando sem antecedentes um caminho para atender as necessidades do lugar e trabalhar pelo desenvolvimento local.

Neste cenário e como resposta a problemática que se vive na Baía, há um ano, o Banco realiza o Projeto Ceci Mulheres, que busca trabalhar com as mulheres beneficiadas pelo programa federal “Bolsa família”.

Desta forma, e para conhecer com maior profundidade o trabalho do Banco Comunitário Tupinambá, o seguinte apresentado pretende realizar uma análise do programa de intervenção mencionado. A Análise será feita com as ferramentas metodológicas MIP – Memória de identificação do projeto - e ODPEME – Organização, Direção, Planejamento, Execução, Monitoramento e Avaliação.

1. M.I.P (Memória de Identificação do Projeto)

PROJETO CECI – MULHERES

Análise de situação (Problemas – necessidades):

¹⁸ Intercambista voluntária da AIESEC, estudante de Sociologia na ICESI - Universidade de Cáli, Colômbia.

¹⁹ Professora de português voluntária do Banco Tupinambá para a tradução deste relatório.

O Banco Comunitário Tupinambá é um projeto de sucesso na comunidade e usa os critérios da Economia Solidaria para promover a inclusão econômica com empréstimos de consumo e produção em moeda social, que é uma moeda específica da comunidade, a juros baixos.

Tendo em conta os princípios e objetivos que busca a Instituição, se identificou na comunidade a necessidade percebida e expressa da situação socioeconômica das mulheres do lugar atendidas pelo programa do governo federal (Bolsa família), onde foi identificado, ser a única fonte de renda de algumas famílias, principalmente das ribeirinhas.

A necessidade de gerar através da produção de bens e serviços, uma renda complementar a essas mulheres, além de acompanhar com assistentes sociais e psicólogos, as mulheres contaram com uma linha de crédito facilitada junto ao banco comunitário, todo esse arcabouço de ações, pretende melhorar a vida das mulheres na comunidade, através da dignidade do trabalho, feito com qualidade e dentro dos preceitos da economia solidária.

As mulheres possuem grande participação na vida social da comunidade, por isso na maioria dos projetos desenvolvidos anteriormente, são as que mais se integram no processo e garantem uma participação efetiva. Especificamente as mulheres do programa Bolsa Família, sempre foram alvos de cursos e palestras com o objetivo de educação financeira e incentivo a produção, a fim de melhorar a forma com que o dinheiro, oriundo desses programas, seja mais bem empregado na vida econômica da comunidade.

Portanto, o Programa busca fortalecer nas mulheres habilidades práticas e sociais, apoia suas necessidades econômicas, as prepara e acompanha passo a passo tudo o que é relacionado a melhorias das condições de vida, favoráveis a continuação de seus planos de vida e ingresso no mercado de trabalho de forma exitosa e sustentável.

Finalidade

Projeto Ceci–Mulheres se consolida como uma iniciativa de inovação social que tem por objetivo a inclusão social das mulheres, construindo um projeto de vida que as distancie da situação de vulnerabilidade social e pobreza, fomentando o empreendedorismo e a criação de uma fonte de renda alternativa.

Objetivos do projeto

- **Objetivo General**

Gerar inclusão socioproductiva, financeira e bancaria das mães beneficiadas pelo programa do governo federal “Bolsa Família” da Baía do Sol – Mosqueiro.

- **Objetivos Específicos**

- ✓ Contribuir para o fortalecimento das habilidades e competências que possibilitem as mães encontrar uma fonte de renda alternativa ao Bolsa Família.
- ✓ Promover o empoderamento das mulheres buscando com que elas tenham maior autonomia e emancipação econômica e política.
- ✓ Oferece um processo de formação para as mães por meio de capacitação técnica, produtiva e acompanhamento social.

Descrição do projeto

Projeto Ceci – Mulheres é um programa que fortalece nas mães suas habilidades para uma vida independente, apoia suas necessidades educativas e as prepara para o mercado de trabalho, acompanhando-as passo a passo em tudo o que é relacionado a projeção para o futuros. O foco do programa implica na aquisição de habilidades práticas e sociais, na experiência prática e na criação de redes afetivas que beneficiam as mães e todos que fazem parte de seus círculos de convivência.

Durante a execução do projeto, são diferentes obstáculos podem surgir, os que se identificam a tempo e planejam soluções alternativas se tornam mais fáceis de serem solucionados. Em seguida são mencionados alguns problemas identificados que demandam uma maior atenção. (o que não quer dizer que se limitam a esses):

Apesar do Banco possuir quase 5 anos, ainda não é reconhecido como uma autoridade competente na comunidade, o que acarreta em falta de apoio aos programas. Isso ocorre porque não existe um entendimento claro das estratégias e objetivos, o que faz com que alguns processos aconteçam de forma lenta.

Para isso é preciso refazer o planejamento, a forma como o banco se relaciona com a comunidade, ficar mais próximo e refazer a estratégia de comunicação como

a citada anteriormente, fazendo com que a mensagem passada seja simples, clara e alcance um impacto maior (comunidade e pessoas externas).

O Banco por ser uma instituição sem fins lucrativos (ONG), não conta com recursos próprios, portanto muitas atividades são interrompidas ou não acontecem por ter financiamento apropriado e constante. O que torna um desafio fundamental ter aliados estratégicos, fontes de financiamento e doações que permitam a execução do projeto, além de serem constantes para não deixar projetos pela metade.

Produtos ou resultados desejados

Espera-se com o projeto Ceci-Mulheres criar processos de inclusão social e a realização de seus projetos de vida aconteçam de forma harmônica. Além disso, visualizar a falta de canais de apoio e a partir disso sejam criadas políticas públicas para salvaguardar os direitos das pessoas em vulnerabilidade social.

Do mesmo modo, ao fomentar processos de desenvolvimento socioprodutivo e a ajuda do banco através da moeda social, espera-se que aumente o consumo e a produção na Baía do Sol, portanto, um desenvolvimento local em que toda comunidade se beneficiam do projeto.

Com o empreendimento das mulheres, capacitações e acompanhamento social durante o processo, espera-se desenvolver a autoestima nas mesmas, outra dimensão desenvolvida: econômica, social e pessoal.

Conforme o avanço do projeto se tem uma grande ambição que é atender a outros problemas que fazem parte do contexto dessas mulheres (como prostituição, drogas, alcoolismo, maltrato familiar), buscando impactar seus familiares e pessoas próximas.

Como foi dito, a realização do projeto precisa de uma fonte de financiamento para que o mesmo seja viável, porém, conseguir que o projeto seja autossustentável, é preciso que a longo prazo caso não tenha financiamento não seja um fator limitante ao projeto e sim que os recursos venham das próprias atividades que promovem.

Desta forma, o projeto busca fortalecer a visão de cidadania e autonomia para o desenvolvimento, reconhecer os benefícios de impulsionar a economia local, viver em comunidade e iniciar um processo de melhoria das relações sociais, busca uma melhora na convivência local.

Recursos requeridos - necessários

Para o projeto acontecer serão necessários os seguintes recursos, que garantirá a continuidade e o funcionamento do mesmo:

- **Materiais:** Adequação do escritório para a realização das atividades.
- **Humanos:**

Coordenador/a de projetos: pessoa encarregada de gerenciar a execução dos programas principais da Instituição e dos projetos que estão acontecendo simultaneamente.

Assistente social e psicólogos: encarregados do acompanhamento que durante o processo se buscar fazer com as mães.

Capacitadores em diversas áreas: Pessoas encarregadas de realizar as capacitações nas diversas áreas nas quais se pretende formar as mulheres beneficiadas do programa.

Pessoal de apoio: A realização de voluntariado, tanto nacional quanto internacional.

Os voluntários realizam atividades de suporte e variam de acordo às necessidades da Instituição; desta forma será necessário que os trabalhos voluntários se organizem da seguinte forma:

- Voluntariado gestor: Será encarregado de socializar os objetivos dos programas e realizar atividades de arrecadação de recursos financeiros e a formação de alianças com o objetivo de divulgar o projeto.

- Voluntário orientador: Apoiar as atividades educativas das mães beneficiadas que estejam no processo de alcançar um maior desenvolvimento e empreendimento econômico, através de aulas, oficinas e capacitações.

-Voluntariado Administrador: organizar eventos, redigir informes, contactar pessoas e instituições sendo um assistente administrativo.

- Voluntário Assessor: realizar acompanhamento específico das estratégias da Instituição, oferecer sugestões e comentários para realizar a realimentação das atividades que estão acontecendo.

- Voluntário oficinairo: Realizar oficinas, debates ou conversar informativas com as mães da fundação e a comunidade em geral.

-Voluntário Comunicador: Encarregado das estratégias de comunicação e marketing da Instituição e tornar conhecido o projeto e a missão da Instituição em geral.

- **Financeiros:**

Aluguel da casa: \$mensal

Créditos para as mães:

Holerite:

TOTAL:

2. ANÁLISIS ODPEME. – Análise ODPEME

O processo de gestão dos programas sociais compreende uma série de funções que são preciso diagnosticar para que se tenha um panorama mais completo sobre o desempenho da organização. Uma das estratégias para realizar o diagnóstico é a análise ODPEME, apresentada a seguir.

Organização

No seguinte esquema se apresenta a maneira como a Instituição executa suas funções. Apesar de não se observar uma estrutura destacadamente vertical ou horizontal, as diferentes instâncias que integram a Fundação estão estreitamente vinculadas, isso se deve também ao tamanho que permite uma melhor comunicação entre as áreas.

Como pode ser visto na estrutura, a direção geral está em diálogo constante e direto com a coordenação de projetos, em razão da concessão a cada novo projeto para a organização e, por outro lado, a gestão dos recursos, uma vez que ele precisa para dirigir o uso de recursos e planejamento orçamentário. Assim, a gestão é encarregada de acompanhar e orientar a equipe técnica da fundação em seus processos e decisões orçamentárias. Da mesma forma, estabelecer uma ligação frutífera com as instituições de proteção, o atual diretor geral tem uma vasta experiência de trabalho nestas instituições.

As áreas de coordenação de projetos e administração de recursos são igualmente fundamentais. A organização do orçamento, as demonstrações financeiras e recursos para estabelecer nos programas e projetos da Fundação são

assuntos levados a uma só pessoa, o que implica em envolver mais pessoas à Instituição. Com um conhecimento dos recursos disponíveis para a execução e manutenção, desde a coordenação de projetos, se gerencia a execução dos programas principais da Instituição (Banco Comunitário Tupinambá e Projeto Ceci-mulheres) e dos projetos que estão acontecendo ao mesmo tempo.

Como parte da estrutura de apoio a Fundação estão os voluntários. Os voluntários participam em todas as áreas da Fundação, desde a parte administrativa, gestão dos projetos até os trabalhos de apoio nos programas que a Fundação oferece. Atualmente os voluntários que o Instituto Tupinambá conta vem da associação com a AIESEC em Belém, eles tem por objetivo ajudar em diferentes processos da organização.

Direção

Desde a direção, deve-se observar como os colaboradores do projeto, da Instituição, desenvolvem suas atividades até a realização dos objetivos.

O trabalho coordenado da equipe e o planejamento das estratégias conforme um orçamento limitado fez com que a Instituição participasse de diferentes concursos de outras instituições e entidades, com o objetivo de conseguir recursos pra mesma. Os recursos que chegam à Instituição, através da modalidade de prêmios e editais de entidades ou doações em conta corrente, os quais são supervisionados e gerenciado pela direção geral.

Realização

Inicialmente se apresenta um breve resumo da história da Instituição e a realização de seus programas:

História do Instituto Tupinambá

O Banco Tupinambá foi o primeiro banco comunitário da região norte, e foi o trigésimo quarto do total de oitenta bancos no Brasil. Os bancos comunitários têm estruturas semelhantes em todo o Brasil. É gerido localmente pelo Instituto Tupinambá, conhecido por sua sigla I.T, e que possui a maioria da equipe voluntária. A missão do Banco é implementar projetos de trabalho e geração de renda através de sistemas de economia solidária primariamente focada na superação da pobreza

urbana e rural. O objetivo é garantir microcréditos para produção e consumo local, com taxas de juros mínimos e sem requisitos para inscrição, comprovante de renda, ou fiador (a confiabilidade do tomador é garantida por vizinhos). A missão é também para fornecer acesso a serviços bancários para os moradores das comunidades mais pobres, que normalmente não teriam acesso a eles nos bancos tradicionais, com base na falta de histórico de crédito ou de garantia financeira e / ou distância física.

Em agosto de 2008 algumas lideranças comunitárias da Baía do Sol foram até Fortaleza - CE conhecer a experiência do Banco Palmas (primeiro banco comunitário do Brasil), que conseguiu transformar a favela do Conjunto Palmeira, em um bairro popular com grande vigor econômico. No mesmo ano fizemos uma parceria com o **Banco Palmas** que nos ajudou a criar o nosso próprio banco comunitário.

Em janeiro de 2009, a **Associação Cultural FM Tupinambá** (em Belém) criou o Banco Tupinambá, uma rede de solidariedade entre produtores e consumidores. A ideia é de implantar programas e projetos de trabalho e geração de renda, utilizando sistemas econômicos solidários, na perspectiva de superação da pobreza urbana local.

O **Banco Tupinambá** é um banco comunitário brasileiro, conhecido formalmente como um "Banco Comunitário de Desenvolvimento" ou BCD, fundado em 2009 na Baía do Sol, um bairro de 7.000 habitantes localizado no Distrito de Mosqueiro, Belém, Pará, Brasil. O Banco Comunitário nasceu com objetivos bem definidos de garantir microcrédito para produção e consumo local a juros baixos, sem exigência de consultas cadastrais, comprovação de renda ou fiador e manter a riqueza produzida pelo bairro no próprio bairro, por aceitar a compra e a venda com a moeda local. Opera sob o princípio da "economia solidária".

.... 2010 – 2013

Novo cronograma de atividades e fases de realização do projeto:

Monitoramento

É necessário revisar os conteúdos trabalhados no Projeto Ceci – Mulheres para saber o que as mães desejam trabalhar, escutar propostas e, além disso, falar de

temas que não são tratados como direitos sexuais e reprodutivos e mecanismos de planejamento familiar.

Neste parágrafo, não se apresenta um modelo para monitoramento do projeto em questão, pois este ainda está em fase de formulação. Porém é importante ter em vista a necessidade de monitoramento para mais adiante.

É fundamental que exista uma relação entre objetivos do projeto, atividades, tempo de cada uma e resultados esperados. Isto de certa forma se converte em um guia para a estrutura do projeto.

Igualmente, é importante ter alguém encarregado deste trabalho. Alguém que acompanhe o progresso das atividades e que gere relatórios sobre o que já foi realizado com o fim de ter um maior controle e medir o alcance do projeto.

Avaliação de impacto

A mensuração do alcance/impacto do Projeto Ceci-Mulheres, pode ser feito através da seguinte matriz:

ATIVIDADE	OBJETIVO	METAS/INDICADORES	RESULTADOS OBTIDOS	COMENTARIOS

- Atividade: Descrição da atividade realizada (pessoa encarregada, duração da atividade, recursos).

- Objetivo: Descrever o objetivo da atividade realizada.

- Metas/indicadores: com metas se define os resultados esperados nas atividades no momento da realização, é importante que sejam realistas. É importante mencionar a forma em que se pensa medir esse impacto (indicadores).

- Resultados obtidos: Escrever o produto de cada atividade (quantitativa e qualitativamente).

- Comentários: Anotações, observações que se desejar realizar antes, durante e depois da atividade.

Estratégia de Comunicação

Esta organização apresenta deficiências em sua comunicação frente ao contexto que a rodeia. A Fundação deve trabalhar neste problema, já que este aspecto recai em elementos chaves para a Instituição, como: a difusão de temas e

conteúdos; as atividades com meios virtuais da organização; também a comunicação com outras entidades; como o fortalecimento de sua imagem corporativa.

Isto ocorre principalmente porque a entidade não conta com pessoas capacitadas no manuseio de equipamentos de informática e administração dos canais virtuais. Contudo, graças a parceria com a AIESEC em Belém se conseguiu o apoio de comunicadores sociais e audiovisuais voluntários que ficaram encarregados de administrar as redes sociais e manter as páginas da Fundação atualizadas. Também se destaca que não há recursos financeiros suficientes o que dificulta os avanços das estratégias de comunicação.

A estratégia de comunicação que poderia ser utilizada se baseia na reestruturação da página web do Instituto, desta maneira divulgar melhor a missão e a visão da organização, como também mostrar as atividades e projetos que o Instituto realiza; além de criar uma interface em Inglês e Espanhol, para melhorar a divulgação do instituto em outras partes do mundo.

Contudo, os esforços realizados até agora resultaram em uma mudança significativa à imagem do Instituto como também sua difusão pela internet. Mas, apesar disso, não se tem uma estratégia de comunicação sólida que se permita um maior conhecimento dentro de sua comunidades. Apesar disso, o Instituto vem mostrando, timidamente, alguns vídeos institucionais no *youtube*, através da página do *facebook* e ultimamente o Instituto vem aparecendo em reportagens em noticiários locais e empresas como Natura, meios pelos quais pouco a pouco se dão a conhecer.

Viu-se a importância que a utilização de ferramentas tecnológicas tem para esse tipo de associações, pois são de ajuda, não só para manter o contexto atualizado, mas sim também, divulgar as ações da organização e encontrar a possibilidade de realizar parcerias intersetoriais que potencializem as atividades da mesma. O uso das redes sociais como *facebook* e a página de internet serve para estar em contato, em dia com as atualizações, assim também como montar redes de apoio e troca com outras organizações parecidas que estão funcionando ao redor do mundo, e no Brasil.

É de grande ajuda na hora de inserir-se na dinâmica do intercâmbio imediato ou do contexto da globalização da sociedade atual e serve precisamente para poder

estabelecer uma ponte de diálogo e informação para fornecer, entre outras coisas, uma atualização das atividades e dos projetos que se realizam na Instituição.

No entanto, a estratégia de comunicação em quanto ferramentas tecnológicas e virtuais parece ser fraca, assim como canais institucionais de divulgação e as estratégias que utilizaram para captar a atenção do público alvo do Projeto e da comunidade em geral.

Estratégia de financiamento

Como estratégias de gestão de recursos para a futura realização dos projetos, se empregam canais externos e internos que os captam de tal maneira que, posteriormente, se organizam em torno da execução dos programas e projetos da entidade. Como canais externos, se geram recursos desde as doações de pessoas físicas (por transferência em conta corrente) e doações de empresas. Assim mesmo, o instituto conta com aliados estratégicos como Caixa Econômica Federal, Natura, Instituto Palmas, Instituto Capital Social da Amazônia e AIESEC.

Por outro lado, a geração interna de recursos se faz através de atividades como bingos e festas, são parte de algumas das iniciativas para arrecadar fundos de apoio aos projetos. Além disso, estas atividades servem para integrar a comunidade, fomentar sua participação e empoderar as mães beneficiadas pelas estratégias do projeto.

Contudo, destaca-se a falta de uma estratégia de financiamento sólida, que ofereça possibilidades do instituto ser autossustentável e que permita-o aumentar seu alcance de ação.

COMENTÁRIOS

É necessário reestruturar o projeto e refazer o cronograma de trabalho (em curso) e estratégias que permitam um melhor desenvolvimento do projeto Ceci-mulheres.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

Desde logo fica garantido o sigilo das informações. Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: Bancos Comunitários de Desenvolvimento: o papel da comunicação na Economia Solidária

Pesquisador Responsável: Celina Leila Chagas de Oliveira Coelho

Telefone para contato (inclusive ligações a cobrar): 91 8100 2929 / 91 3249 5086

Objetivo da pesquisa: analisar o papel da comunicação social para Economia Solidária e o Desenvolvimento Local, no sentido de instrumentalizar os gestores solidários com técnicas de comunicação, especialmente para Bancos Comunitários

♦ CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, Maria Ivoneide do Vale, abaixo assinado, concordo em participar do estudo **Bancos Comunitários de Desenvolvimento: o papel da comunicação na Economia Solidária**, como sujeito. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador **Celina Leila Chagas de Oliveira Coelho** sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve à qualquer penalidade.

Local e data Belém, 13 de Agosto de 2014

Nome: Maria Ivoneide do Vale
Coordenadora do Instituto Tupinambá Tupinambá

Assinatura do sujeito ou responsável:



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

Desde logo fica garantido o sigilo das informações. Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: Bancos Comunitários de Desenvolvimento: o papel da comunicação na Economia Solidária

Pesquisador Responsável: **Celina Leila Chagas de Oliveira Coelho**

Telefone para contato (inclusive ligações a cobrar): 91 8100 2929 / 91 3249 5086

Objetivo da pesquisa: analisar o papel da comunicação social para Economia Solidária e o Desenvolvimento Local, no sentido de instrumentalizar os gestores solidários com técnicas de comunicação, especialmente para Bancos Comunitários

◆ CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, Marivaldo do Vale Silva, abaixo assinado, concordo em participar do estudo **Bancos Comunitários de Desenvolvimento: o papel da comunicação na Economia Solidária**, como sujeito. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador **Celina Leila Chagas de Oliveira Coelho** sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve à qualquer penalidade.

Local e data Belém, 13 de Agosto de 2014

Nome: Marivaldo do Vale Silva
Coordenador do Banco Comunitário Tupinambá

Assinatura do sujeito ou responsável:

Marivaldo do Vale Silva.